

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

TAINARA CRISTINA BASÁGLIA GOES

TEATRO CIENTÍFICO: PROJETOS DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA
VINCULADOS AO CIÊNCIA EM CENA

MATINHOS

2020

TAINARA CRISTINA BASÁGLIA GOES

TEATRO CIENTÍFICO: PROJETOS DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA VINCULADOS
AO CIÊNCIA EM CENA

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial Sustentável, Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Territorial Sustentável.

Orientador(a): Prof. Rodrigo Arantes Reis
Coorientador(a): Prof Emerson Joucoski

MATINHOS

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte
Biblioteca da Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral

G598 Goes, Tainara Cristina Baságlio
Teatro científico: projetos de extensão universitária vinculados ao ciência em
cena / Tainara Cristina Baságlio Goes ; orientador Rodrigo Arantes Reis. – 2020.
150 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral,
Matinhos/PR, 2020.

1. Teatro científico. 2. Extensão universitária. 3. Ciência em cena. I. Dissertação
(Mestrado) – Programa do Mestrado em Desenvolvimento Territorial Sustentável. II.
Título.

CDD – 306.4848



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR LITORAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DESENVOLVIMENTO
TERRITORIAL SUSTENTÁVEL - 40001016081P3

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL SUSTENTÁVEL da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **TAINARA CRISTINA BASÁGLIA GOES** intitulada: **TEATRO CIENTÍFICO: PROJETOS DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA VINCULADOS AO CIÊNCIA EM CENA**, sob orientação do Prof. Dr. RODRIGO ARANTES REIS, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

MATINHOS, 18 de Dezembro de 2020.

Assinatura Eletrônica

18/12/2020 13:17:05.0

RODRIGO ARANTES REIS

Presidente da Banca Examinadora (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

19/12/2020 14:11:53.0

RODRIGO ROSSI HOROCHOVSKI

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

18/12/2020 12:25:23.0

RANGEL ANGELOTTI

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

RUA JAGUARIAÍVA, 512 - MATINHOS - Paraná - Brasil
CEP 83260-000 - Tel: (41) 3511-8371 - E-mail: ppgds@ufpr.br

Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015.

Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 66342

Para autenticar este documento/assinatura, acesse <https://www.prppg.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp>
e insira o código 66342

AGRADECIMENTOS

A ela, que não poderia deixar de ser a primeira da lista, minha companheira Janaina Lemos, que me acompanha e me apoia em todas as decisões de minha vida.

À minha mãe, Suzy, que sempre esteve ao meu lado me dando suporte.

À minha amiga, Ana Carla, por todo apoio e auxílio para que eu não desistisse de concluir essa dissertação.

À toda família HELP, agradeço a união e a disposição para aquecer nossos corações a qualquer hora.

Aos meus amigos lindos e maravilhosos Léo Moita e Daiane Cristina por passarmos juntos momentos horríveis e incríveis nesta pandemia.

Ao Coro Cênico de Curitiba, o grupo que me faz ser uma pessoa melhor todos os dias da minha vida.

À Cia Neperfekta por me trazer tamanha alegria no fazer artístico.

Ao professor Paulo Graziola, por todas as conversas e conselhos carinhosos.

A UFPR Litoral, onde pude aprender tantas coisas e por conta disso me transformar em uma cidadã melhor. Agradeço a formação e oportunidade de estudar em uma instituição de ensino pública, pelas amizades e a chance de estar aqui hoje.

Ao Laboratório Móvel de Educação Científica da UFPR Litoral, que abriu as portas para mim e me acolheu, possibilitando me ser quem eu sou. Foi no LabMóvel onde surgiu a oportunidade de conhecer a divulgação científica e por meio dela tive a oportunidade de desenvolver um projeto de teatro científico. Aos coordenadores do projeto e parceiros de trabalho Antonio Serbena, que sempre apoiou minhas ideias, Rodrigo Arantes Reis e Emerson Jucoski também meus orientadores e mentores nesta grande caminhada que foi o projeto de teatro científico no LabMóvel.

Aos bolsistas e voluntários, Ana Cah, Aniele Faccin, Ellen Oliveira, Eliane Silveira, Lorena Mathozo, Luca Cruz, Mariana Diniz, Marina Werner, Paulo Fonseca, Su Monteiro e Ulisses Andrade; tudo que foi construído e feito nesses anos de teatro científico não faria sentido sem a ajuda e a participação de vocês.

Ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial Sustentável meus sinceros agradecimentos por essa oportunidade.

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo trazer um levantamento no território brasileiro sobre Teatro Científico e seus principais grupos vinculados às universidades, buscando conhecer e entender os processos de trabalho que se aproximassem da discussão territorial, da divulgação científica e do desenvolvimento regional. A presente dissertação foi elaborada a partir das experiências obtidas pela autora ao integrar o Laboratório Móvel de Educação Científica (LabMóvel) da Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral, onde iniciou sua pesquisa e implementou a abordagem científica para o teatro no Município de Matinhos e demais municípios do Litoral paranaense. Este levantamento foi feito através de pesquisas de artigos acadêmicos, encontros presenciais de grupos por meio do Encontro Nacional de Teatro Científico Ciência em Cena, entrevistas online com três professoras coordenadoras dos principais projetos de teatro científico nacional, cuja experiência é de extrema relevância na área da Divulgação Científica e Teatro Científico no Brasil. Foi feita uma breve discussão de como esses grupos se desenvolviam enquanto divulgadores científicos em suas respectivas cidades e regiões. Assim, foram discutidas questões de como desenvolver atividades como o Teatro Científico em espaços no ambiente escolar e na sociedade das determinadas regiões onde os grupos realizavam suas atividades. Constatou-se que os grupos de Teatro Científico no Brasil, estão em sua maioria ligados a instituições públicas, e realizam excelentes trabalhos mesmo em meio a dificuldade de subsidiar seus projetos. Não existe dentro dos grupos uma verdadeira noção de Desenvolvimento Territorial Sustentável (DTS), todavia todos apresentam aspectos importantes no que se refere ao desenvolvimento sócio educacional de suas regiões, sendo um aspecto que pode ser mais aprofundado pela ótica do DTS.

Palavras-chave: Teatro Científico 1. Divulgação Científica 2. Desenvolvimento Territorial 3. Ciência em Cena 4. Desenvolvimento Regional 5.

ABSTRACT

This work aimed to bring a survey in the Brazilian territory about Scientific Theater and its main groups linked to universities, seeking to know and understand the work processes that approach territorial discussion, scientific dissemination and regional development. This dissertation was elaborated from the experiences obtained by the author when integrating the Mobile Laboratory of Scientific Education (LabMóvel) of the Federal University of Paraná - Setor Litoral, where she started her research and implemented the scientific approach to theater in the Municipality of Matinhos and others municipalities on the Paraná coast. This survey was carried out through research of academic articles, face-to-face group meetings through the National Meeting of Scientific Theater *Ciência em Cena*, online interviews with three coordinating professors of the main projects of national scientific theater, whose experience is extremely relevant in the area of Scientific Dissemination and Scientific Theater in Brazil. A brief discussion was made of how these groups developed as scientific disseminators in their respective cities and regions. Thus, issues of how to develop activities such as the Scientific Theater in spaces in the school environment and in the society of certain regions where the groups carried out their activities were discussed. It was found that the Scientific Theater groups in Brazil, are mostly connected to public institutions, and perform excellent works even in the midst of the difficulty of subsidizing their projects. There is no true notion of Sustainable Territorial Development (STD) within the groups, however all of them present important aspects with regard to the socio-educational development of their regions, an aspect that can be further developed from the perspective of STD.

Keywords: Scientific Theater 1. Scientific Dissemination 2. Territorial Development 3. Science on the Scene 4. Regional Development 5.

SUMÁRIO

1.	MEMORIAL	13
1.1	LABMÓVEL	14
1.2	PEÇAS DE TEATRO CIENTÍFICO REALIZADAS PELO LABORATÓRIO MÓVEL	16
1.2.1	BLACKOUT	17
1.2.2	O DIA EM QUE O BRÓCOLIS SALVOU A TERRA	18
1.2.3	O CONTO DAS CONTAS	19
2.	JUSTIFICATIVA	21
3.	OBJETIVOS	24
3.1	OBJETIVO GERAL	24
3.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	24
4.	REVISÃO DE LITERATURA	25
4.1	DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL SUSTENTÁVEL	25
4.2	DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E DESENVOLVIMENTO	30
4.2	TÉCNICAS DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: EDUCAÇÃO FORMAL E INFORMAL	38
4.3	TEATRO CIENTÍFICO	41
4.4	ECODESENVOLVIMENTO E TEATRO: A REGIÃO DO LITORAL PARANAENSE	45
5.	METODOLOGIA/MATERIAL E MÉTODOS	47
5.1	PESQUISA BIBLIOGRÁFICA	48
5.2	PESQUISA DE CAMPO	49
5.2.1	QUESTIONÁRIO	50
5.2.2	ENTREVISTAS	53
6.	APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS	55
6.1	O TEATRO CIENTÍFICO NA VISÃO DE SEUS AUTORES	55
6.2	VOZES DO TEATRO CIENTÍFICO: ENTREVISTAS COM GRUPOS FOCAIS	57

6.2.1 GRUPO I	57
6.2.2 GRUPO II	58
6.2.3 GRUPO III	59
6.2.4 GRUPO IV	61
6.3 VOZES DO TEATRO CIENTÍFICO: ENTREVISTAS COM COORDENADORAS DE PROJETOS	64
6.3.1 ENTREVISTA 1 - COORDENADORA I	64
6.3.2 ENTREVISTA 2 - COORDENADORA II	66
6.3.3 ENTREVISTA 3 – COORDENADORA III	67
6.4 ANÁLISE DOS RESULTADOS	68
6.4.1 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	70
6.4.1.1 Discussão Territorial	70
6.4.1.2 Divulgação Científica	72
6.4.1.3 Desenvolvimento Territorial	76
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
REFERÊNCIAS	82
ANEXOS	88
ANEXO I – SINOPSE DAS PEÇAS APRESENTADAS	88
ANEXO II – MODELO QUESTIONÁRIO	91
APÊNDICES	93
APÊNDICE 1 – ENTREVISTA COM GRUPO FOCAL I	93
APÊNDICE 2 – ENTREVISTA COM GRUPO FOCAL II	101
APÊNDICE 3 – ENTREVISTA COM GRUPO FOCAL III	105
APÊNDICE IV – ENTREVISTA COM GRUPO FOCAL IV	112
APÊNDICE V – ENTREVISTA COORDENADORA I	120
APÊNDICE VI – ENTREVISTA COORDENADORA II	137
APÊNDICE VII – ENTREVISTA COORDENADORA III	146

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - PALAVRAS-CHAVE USADAS PARA A BUSCA.....	48
QUADRO 2 - CATEGORIAS A PRIORI E EMERGENTES.....	69

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – FORMAÇÃO ACADÊMICA	51
TABELA 2- LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DOS GRUPOS DE TEATRO	52
TABELA 3– TEMPO DE PROJETO.....	52
TABELA 4 - NÚMERO DE PEÇAS MONTADAS	55
TABELA 5- TEMÁTICAS CIENTÍFICAS TRABALHADAS NAS PEÇAS	55

LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

CAPES	- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
C&T	- Ciência e Tecnologia
CT&I	- Ciência, Tecnologia e Inovação
CNPq	- Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CTS	- Ciência, Tecnologia e Sociedade
DC	- Divulgação Científica
DEPDI	- Departamento de Difusão e Popularização da Ciência
EUA	- Estados Unidos da América
ECC	- Espaços de Ciência e Cultura
EDS	- Educação para o Desenvolvimento Sustentável
DEPID	- Departamento de Difusão e Popularização da Ciência e Tecnologia
LabMóvel	- Laboratório Móvel de Educação Científica
MA	- Maranhão
MCTI	- Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação
MCTIC	- Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovação e Comunicações
MG	- Minas Gerais
PACTI	- Plano de Ação em Ciência, Tecnologia e Inovação
PLACTS	- Pensamento Latino Americano em Ciência, Tecnologia e Sociedade
PPPC	- Políticas para Popularização da Ciência
PR	- Paraná
PROVAR	- Programa de Ocupação de Vagas Remanescentes
RED POP	- Rede de Popularização da Ciência e Tecnologia na América Latina e Caribe
Reuni	- Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais
RN	- Rio Grande do Norte
SECIS	- Secretaria da Ciência para Inclusão Social
UEMA	- Universidade do Estado do Maranhão
UERN	- Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
UFPR	- Universidade Federal do Paraná
UFSCar	- Universidade Federal de São Carlos

Unesco - Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura
UNICAMP - Universidade de Campinas

- **MEMORIAL**

Produtora cultural há seis anos no estado do Paraná. Comecei minha carreira na cidade de Matinhos (PR) na Cia. de Teatro da UFPR Setor Litoral, no ano de 2013. Tenho participação em grandes produções, como os Festivais de Teatro da cidade de Paranaguá - PR, eventos artísticos e culturais em Matinhos e outras produções artísticas na cidade de Curitiba. Em 2015, em Matinhos, integrei a Cia da Maré onde trabalhei como atriz e produtora até o ano de 2017. Junto ao corpo discente da UFPR - Litoral idealizei e realizei o projeto "Teatro Musical como Inclusão Social, Projeto de Teatro Científico no Litoral do Paraná" nos anos de 2014 até 2019. Hoje em Curitiba, atuou como produtora cultural no Coro Cênico de Curitiba, da Cia Neperfekta, da Banda Charles Racional e da cantora Airô Barros.

Iniciei minha carreira acadêmica e teatral na Universidade Federal do Paraná Setor Litoral em 2011, quando ingressei no Curso de Saúde Coletiva estudando no período noturno. Nesta mesma época entrei para a Cia de teatro da UFPR Setor Litoral, a convite de uma amiga, foi nesse convite que meu interesse no teatro apareceu. Levava o curso de saúde coletiva em paralelo com diversas atividades de teatro, com o qual fui me envolvendo cada vez mais. No ano de 2013, trabalhando intensamente nos projetos Cia, resolvi migrar para o Curso de Licenciatura em Artes, através do edital PROVAR (Programa de Ocupação de Vagas Remanescentes), contudo não obtive aprovação. Porém continuei trabalhando intensamente com o teatro, me envolvendo ainda mais com projetos na área, estudando e pesquisando teatro de forma autônoma.

No ano seguinte, 2014, iniciei como colaboradora no projeto experimental "Teatro Musical com Inclusão Social". No mesmo ano, no mês de maio fui selecionada para integrar o quadro de bolsistas do Programa LabMóvel, na área de organização de eventos. Em conversas com os coordenadores do Programa, foi descoberto que eu fazia teatro já, a quatro anos na época, e foi feita a proposta de iniciar um projeto na área de Teatro Científico, desconhecida por mim até então. Depois dessa conversa, fiz pesquisas para entender melhor essa área do teatro. Porém o projeto não prosseguiu, devido a minha saída do país em 2015, para um intercâmbio com o projeto de teatro musical na Argentina. Contudo, o projeto de Teatro Científico ficou incubado até o meu regresso ao Brasil.

Com meu regresso do intercâmbio, juntamente com o LabMóvel, formamos um grupo para iniciarmos a primeira montagem de um espetáculo de Teatro Científico. O Projeto Teatro Científico e Ensino de Ciências no Litoral do Paraná tem como objetivo proporcionar um espaço de divulgação da ciência diferenciado no qual a Ciência vinculada à Arte possa contribuir em uma ação de sensibilização que possa tornar processo de ensino-aprendizagem mais dinâmico e interativo, proporcionando aos estudantes e professores da educação básica do Litoral do Paraná, um novo espaço de ensino e com recursos que as escolas, em sua maioria, não possuem.

Nesse sentido, a partir do ano de 2015, com a estreia do espetáculo *Blackout*, O Programa LabMóvel vem realizando atividades relacionadas ao Teatro Científico, com a contratação de roteiros e produção de peças teatrais apresentadas para diferentes públicos. As escolhas dos temas das peças seguiram a temática da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia (SNCT) de cada um destes anos. A SNCT é um evento anual promovido, desde 2004, pelo Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC), da qual desde 2009 o Programa Laboratório Móvel de Educação Científica da UFPR Litoral é o representante regional. Os temas escolhidos além de serem temas científicos, possibilitam uma abordagem para reflexões políticas e sociais.

As peças produzidas pelo LabMóvel foram:

- a) SNCT 2015: Luz, Ciência e Vida - Espetáculo: *Blackout*;
- b) SNCT 2016: Ciência Alimentando o Brasil - Espetáculo: *O Dia em que o Brocolis Salvou a Terra* (2016); e
- c) SNCT 2017: A Matemática está em Tudo - Espetáculo: *O Conto das Contas*.

1.1 LABMÓVEL

O Laboratório Móvel de Educação Científica da UFPR Litoral (LabMóvel) é um programa de extensão em divulgação científica, que trabalha em parceria com as escolas públicas da região do Litoral do Paraná e tem como uma de suas atuações proporcionar aos estudantes e professores da rede pública do ensino básico e superior a possibilidade de acompanhar espetáculos teatrais com temas científicos.

O Programa LabMóvel, concebido a partir de um diagnóstico sobre a realidade do ensino das Ciências no Litoral do Paraná tem como foco, dada a realidade local, a

realização de processos pedagógicos, que caminham pela sensibilização e pela educação científica, especialmente nas áreas ambientais e saúde com o objetivo de conscientizar a população local para preservar e promover a saúde no ambiente natural da região inserida em um local de grande pressão antrópica e desenvolvimentista.

O LabMóvel mostra-se comprometido com um projeto educacional que visa formação permanente da cidadania e o aumento da qualificação científico-tecnológica da sociedade, buscando conciliar a aquisição do saber local acumulado com a construção do saber pelo estudante. O que se deseja garantir não é a formação de “pequenos cientistas”, mas a vivência para a aquisição do conhecimento, ao menos em nome de um referencial cultural a que tem direito o ser humano em seu espaço histórico. Nesse sentido, atividades como o Teatro Científico tornam-se significativas no contexto educacional do ensino de ciências e divulgação científica no Litoral do Paraná

. Trabalhar no LabMóvel mostrou-se muito importante para o caminho percorrido pela presente pesquisa. Foi através dessas vivências no projeto, dos três espetáculos que montados, dirigidos e construídos, que foi possível chegar até aqui. Logo após o regresso ao Brasil, do intercâmbio na Argentina, percebi que era possível finalizar a graduação em Saúde Coletiva e trabalhar com Teatro, era preciso encontrar um meio de unir essas duas vertentes. O Teatro Científico foi esse meio.

O primeiro espetáculo - Blackout (2015) – quando foi produzido, essa visão ainda não estava tão clara dentro da minha trajetória acadêmica. O que mudaria no ano seguinte, último ano (2016/2017) no curso de Saúde Coletiva, onde era preciso desenvolver meu trabalho de conclusão de curso. Na época, o objetivo escolhido foi fomentar a relevância do Teatro Científico na área da Saúde Coletiva, por meio da Promoção da Saúde na Educação. Esse projeto teve três eixos de atuação: a *valorização da Arte*, fomentando a *Educação Alimentar*, através de *temas importantes na área da Saúde*, como por exemplo, doenças causadas pela má alimentação. O resultado foi o espetáculo “O Dia em Que o Brócolis Salvou a Terra”, essa peça traz conceitos básicos de Saúde, Teatro e Educação, que podem ser aprofundados e discutidos através da Divulgação Científica e a Promoção da Saúde.

Através da minha banca de trabalho de conclusão de curso, percebi que poderia investir na pesquisa do Teatro Científico. O Projeto Teatro Científico e Ensino

de Ciências no Litoral do Paraná, modificou meu ver para os caminhos no teatro e para minha própria *persona*, na qual me compreendi como divulgadora científica.

A partir de 2017, iniciei o projeto de mestrado, e assim o leque de possibilidades foi abrindo-se na minha trajetória acadêmica. O último projeto iniciado enquanto colaboradora do LabMóvel, foi a direção do espetáculo “O Conto das Contas”, que tem como foco a área da Matemática, e a partir dele nasceu esse projeto de mestrado. Culminando com uma turnê pelo Litoral do Paraná, revisitando os antigos espetáculos, em várias cidades da região.

1.2 PEÇAS DE TEATRO CIENTÍFICO REALIZADAS PELO LABORATÓRIO MÓVEL

O Projeto Teatro Científico e Ensino de Ciências no Litoral do Paraná, conta atualmente com três espetáculos montados, voltados principalmente para os alunos da Educação Básica. Foi possível atingir um grande público com nosso projeto, apresentando-se em diversas escolas e cidades da região do litoral paranaense, conseguimos apresentar todas as cidades do litoral, Matinhos, Guaratuba, Pontal do Paraná, Morretes, Antonina, Paranaguá e Guaraqueçaba até outras cidades do Paraná como Curitiba, Mandirituba e Jandaia do Sul. Participamos de festivais, Festival de Teatro de Paranaguá nos anos de 2015, 2016, 2017 e 2018. O Festival de Teatro de Pontal do Paraná em 2017 e 2018. Em 2017 participamos como uma das atrações do 27º Festival de Inverno da UFPR na cidade de Antonina. Conseguimos participar no ano de 2018 no VII Ciência em Cena Festival de Teatro e Divulgação Científica, na cidade de Macaé - RJ.

Todas essas ações foram realizadas no decorrer de 5 anos de projeto, com um trabalho pautado no Desenvolvimento da Região do Litoral do Paraná, visando dessa forma levar informação ao máximo de pessoas possível. Desenvolver o Teatro Científico em uma região como a do Litoral do Paraná, é uma maneira de poder levar a Divulgação Científica de forma lúdica e educacional. Atividades como essas de Teatro Científico, acabam se transformando naturalmente em ações que fazem uma região desenvolver seja no âmbito educacional seja no âmbito científico, pois ela se apresenta como uma forma de introduzir assuntos de temática científica em um momento de lazer do cotidiano das pessoas, e que apresenta um retorno positivo, foi possível constatar isso com o acompanhamento do trabalho realizado pelo projeto, através do *feedback* recebido das escolas e do público ao final das apresentações ou

mesmo contatos realizados muito tempo depois de assistidos os espetáculos. A importância da informação e do conhecimento no mundo contemporâneo tem sido usualmente associada ao desenvolvimento da determinada região que está sendo beneficiada pelas atividades.

Os temas abordados seguem a linha temática da SNCT, de cada ano em que a montagem foi realizada, de forma a levar conhecimento e proporcionar uma alternativa pedagógica de ensino para as comunidades das regiões atendidas, com o foco principal de divulgar a ciência.

1.2.1 BLACKOUT

A ideia que deu origem ao espetáculo surgiu através de discussões na equipe do LabMóvel, tendo como pano de fundo a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia de 2015, cujo tema era “Luz, Ciência e Vida”.

A narrativa propõe através de uma linguagem fácil, ágil e divertida explicar de para crianças e adolescente os fundamentos científicos da luz e a definição de que ondas são pulsos energéticos, as quais se propagam pelo espaço transportando energia. Explica também que a luz visível, como o nome já diz, é o espectro de ondas percebidas pelo olho humano.

O espetáculo foi apresentado entre os meses de outubro e novembro de 2015. Ocorreram cinco apresentações no Teatro Municipal Rachel Costa, no município de Paranaguá - Litoral do Paraná, com público estimado de 1.200 pessoas, prioritariamente composto por estudantes do ensino fundamental e médio de escolas públicas da região do litoral, professores de educação básica e graduandos dos cursos de licenciatura da UFPR.

No mês de março de 2016 ocorreram três apresentações na Mostra Fringe do Festival de Teatro de Curitiba, no Auditório Carteiro Osvaldo Teixeira na capital paranaense. Cerca de 200 pessoas assistiram à peça, com público composto por crianças de várias faixas etárias, adolescente e adultos.

Em abril de 2016, teve sua primeira apresentação no Setor Litoral da UFPR, no Auditório Juliano Fumaneri Weiss. Contou com um público de aproximadamente 350 pessoas em sua única apresentação, composto por alunos da Universidade, estudantes oriundos da rede pública de Matinhos e pessoas da comunidade. Em 2017 foi apresentada no Teatro da Reitoria da UFPR em Curitiba com um público de

cerca de 400 pessoas.

Em 2018 o espetáculo voltou a ser apresentado, em um outro formato, de uma forma mais itinerante que possibilitava sua apresentação em escolas, sem muitos recursos de técnica e estrutura de palco. Foram feitas algumas apresentações pelo Litoral do Paraná: Em Guaratuba, na escola Zilda Arns Neumann com duas apresentações, para cerca de 400 alunos; em Morretes, no Colégio Estadual Rocha Pombo, com uma única apresentação para 400 pessoas; em Antonina no Colégio Estadual Prof.^a Maria Arminda, com duas apresentações, para cerca de 300 alunos; em Matinhos, na Escola Estadual Prof.^a Abigail Dos Santos Correa, com duas apresentações, para cerca de 200 alunos. No ano de 2019 participamos da programação do “Verão UFPR Setor Litoral” com 5 apresentações durante o mês de fevereiro com um público total de aproximadamente 600 pessoas.

1.2.2 O DIA EM QUE O BRÓCOLIS SALVOU A TERRA

Após a definição do tema da SNCT de 2016, a equipe LabMóvel, através de várias reuniões, discutiu a abordagem científica que foi realizada na peça, as possibilidades teóricas e artísticas que fizeram parte do espetáculo visando um olhar mais técnico na promoção de saúde pensando nos fatores determinantes e condicionantes da saúde e dispondo sobre as condições para a promoção alimentar do indivíduo como um todo.

A partir dos pressupostos da importância do teatro enquanto agente transformador e viabilizador de processos educacionais alternativos, podemos verificar sua potencialidade enquanto instrumento que abrange linguagens e culturas diversas. Neste sentido, o potencial de utilização o teatro e suas concepções e técnicas em projetos inseridos na comunidade escolar através de processos reflexivos que focam a importância da alimentação saudável e da ciência com relação à Segurança Alimentar e Nutricional se apresentaram com uma grande oportunidade de abordar a temática da SNCT 2016 - “Ciência Alimentando o Brasil”

Partindo daí o início da escrita do texto com os seguintes subtemas abordados:

- Maus hábitos alimentares;
- Má distribuição de alimentos na população;

- Obesidade;
- Doenças (diabetes, hipertensão, cardiovasculares);
- Consumo de carne e sua produção;
- Agrotóxicos e transgênicos;
- Publicidade infantil na alimentação;

Temas apresentados com o propósito a melhoria das condições de alimentação, nutrição e saúde da população, mediante sempre a promoção das práticas alimentares de saúde.

O espetáculo foi apresentado entre os meses de outubro, novembro e dezembro de 2016. Durante este período ocorreram várias apresentações nos municípios do Litoral do Paraná: Matinhos com três apresentações, Paranaguá com uma apresentação, Antonina duas apresentações, Guaraqueçaba duas apresentações e Morretes também com duas apresentações. Num total de dez apresentações, em três meses, com 2.500 espectadores, o público foi composto por estudantes do ensino fundamental e médio de escolas públicas da região, professores de educação básica e graduandos dos cursos de licenciatura da UFPR.

Em março de 2017 refez-se uma apresentação no Setor Litoral da UFPR, na Semana do Calouro, no Auditório Juliano Fumaneri Weiss, que contou com um público de aproximadamente 350 pessoas, composto por alunos da Universidade, estudantes oriundos da rede pública de Matinhos e pessoas da comunidade.

1.2.3 O CONTO DAS CONTAS

No ano de 2017 o projeto de Teatro Científico do LabMóvel já estava entrando no seu terceiro ano, com histórico de ações já consolidadas e gerando expectativas na comunidade regional que acompanhava o trabalho do projeto. A temática da SNCT neste ano foi “Matemática está em Tudo”. Diante disso foi feita parceria com Rafael Souza, professor de Matemática da rede pública, da cidade de Matinhos que se disponibilizou em ajudar na construção do roteiro da peça, contribuindo com a escolha dos conteúdos e auxiliando os atores a criarem as cenas sobre a história da matemática e seus principais filósofos e conceitos.

O *Conto das Contas* foi construído com características da linguagem de teatro musical, canto, dança e atuação. Neste processo os atores (maioria estudantes)

envolvidos tiveram algumas aulas de canto e trabalhos corporais baseados na dança teatro. Foram três meses de trabalho de preparação. Em um universo onírico e divertido a proposta foi realizar uma viagem, conhecer um pouco mais sobre a história da matemática.

A estreia do O Conto das Contas aconteceu na dependências da UFPR setor Litoral no II Simpósio Brasileiro de Desenvolvimento Territorial Sustentável, e teve como objetivo preparar a equipe, considerando que a equipe é composta por estudantes de graduação dos cursos de Licenciatura em Ciências, Saúde Coletiva, Licenciatura em Artes, Gestão Ambiental e Agroecologia, para as próximas apresentações do espetáculo que aconteceram em escolas e teatros do Litoral do Paraná (Matinhos, Guaratuba, Pontal do Paraná Morretes, Antonina, Guaraqueçaba e Paranaguá).

Além da estreia, onze apresentações foram realizadas, uma no Teatro Municipal Rachel Costa em Paranaguá durante o FESTPAR (Festival de teatro de Paranaguá), e mais duas apresentações na UFPR Litoral, Guaratuba com duas apresentações, Guaraqueçaba com duas apresentações e em Pontal do Paraná no Festival de Teatro com uma apresentação.

Também foram realizadas duas apresentações em Jandaia do Sul, cidade que conta com um Campus da UFPR. Fechamos o ciclo de apresentações no ano de 2018 no Festival Nacional de Teatro Científico “Ciência em Cena”, que aconteceu no município de Macaé - RJ, alcançando um público de aproximadamente duas mil pessoas no decorrer de todas as apresentações.

Desenvolver uma atividade educacional como esta proporciona aos estudantes de graduação que participam do projeto a possibilidade de diálogo entre a ciência e a sociedade e como abordar e discutir temas científicos tão presentes no cotidiano de todos nós.

Para os estudantes de licenciatura é um espaço complementar muito importante na sua formação, pois ele consegue desenvolver ações para além da abordagem de sala de aula, que predomina na formação do futuro professor, e esses estudantes podem ver como a relação Arte e Ciência pode funcionar na prática. Os estudantes de outros cursos têm a oportunidade de trabalhar essa temática tão importante de diferentes formas para esses cursos diretamente com estudantes da educação básica, e contribuindo para a formação e olhar mais críticos desses atores sociais.

- **JUSTIFICATIVA**

Estades (2003) traz uma análise a respeito da questão premente no litoral paranaense: a região possui uma grande área coberta de mata nativa, com uma biodiversidade surpreendente de uma singular beleza; não obstante, esse quadro idílico é combinado com o crescente *boom* demográfico e com a atividade portuária, que acabam por exercer pressão para que um contingente cada vez maior de pessoas oriundas de outros locais se estabeleçam na região em busca de oportunidades, muitas vezes inexistentes, o que por sua vez acaba exercendo pressão antrópica sobre os recursos do meio ambiente aumentando a pobreza da região e impactos ambientais

Desta forma, cria-se uma dicotomia aparente: uma região com imenso potencial econômico-social sendo desenvolvida de maneira forçada, irresponsável e desordenada pelo poder público, com a anuência silenciosa da população local, que está despreparada para aproveitar as potencialidades e os recursos que a região oferece. É a lógica perversa do capitalismo que preconiza o retorno imediato em detrimento do futuro. Contudo, qual seria a alternativa a essa dicotomia? Para Cavalcanti (2012) a solução passa inicialmente pela compreensão do que vem a ser desenvolvimento.

Segundo o autor, existe uma compreensão equivocada do desenvolvimento e crescimento no sentido de expansão, e ao mesmo tempo sustenta que a abordagem ideal é a compreensão de que desenvolvimento está intimamente ligado aos conceitos de mudança ou evolução (no sentido científico). Esta ideia, por sua vez, está intimamente ligada ao empoderamento das pessoas, a possibilidade de elas escolherem e decidirem aquilo que melhor convém. Desta forma, o plano econômico estaria subordinado à escala que a natureza fornece para a atividade humana, ou seja, em vez de uma expansão da atividade (crescimento quantitativo, motor de desigualdades), haveria o desenvolvimento horizontal, pontuado pela integração entre os hábitos da cultura local com a preservação e/ou exploração racional dos recursos presentes, objetivando uma relação de longo prazo.

Contudo, a maior parte da população carece de conhecimento sobre o que é desenvolvimento sustentável. Muitas pessoas inclusive acreditam que se trata apenas de proteger o patrimônio natural em detrimento do bem-estar das pessoas. A ideia distorcida de que desenvolvimento é crescimento expõe a todos a vulnerabilidade dos

processos destrutivos para o próprio ambiente em que vivem. Segundo Tiepolo (2015), conseqüentemente uma parte considerável da população autóctone do litoral está lentamente sendo oprimida, fragilizada com o silêncio tácito de toda a população, que por ignorância ou omissão permitem que o poder público de um lado hostilize esses grupos, por outro permita a crescente exploração econômica por grupos empresariais, muitos sem qualquer vínculo com as comunidades locais, acelerando assim o processo antigo de desterritorialização.

Comumente, os problemas educacionais são tratados de maneira fragmentada e desarticulada. Da mesma forma, nota-se a dificuldade em trazer à prática o discurso da complexidade e da interdisciplinaridade na rotina escolar. Considerando que “ensinar exige a convicção de que a mudança é possível” (FREIRE, 1996, p.46), encontrar mecanismos de veiculação de informação que tragam um panorama sobre problemáticas interligadas com as necessidades locais faz parte de um importante de processo educacional, que conscientiza o cidadão, que o identifica com seu ambiente e abre possibilidade de questionamentos sobre sua realidade.

É imprescindível que práticas educacionais possam incentivar a reflexão e o posicionamento dos estudantes no espaço em que vivem. Neste caso, em especial no que tange o litoral e o remanescente de Mata Atlântica que abrigamos, fazem-se necessárias iniciativas educacionais de caráter ecoformativo, conceito que constitui e é constituído por práticas que envolvam o diálogo entre a humanidade e a natureza, assim como os recursos, a paisagem e a matéria (SILVA, 2008).

Assim, surge a necessidade de integração interdisciplinar e transdisciplinar do conhecimento científico e a construção de um vasto sistema de educação para o desenvolvimento territorial sustentável (VIEIRA, 2009). A fragmentação dos conteúdos nas salas de aula e nas experiências em educação ambiental não contribuem para salientar as múltiplas dimensões do ecodesenvolvimento, que deve ser pensado de forma transdisciplinar, no qual os critérios ecológicos se relacionem com os processos e práticas locais (ALCÂNTARA *et al.*, 2015).

O Teatro Científico é uma maneira de realizar essa tarefa, pois de acordo com Montenegro *et al.* (2005) o teatro é uma construção coletiva, cuja própria formatação permite ir além da educação não-formal, servindo como instrumento para o desenvolvimento do senso crítico e cidadania, desmistificando preconceitos ou ideias erroneamente difundidas mediante a simplificação de conceitos, transmitidos ludicamente, de maneira leve e descontraída, indo além da conceituação de

alfabetização científica tripartite proposta por Moreira e Marandino (2015, p. 512): “conjunto de propósitos para uma reforma do ensino de ciências, metáfora para expressar as finalidades e objetivos da educação em ciências, e mito cultural – utopia a se seguir como promoção ao acesso à ciência”. Assim, é possível que o debate gerado resulte no empoderamento da própria comunidade, em consonância com a definição de Guimarães e Silva (2017, p. 03) que abordam o teatro como um mecanismo que “contribui para a mediação entre cognição, o mundo e as emoções”, possibilitando o desenvolvimento do aprendizado de forma atrativa e expressiva, enquanto estimula simultaneamente a construção do conhecimento de forma coletiva.

Esse trabalho nasce em uma região que vive em meio a grandes dificuldades de desenvolvimento de seu território, principalmente por uma falta de concordância em como promover esse desenvolvimento. E essa realidade, que se repete em tantos outros territórios brasileiros, carece de uma população que tenha meios de se apropriar do conhecimento necessário para promover o desenvolvimento regional de maneira sustentável. Nesse sentido, a educação apresenta um importante papel, pois é através dela que é possível promover mudanças de mentalidade e criar relações do sujeito com seu ambiente. O teatro científico é uma estratégia educacional alternativa, que pode levantar essas questões territoriais de desenvolvimento por meio da ciência, e levar conhecimento à pessoas em diferentes contextos contribuindo para que as populações consigam lançar novos olhares sobre seus territórios.

- **OBJETIVOS**

3.1 OBJETIVO GERAL

Trazer um levantamento a partir do território brasileiro, de grupos de Teatro Científico, investigando como se dá os processos de trabalho desses grupos e identificando quantos deles têm um trabalho voltado à discussão territorial, Divulgação Científica e desenvolvimento regional.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Compreender como o Teatro Científico vem se desenvolvendo enquanto área pedagógica de divulgação da ciência, sobretudo no território brasileiro.
- Realizar um levantamento de grupos e peças de teatros no Brasil para determinar como ele é abordado em diferentes regiões.
- Realizar uma pesquisa diretamente com os grupos que trabalham com a Divulgação Científica a partir da discussão territorial, compreendendo seu processo de trabalho.

4 REVISÃO DE LITERATURA

De acordo com Severino (2014) a pesquisa seja ela positiva, experimental, de campo ou bibliográfica, se apresenta como a segunda fase do amadurecimento de um trabalho. É nesse momento que as hipóteses levantadas serão confrontadas com outras ideias, fatos e objetivos, que irão contribuir para o amadurecimento do construto em questão.

Na pesquisa bibliográfica é necessário que o pesquisador leve em consideração a natureza e objetivos do trabalho, além de cruzar perspectivas amplas e particulares, novas e clássicas. A técnica bibliográfica objetiva a descrição de documentos e livros por similaridade (autor, gênero, conteúdo, data, etc.). Com o advento da internet foi possível ampliar os horizontes informacionais das pesquisas, tendo grande volume de informações disponíveis em pouco tempo, o desafio agora é delimitar corretamente os critérios de pesquisa.

Na presente pesquisa optou-se por uma revisão literária por meio de revisão sistemática de conteúdo. Em um primeiro momento, para falar sobre desenvolvimento territorial desenhou-se um caminho que visasse trabalhar com autores que falassem de DTS, com foco em questões educacionais, além das questões ambientais, como Sauvé (2005), Albagli (2004; 2006) e Pequeur (2005). No segundo momento a pesquisa buscou conteúdo relacionado a Teatro Científico, a partir de critérios de exclusão e inclusão, contemplando o foco da pesquisa que se refere a “Teatro Científico” e “Divulga  o Científica”.

4.1 DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL SUSTENTÁVEL

Quando conceituamos o Desenvolvimento Sustentável, encontramos percalços, no sentido de que de acordo com Vasconcelos e Freitas (2012) ainda não possuímos realmente um modelo determinado do que seria o Desenvolvimento Sustentável, mas sim, pois o modelo “não sustentável” ainda é dominante na sociedade global. Contudo    possível encontrar conceitos e aproxima  es com modelos de atitudes que visem desenvolver as regiões, trazendo melhorias para bem estar das comunidades, sem que sejam agressivas ao ambiente. É nesse sentido, que se propõe atuar a Educa  o para o Desenvolvimento Sustentável, práticas de ensino

que possibilitem gerar uma reflexão nos indivíduos de como agir em seu ambiente, garantindo a proteção do mesmo, a viabilidade econômica e a utilização responsável dos recursos, pensando no desenvolvimento de uma região como uma forma de garantir condições de vida igualitárias no presente e no futuro (UNESCO, 2005; SAUVÉ, 2005).

Pequeur (2005) e Albagli (2006), são dois autores que conceituam as questões de potencialidades locais de Desenvolvimento Sustentável, eles embatem que a lógica global ainda está muito voltada para grandes corporações globais e um modelo desenvolvimentista em larga escala, mas segundo as tendências caminham no sentido de compreensão das condições e influências sistêmicas de pequenos atores locais, e como a produção e o uso de conhecimento se constituem em inovações adaptadas às realidades e culturas dos territórios.

Pecqueur (2005) aponta que o desenvolvimento territorial é uma questão emergente para todas as economias do planeta. O autor argumenta que no contexto da globalização as grandes organizações econômicas mundiais, não tem efetivamente compreendido a importância da escala local para fundamentação de inovações que sejam soluções às novas demandas de desenvolvimento, a mentalidade macroeconômica ainda é dominante nas agências internacionais e na academia. Compreensões de desenvolvimento em escalas menores, começaram a se desenvolver na França, por volta da década de 1960, em virtude do desequilíbrio causado pelo deslocamento econômico e pelo êxodo rural (PEQUEUR, 2005)

Para o autor podemos entender o desenvolvimento territorial “a partir da constituição de uma entidade produtiva enraizada num espaço geográfico.” (PEQUEUR, 2005, p. 12). Essa entidade produtiva se fundamenta nas relações desse meio, através das ações de seus atores, que constituem exclusivamente como um capital exponencial sem possibilidade de mensuração monetária. Nesse sentido ele engloba uma compreensão do território e suas potencialidades, suas posturas e possibilidade de desenvolvimento ímpar, características próprias, em face ao desenvolvimento econômico globalizado.

Num conjunto em que seus componentes caminham juntos na implantação de políticas e encontrar seus recursos, revelando aquilo que o território tem em diferencial “*e é nisto que constitui uma inovação*” (PEQUEUR, 2005, p. 12, grifos do autor).

Principalmente nos países em desenvolvimento, a capacidade de produzir e processar conhecimento é tão fundamental quanto produzir, processar e converter em

inovação esses saberes, partindo de uma perspectiva que faça sentido dentro das escalas menores, como organizações, países e localidades. Sem ambientes que incentivem adequadamente o aprendizado e criação de novos saberes, não existe como manter e fomentar os agentes produtivos. “O desafio é associar tais estratégias à inclusão dos segmentos sociais marginalizados e ao respeito à diversidade cultural” (ALBAGLI, 2006, p. 19).

Tende-se hoje a considerar que a atitude inovadora e o grau de inovação explicam-se fundamentalmente pelas condições e influências sistêmicas que o entorno social exerce. A produção, a socialização e o uso de conhecimentos e informações, assim como a conversão destes em inovações constituem processos sociais cujos contornos são definidos pela história e pela cultura em cada território. (ALBAGLI, 2006).

Albagli (2006, p. 20) ainda aponta que cada local ou região dispõe de diferentes combinações de características e bens coletivos – físicos, sociais, econômicos, culturais, políticos, institucionais – que influenciam em sua capacidade de aprendizado e inovação.

Os estudos sobre desenvolvimento territorial iniciam um desenvolvimento expressivo a partir dos anos 1970, em contraposição ao pensamento de modernização globalizante que dominou as duas décadas anteriores. Dentro dessa esfera menor de propostas de desenvolvimento, visou-se um domínio dos recursos e viabilização de crescimentos coerentes e sustentáveis, tanto econômica, quanto culturais, políticos e ambientais, que seriam de domínio da comunidade pertencente aquele local, transformando isso em uma vantagem competitiva, de forma que essa pudesse exercer um controle efetivo sobre a transformação daquele território.

A autora destaca a importância de reunir os conhecimentos específicos dos territórios, principalmente em um país como o Brasil, que possui grande diversidade regional. “Os vários tipos de interações, em âmbito local, geralmente resultam, ainda que frequentemente de modo não-intencional, na geração e circulação de bens intangíveis – informações, conhecimentos, valores, práticas –, assim como em aprendizado” (ALBAGLI, 2006, p. 20)

É bem verdade, que não é fácil falar sobre desenvolvimento sustentável, isto, por três motivos: 1) a própria palavra “desenvolvimento” já traz consigo significações instituídas, que agrega à expressão “sustentável” um olhar de desconfiança; 2) não existe conceito fechado para desenvolvimento sustentável, o que existem são

suposições, expectativas, “pistas” para um modelo possível de desenvolvimento nos moldes da sustentabilidade; e 3) ainda não foi possível instituir, de fato, o desenvolvimento sustentável, isto porque, até o presente momento, nenhum modelo de desenvolvimento conseguiu ser elaborado e implementado de maneira tão eficiente que convença e abranja o mundo como o fez o sistema vigente. Então, ainda não há o que diferencie o desenvolvimento sustentável de uma “quimera”, de uma “ilusão”, de uma “ideia”, “sonho” ou mesmo de um “mito” (VASCONCELOS; FREITAS, 2012, p. 3).

A persistência de problemas ainda não resolvidos, o progresso do crescimento material, a miséria e a agressão ao ambiente, lançaram uma inquietação ao Terceiro Mundo e este passou a se perguntar se o modelo de desenvolvimento vigente, fundamentado na eficácia não deveria ser substituído para outro voltado para a justiça social (SACHS, 1986).

Assim, começa a nascer a noção de desenvolvimento que considera o ambiente como uma dimensão do mesmo, e que deve ser internalizado em todos os níveis de decisões, levando a um perfil de desenvolvimento, ao mesmo tempo, menos intensivo em recursos e menos degradante para o ambiente (SACHS, 1986). Sendo uma das características mais marcantes do ecodesenvolvimento, a valorização de recursos específicos das regiões para a satisfação das necessidades fundamentais da população em relação à alimentação, habitação, saúde e educação (SACHS, 1986).

Certamente é preciso romper com a lógica desenvolvimentista/produtivista/ocidental que conduz a produção, a tecnociência e o meio ambiente a linhas inéditas. A noção fragmentada, universalista, mecanicista e competitiva tem transposto inclusive os modos de ser e pensar do senso social. Neste sentido de pensamento, Sachs (2000) alerta que objetivos clássicos como lei e ordem ou bem-estar social têm sido invocados, e, há pouco tempo o desenvolvimento tornou-se alvo em nome do qual muitos governos sacrificam os interesses vitais de grande parte do seu povo.

A persistência de problemas ainda não resolvidos, os progressos do crescimento material, a miséria e a agressão ao ambiente, lançaram uma inquietação ao Terceiro Mundo e este começa a se perguntar se o modelo de desenvolvimento vigente, fundamentado na eficácia não deveria ser substituído para outro voltado para a justiça social (SACHS, 1985). No entanto, não se pode esquecer que a ciência, por

si só, não resolve as desigualdades sociais, o desemprego, a degradação ambiental, e problemas éticos, mais ciência e tecnologia não significa necessariamente mais justiça, maior igualdade e melhores condições de vida (MOREIRA, 2006).

Para Sachs (1996), o desafio para o Brasil, como para todos os países que aspiram a um autêntico desenvolvimento, é o de fazer coincidir o progresso da ciência com o progresso social. Em suas palavras:

Isso nos leva ao que parece ser a principal fraqueza do sistema de pesquisa brasileiro: a ausência de respostas claras para as perguntas: quais as prioridades de pesquisa, quais as tecnologias, para qual desenvolvimento? Na realidade, deve-se começar a responder à última dessas perguntas. Sem um projeto nacional que defina as grandes linhas de uma estratégia a longo prazo, será difícil ou até impossível, responder às duas primeiras. O país não pode se furtar a um amplo debate público a esse respeito. (SACHS, 1996, p. 13).

Dagnino (2000) aponta que a definição de uma política de ciência e tecnologia para a América Latina, sobretudo para o Brasil, deve passar pela democratização política e econômica. O autor argumenta que, num cenário de democratização política, mesmo que se considere suas fragilidades, mais segmentos sociais podem manifestar seus interesses. Para Auler (2002):

Entender que, numa perspectiva alternativa ao modelo neoliberal, não se busca apenas transformar o conteúdo e os objetivos da política de ciência e tecnologia, mas o próprio processo de tomada de decisões que originam e viabilizam a políticas. Essa postulação constitui-se num dos eixos balizadores do movimento CTS, ou seja, a superação da perspectiva tecnocrática passa pela democratização na definição da política de ciência e tecnologia (AULER, 2002, p. 67).

Varsavsky (*apud* AULER e DELIZOICOV, 2015), na busca por um modelo social alternativo ao *American way of life*, defende na obra “Por uma Política Científica Nacional” a tese de que nem todo estilo científico é compatível com o estilo da sociedade. E ao analisar o estilo científico hegemônico, orientado a partir do Hemisfério Norte, sustenta que não é a quantidade de ciência produzida o indicador mais importante de seu valor social, mas sim seu conteúdo qualitativo, o autor entende como fundamental uma análise do conteúdo qualitativo da ciência e dos diversos caminhos de desenvolvimento possíveis para esse conteúdo. Os autores apontam também que Amílcar Herrera (1971), geógrafo, professor e pesquisador na UNICAMP, também precursor do PLACTS, argumentava que o principal problema em relação à

pesquisa e desenvolvimento na América Latina não era quantitativo, mas sim seu descolamento da realidade latino-americana (AULER e DELIZOICOV, 2015).

O efetivo desenvolvimento de um país ou de uma região, engloba questões muito mais complexas do que um conceito padrão do que é ou não desenvolvimento, isso envolve a realidade daquele local e o que ele realmente precisa e qual seu potencial. Para entender essas necessidades é fundamental que seus atores estejam preparados para atuarem de maneira a colocar essas necessidades e potenciais em destaque, esse é o papel da educação científica e das iniciativas de divulgação científica, fornecer condições ao protagonismo desses atores e que eles se posicionem em defesa do desenvolvimento sustentável de seus ambientes.

4.2 DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E DESENVOLVIMENTO

Falar sobre Divulgação Científica implica o primeiro momento a pensar sobre o conceito divulgação, que pode ser entendido como o ato ou ação de divulgar; do latim *Divulgare*, que significa, tornar conhecido, difundir, publicar, transmitir ao vulgo, ou ainda, dar-se a conhecer, fazer-se popular (GERMANO; KELUSZA, 2007).

Segundo Massarani *et al* (2003), Roqueplo pode ser quem defina a Divulgação Científica de maneira mais abrangente, ao identificá-la como toda atividade de explicação e de difusão dos conhecimentos, da cultura e do pensamento científico e técnico, a partir de duas condições: as explicações e a difusão do pensamento científico feitas fora do ensino oficial ou de ensino equivalente; e que essas explicações extra escolares não devem ter como objetivo formar especialistas.

A Divulgação Científica é, na visão de José Reis, mais importante expoente da Divulgação Científica brasileira, a veiculação em termos simples, da ciência como processo, dos seus princípios e metodologias (REIS, 2002). Ainda segundo Reis (2002), a Divulgação Científica envolve dois dos maiores prazeres da vida: aprender e repartir e "popularizar a ciência" com frequência. Atualmente, o termo "Divulgação Científica" é hegemônico no Brasil, sendo utilizado, por exemplo, pela equipe da Revista Ciência Hoje, criada em 1982, e consta em seu subtítulo (revista de Divulgação Científica da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência), também em seus editoriais e artigos. O termo foi adotado também por iniciativas subsequentes, como o programa de televisão Globo Ciência, a revista Globo Ciência e a revista

Superinteressante, além de ser uma linha de pesquisa da Ciência da Informação (MASSARANI *et al*, 2003).

Em sua primeira edição, a revista *Ciência Hoje* apresenta a definição de Divulgação Científica como a tentativa, seja por cientistas ou jornalistas, de proporcionar à sociedade uma descrição inteligível da atividade criadora dos cientistas e de esclarecer questões técnicas e científicas de interesse de todos. Fazer Divulgação Científica implica a busca de uma linguagem acessível, em oposição à linguagem científica que fica restrita aos especialistas, sem que isso cause prejuízo às informações (MASSARANI *et al*, 2003).

Ainda em Massarani (2003, p. 22), vemos o que Miguel Ozório de Almeida diz sobre esse processo de transposição do formato da informação científica para cientistas e para o público em geral: "ao leigo não interessa, nem é necessário saber a minúcia técnica e sim apenas as grandes linhas essenciais de um conjunto importante de conhecimentos". E apresenta a perspectiva do ex-editor da revista francesa *La Recherche*, Pierre Thuillier: "o importante não é conhecer os últimos resultados de cada ramo da ciência, mas saber como ela funciona culturalmente" (THILLIER *apud* MASSARANI *et al*, 2003).

Para Candotti (2002), os caminhos da Divulgação Científica possuem, atualmente, outros rumos, transitando pelos meios de comunicação globais e seus mercados, e salientando que os imperativos éticos desse mercado, se houver, raramente coincidem com os da educação e da ciência. O autor aponta esse como um obstáculo que a Unesco e cientistas comprometidos com a popularização da ciência devem superar. Segundo o autor:

A proposta de um novo contrato social – ou talvez melhores contratos, uma vez que as sociedades que convivem na Terra são diferentes e têm histórias diferentes – revela a disposição de negociar e eventualmente rever e atualizar, premissas que orientaram o fazer científico nesses últimos cinquenta anos. Possivelmente, imagino eu, caminhando em direção a uma maior participação das instituições científicas na melhor compreensão e solução dos graves desequilíbrios do desenvolvimento e no empenho em reduzir as diferenças e injustiças sociais. (CANDOTTI, 2002, p. 20).

Nessa perspectiva nota-se que as políticas públicas brasileiras de popularização da Ciência (PACT/PPpPC) vão ao encontro das preocupações com um modelo de desenvolvimento para o Brasil, apreensivo com a redução de desigualdades sociais por meio do acesso, ou a falta, de bens científicos-culturais,

realizando durante o período pesquisado a distribuição de atividades em todas as regiões do país.

Para a Unesco (2005), evitar a concentração dos conhecimentos científicos e tecnológicos nas camadas já privilegiadas da sociedade pode ser visto como uma estratégia de desenvolvimento sustentável, uma vez que tenha o conhecimento como eixo principal com o objetivo de melhorar a qualidade de vida da população.

O economista brasileiro Celso Furtado (2002, p. 21), afirma que “o desenvolvimento verdadeiro só existe quando a população em seu conjunto é beneficiada”. É necessário que haja um projeto social subjacente para que se caracterize o desenvolvimento, e ressalta que a disposição de recursos para investir não garante um futuro melhor para a massa da população. Somente um projeto social voltado para a melhoria das condições de vida dessa população poderia transformar o crescimento em desenvolvimento.

Demo (2007, p. 10-22) ressalta que “no mundo moderno, a educação tende a ser o patrimônio mais estratégico da pessoa e da sociedade, principalmente em termos de oportunidade de desenvolvimento”, e ao discorrer sobre modernidade, ele afirma com convicção que educação é elemento “substancial de qualquer política de desenvolvimento, não só como bem em si e como mais eficaz instrumentação da cidadania, mas igualmente como primeiro investimento tecnológico”.

De acordo com Albagli e Maciel (2004) é notório o papel da informação e do conhecimento no campo das transformações mundiais ocorridas no final do século XX, em especial, suas três décadas finais. As autoras acreditam que a produção e socialização dessas informações e conhecimentos, e sua consequente transformação em inovações, são parte importante de processos socioculturais interferindo ativamente no espaço e na concretização desse espaço social em diferentes dimensões.

Fortemente associado ao desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação (TICs), o papel predominante da informação e do conhecimento dentro da sociedade contemporânea, mudaram a maneira como são realizadas a produção e distribuição dos bens materiais e intangíveis, além das nossas percepções temporais e espaciais (ALBAGLI e MACIEL, 2004). Porém, dentro dessa sociedade conectada pelas redes, a realidade apresentada não é o reflexo de uma distribuição homogênea de conhecimento e informação. De acordo com Santos (1997 *apud* ALBAGLI, 2006) “as redes são “parte do espaço e o espaço de alguns”, diferenciando-

se do que o autor chama “espaço banal”, ou seja, “o espaço de todos, todo o espaço”. As redes promovem a unificação técnico-econômica do planeta, mas não sua união (*idem*).

Albagli (2006) aponta que a partir da década de 1990, houve uma iniciativa por muitos países de instituir políticas que visassem incentivar iniciativas propícias a um aproveitamento desse novo modelo social interconectado tecnologicamente. Nesse sentido diversos setores foram alvos de fomento para produção de informação e conhecimento como as indústrias de comunicação, computação e criação de conteúdo, contudo, o alcance dos ideais de difusão das TICs demonstrou ter limitações com relação a sua democratização.

Assim ficou claro que o caminho para o desenvolvimento por meio da disseminação da informação e conhecimento necessitava de uma abordagem mais complexa, que englobasse aspectos como política, economia e características sociais e culturais, “considerando que o modo de inserção no novo padrão depende da base de conhecimentos, assim como da capacidade de aprender e inovar” (ALBAGLI, 2006).

Para Andrade e Macêdo (2012, p. 68) existe um conceito derivado da modernidade que associou “ao progresso técnico a condição de imperativo categórico de tal modo que se torna como algo natural a relação entre desenvolvimento científico e tecnológico, crescimento econômico e bem-estar social”. O autor questiona as abordagens históricas que tiveram a ciência e tecnologia para a melhoria da qualidade de vida dos cidadãos, enfatizando as fases do desenvolvimento brasileiro, extremamente marcado por iniciativas de crescimento econômico que pouco tinham reflexo ante aos problemas sociais urgentes, reforçando uma realidade centralizadora e excludente.

De acordo com a Unesco (2017, p. 7) “Embarcar no caminho do desenvolvimento sustentável exigirá uma profunda transformação na forma como pensamos e agimos.” Porém, não é todo tipo de educação que promove o desenvolvimento sustentável, o modelo estabelecido se pauta na visão do crescimento econômico. Para a Unesco (2017) uma Educação para o Desenvolvimento Sustentável (EDS), é aquela que possibilita aos indivíduos refletir e tomar decisões de maneira responsável, com a proteção do meio ambiente, a viabilidade econômica e o fomento de uma sociedade igualitária no presente e no futuro. Partindo de uma perspectiva local e global, os educandos também devem ser

empoderados para agir em situações complexas de forma sustentável, o que pode levá-los a adotar novas direções; assim como participar em processos sociopolíticos, movendo suas sociedades rumo ao desenvolvimento sustentável.

Sauvé (2005) ao tratar da educação ambiental para o desenvolvimento sustentável, aponta para a problemática que envolve essa área no sentido de que a corrente pedagógica que pauta-se na ideologia desenvolvimentista, ainda situa o meio ambiente como um “reservatório de recursos”, com destinação fim de uma exploração voltada ao crescimento/desenvolvimento, inerente aos processos de evolução humana.

A concepção utilitarista da educação e a representação “recursista” do meio ambiente, adotada pela “educação para o desenvolvimento sustentável”, mostram-se nitidamente reducionistas com respeito a uma educação fundamental preocupada em otimizar a teia de relações entre as pessoas, o grupo social a que pertencem e o meio ambiente. (SAUVÉ, 2005)

A autora faz duras críticas a essa abordagem, a qual apresenta de maneira excludente a realidade das atividades humanas, as diversificadas realidades culturais, colocando o mote da sustentabilidade de maneira acessória para os reais contornos dos objetivos, que ainda não se distanciam totalmente dos modelos conservadores de desenvolvimento vigentes, que excluem a exogenia que moldam as relações entre/nos territórios. Embora não descarte a importância do “Desenvolvimento Sustentável” enquanto iniciador de diálogos entre diferentes contextos sociais, a realidade a respeito é que a abordagem caminha para um sentido muito próprio de conceituação, na qual a autora aponta como denominação mais adequada no âmbito pedagógico de uma “Educação para um futuro viável.” (SAUVÉ, 2005).

De acordo com Barros (2005, p. 106) “não é mais o momento para aquele que trabalha com divulgação da ciência de se iludir pensando que seu trabalho tem como principal finalidade aumentar a bagagem cultural de uma parcela da população”.

O autor denuncia que governos e orientações internacionais têm interesse em fornecer um conhecimento que possa se tornar produto de consumo, e que esse por sua vez apenas é “gasto” com aqueles que podem consumir. Com as catástrofes ambientais advindas do avanço científico, como as intoxicações por agrotóxico, aumento da potência bélica, vazamentos atômicos etc. o novo desafio para a sociedade e para a Divulgação Científica é a conscientização sobre o não uso de certas tecnologias, que podem acarretar grandes prejuízos a longo prazo:

Estamos diante de um problema causado por uma civilização que já está aí há mais de um século, gerada pelas longas culturas que a precederam, infligindo danos a um sistema físico com a idade de milhões de anos, flutuante e contudo relativamente estável em variações rápidas, aleatórias e multisseculares, diante de uma pergunta angustiante cujo principal componente é o tempo... Mas nós propomos apenas respostas e soluções de prazo curto, porque vivemos em prazos imediatos, dos quais tiramos o essencial do nosso poder. Os administradores mantêm a continuidade, a mídia a cotidianidade, a ciência é o único projeto de futuro que nos resta. (SERRES, 1990 apud BARROS, 2005, p.116, grifos do autor).

Vasconcelos e Freitas (2012) apontam que o ensino de ciências contemporâneo tem se mostrado à frente de uma transformação em seu discurso que contempla aspectos muito mais amplos, focando na incompatibilidade entre o desenvolvimento e o equilíbrio do meio ambiente. Trata-se das dimensões sociais, culturais, políticas (nacionais e internacionais), econômicas, entre outras.

Nesse sentido, o ensino de ciências tem papel fundamental no despertar de uma consciência social, que engloba a ideia do desenvolvimento sustentável, para a realização de práticas sociais que sejam voltadas aos caminhos delimitados dentro das novas concepções de sustentabilidade. O rumo se estabelece no sentido de que as pessoas compreendam que suas ações têm impactos e que elas possuem poderes sobre os conhecimentos que estão sendo construídos. (VASCONCELOS; FREITAS, 2012).

Compreende-se que a educação e a Divulgação Científica são meios empoderadores de oferecer a sociedade como um todo, a possibilidade de compreender o avanço da própria ciência e seu desenvolvimento tecnológico, sob um prisma de consequências sobre a vida no planeta para as gerações atuais e futuras (BARROS, 2005).

Em 2005, a Unesco publicou um documento que trazia um alerta referente ao ensino de ciências no Brasil, na qual a organização destaca que a inércia com relação ao fato que a grande maioria da população do país não recebe uma formação de qualidade em ciência e tecnologia, contribui para o aumento nas desigualdades, e que o investimento em educação científica para a população é um investimento em cidadania e produtividade, e conseqüentemente melhores condições de vida (UNESCO, 2005)

Para Werthein e Cunha (2005, p.16) “nenhum país avança sem educação de qualidade.” Os autores destacam que o Brasil tem sido muito insuficiente nessa área,

por uma negligência da importância da educação e cultura dentro do processo de desenvolvimento, e do combate às desigualdades. A Declaração de Budapeste¹ afirma a importância da ciência para o desenvolvimento sustentável e da democracia. “Todos os níveis de governo e do setor privado devem dar maior apoio à construção da capacidade científica e tecnológica adequada e uniformemente distribuída.” (WERTHEIN; CUNHA, 2005, p. 20)

Nessa linha, emerge o papel das universidades na promoção e na modernização do ensino das ciências e sua coordenação em todos os níveis educacionais. A Declaração sublinha ainda que o acesso equitativo à ciência não é apenas uma exigência social e ética tendo em vista o desenvolvimento humano, mas é também de importância capital para a realização do pleno potencial das comunidades científicas de todo o mundo e para orientar o progresso científico para o atendimento das necessidades da humanidade (WERTHEIN; CUNHA, 2005).

Chaves (2005) traz uma reflexão sobre a predominância dos jovens como um fator potencial do capital de desenvolvimento para um país. Ele exemplifica que em muitos países desenvolvidos o contingente de jovens tem diminuído drasticamente, e que os poucos que existem não se dedicam significativamente às carreiras científicas.

Porém a maioria desses países já compreendeu a importância da ciência, tecnologia e inovação para manutenção do crescimento e destaque na economia mundial. Sendo que muitos países como EUA e Reino Unido, estão importando jovens de países africanos, Índia, China, entre outros, para integrarem suas cadeiras nos laboratórios de pesquisas. Para o autor é urgente que o Brasil, como um país que ainda é jovem, mas vem mudando essa realidade rapidamente, comece um trabalho de engajar seus jovens para as carreiras científicas de forma a integrar o contingente de inovação tecnológica e científica mundial (CHAVES, 2005).

O ensino de ciências no âmbito da educação não-formal tem ganhado destaque como estratégia de Divulgação Científica, pois é no ambiente não formal que a grande maioria da população passa sua vida. A ampliação de espaços e iniciativas científico-culturais foi destacado pelos pesquisadores Ildeu de Castro Moreira da UFRJ e Gilberto Lacerda na UnB, no sentido de é preciso ampliar o público frequentador de espaços de divulgação de ciência, tecnologia e inovação (CT&I) e ampliar a rede itinerante desses espaços e iniciativas educativas de CT&I e ECC

¹ <https://www.budapestopenaccessinitiative.org/read>

(Espaços de Ciência e Cultura), além da contextualização do conhecimento difundido nesses espaços com o conteúdo da educação formal (UNESCO, 2013).

O conceito de vulgarização foi bastante utilizado no Brasil durante o século XIX e início do século XX e ainda se encontra presente em algumas publicações como no artigo de Miguel Osório de Almeida, A vulgarização do saber, publicado no ano de 2002 (GERMANO, KELUSZA, 2007). Os mesmos autores destacam que a partir dos anos 1960 e 1970 o termo popularização da ciência começa a aparecer no país, e que, ao lado de Divulgação Científica, o termo permanece muito utilizado até hoje no Brasil.

O termo popularização da ciência, é fortemente utilizada no Brasil e demais países da América latina e caribenhos, como mostra a criação, em 1990 no Rio de Janeiro, da Rede de Popularização da Ciência e Tecnologia na América Latina e Caribe (Red Pop) e na nomenclatura do órgão responsável pela área no Brasil, o Departamento de Difusão e Popularização da Ciência e Tecnologia (DEPDI).

Huergo (2001 apud GERMANO e KELUSZA, 2007) conceitua a popularização da ciência como uma ação cultural que, referenciada na dimensão reflexiva da comunicação e no diálogo entre diferentes, pauta suas ações respeitando a vida cotidiana e o universo simbólico do outro.

A cultura científica, segundo a Unesco, é um “modelo de comportamento social e intelectual baseado no conhecimento científico” (MASSARANI, 2015). Para Carlos Vogt (2003), o termo “cultura científica” é usado para designar um fenômeno cada vez mais generalizado de divulgação da ciência e a inserção no cotidiano da sociedade dos temas de ciência e tecnologia, incluindo reflexões sobre a dimensão cultural e social da ciência, tecnologia, saúde e meio ambiente.

Em conjunto a mudança na lógica de produção e de uso do conhecimento, tem-se ainda um novo papel para a Divulgação Científica apontado por Barros (2005) que é o papel de conscientização dos problemas acarretados do próprio desenvolvimento tecnológico, o não uso de certas tecnologias, o fortalecimento do senso crítico populacional a respeito do que vem sendo desenvolvidos nas esferas dos poderes público e econômico, e os possíveis impactos disso em suas regionalidades.

É nesse ponto que o ensino de ciências entra como uma peça importante para fomentar essas discussões e promover uma diminuição das desigualdades sociais. É consenso que o Brasil é um dos países em desenvolvimento que carece fortemente

de educação científica para a população. Werthein e Cunha (2005) destacam nesse sentido o importante papel das Universidades enquanto fomentadoras de avanços tecnológicos e produtoras de conhecimento científico de promoverem acessos a esse conhecimento. Para isso uma estratégia é ampliação do público frequentado de espaços de divulgação de Ciência, Tecnologia e Inovação, e também a propagação de conhecimentos científicos por meio da educação não-formal, onde a grande maioria da população passa a maior parte de seu tempo, e que pode ser um espaço importante de aprendizado (UNESCO, 2013; MARTINS, 2018).

Para Massarani (2015), às atividades relacionadas ao desenvolvimento da cultura científica, têm dois tipos de impacto, o imediato, que é aprender o conhecimento científico e tecnológico, aumentando o interesse em ciência e tecnologia e o impacto a longo prazo, que é contribuir para a cidadania científica e o desenvolvimento do pensamento inovador. Assim, o trabalho de fomento da educação científica, a criação de uma cultura científica, que seja também consciente de sua realidade é fundamental para promover um desenvolvimento real de uma região, para isso acontecer é preciso construir caminhos. Caminhos esses, que são possíveis através de projetos que tragam a divulgação científica, que promovam educação científica dentro e fora dos espaços educacionais formais e conectem os sujeitos com o conhecimento científico produzido e sua realidade local.

Cabe ressaltar que não há consenso entre os autores do campo da Divulgação Científica sobre os conceitos relativos ao tema. É possível identificar autores que apresentam perspectivas de caráter filosófico e educacional mais ampla e mais reduzida sobre cada um dos termos. Através das abordagens apresentadas e suas proximidades teóricas e de objetivos e para fins de discussão desta pesquisa, os termos Divulgação Científica, vulgarização da ciência, comunicação pública da ciência e popularização da ciência serão abordados como sinônimos e tendo o mesmo sentido de intenção.

4.2 TÉCNICAS DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: EDUCAÇÃO FORMAL E INFORMAL

A transmissão das informações encontra sentido no campo do saber, mas esse saber é construído por meio de mensagens anteriores, construídas socialmente, provenientes da herança cultural do sujeito e das experiências individuais. Assim o compartilhamento de informações dentro de um “sistema de comunicação múltiplo”, que favorece o intercâmbio de conhecimentos e difusão destes, dentro de um espaço local de interação e cooperação, ganha importância, no sentido que favorece a inovação (ALBAGLI e MACIEL, 2004).

Marandino (2003, p. 4) afirma que “são várias as instituições com eixo na cultura que situam sua missão nos campos da comunicação, divulgação e difusão da ciência”. De acordo com as pesquisas apresentadas pelos autores, existe um grande referencial teórico, que visa esclarecer os conceitos de educação formal, não formal e informal, embora sejam muito diversos entre si, alguns conseguem encontrar consensos na tipologia dessas pedagogias, mas não existe uma definição concreta a respeito dos diversos tipos de educação que hora aparecem de maneira híbrida, hora dicotômica.

Smith *apud* Marandino (2003) aponta que o ensino de educação não formal e informal, foi um movimento que teve início no fim dos anos 1960, com vias de auxiliar numa adaptação à nova realidade sócio econômica, envolvendo diversos setores sociais. O autor considera que o documento da Unesco publicado em 1972, que visava incentivar conceitos como “educação ao longo da vida” e “sociedade de aprendizagem”, foi um marco importante.

Na pesquisa de Marandino (2003) foram encontradas definições de educação não-formal. Para Crombs, Prosser & Ahmed (1973), Fávero (1980) e García Blanco (1999), a educação não-formal é considerada qualquer atividade que ocorra fora do contexto escolar formal, com objetivos específicos de aprendizagem e para um público determinado, tendo como característica essencial o aspecto motivacional de “despertar o interesse” dos indivíduos para o aprendizado da temática, trazendo a metodologia educativa dentro de ambientes de lazer, que informam e divertem.

No que diz respeito ao currículo Simkins (1976) diferencia a educação formal e não-formal com relação aos processos, como organização do tempo, objetivos, conteúdos, apresentação e controle. Fordham (1993) apontam que enquanto na educação formal o currículo seria organização de maneira vertical, a educação não-formal teria uma organização provinda da base, enfocando o diálogo e a troca. (MARANDINO , 2003, p. 6)

Com relação aos espaços onde a educação não-formal está localizada Chagas *apud* Marandino (2003, p. 52) compreende que ela “[...] é veiculada pelos museus, meios de comunicação e outras instituições que organizam eventos de diversas ordens [...] com o propósito de ensinar ciência a um público heterogêneo”. Fávero (1980) destaca programas comunitários de diversas ordens com propósito de ensinar temas diversos como saúde, nutrição, higiene, cooperativismo etc.

Os vários espaços onde se desenvolvem as atividades de educação não formal como as associações de bairro, os sindicatos, as organizações não-governamentais, os espaços culturais e as próprias escolas, ou seja, nos espaços interativos dessas com a comunidade educativa. (MARANDINO. 2003, p.9)

Gohn (1999) traz um conceito mais amplo, que relaciona a educação não-formal com a cultura, na qual essa modalidade seria um processo multidimensional, trazendo conteúdo da educação formal, em outros espaços como as mídias. Zancan (2000) traça um paralelo entre a arte e a ciência, enquanto “faces da mesma criatividade”, para a autora tanto o pesquisador como o artista utilizam-se da imaginação e dos sentidos para ler e compreender o mundo ao seu redor. Além de tudo, o mundo contemporâneo é reflexo de uma constante quebra de paradigmas, e a educação tem a função de ensinar o indivíduo a se mover nesse meio, desenvolvendo o pensamento crítico, um novo olhar sobre as problemáticas e novas formas de aprendizado e compreensão.

Entendidos como processos educacionais no campo do ensino de ciências, sobretudo localizadas da educação não-formal com objetivo de levar o conhecimento científico para o público não especialista, abordando a ciência como processo de forma crítica, sua relação intrínseca com a sociedade, de forma simples e dinâmica e fim de contribuir para o estabelecimento da cultura científica implicando no uso da ciência para conhecer e transformar a realidade. (MARTINS, 2018, p.31)

As contribuições que a educação científica pode dar a essa perspectiva de desenvolvimento são bastante significativas, porém é importante que os países possuam uma política de ciência e tecnologia que incentive o avanço da produção científica e tecnológica e, ao mesmo tempo, tenham políticas de popularização da ciência para que a sociedade entenda como esta funciona, podendo beneficiar ou não uma sociedade.. A teoria do crescimento e do desenvolvimento discute estratégias de longo prazo, nela a oferta ou produção agregada exercem um papel importante na trajetória de crescimento de longo prazo (ZANCAN, 2005).

A questão fundamental apresentada nesta pesquisa é que essas iniciativas de popularização fazem parte de um processo longo e complexo de formação da cultura científica, para que os cidadãos possam entender e reivindicar informações científicas na tomada de decisão nos territórios onde estão inseridos, além de estarem aptos a participar do processo de governança local e da própria ciência.

Nos caminhos da educação não-formal é possível complementar a produção científica e tecnologia, com a popularização da ciência, com vias de ensino de conhecimentos e científicos e com fomento da cidadania científica e pensamento inovador. A partir dessa proposta o teatro de temática científica vem ganhando força no cenário brasileiro, como uma poderosa ação de fomentos das discussões tecnológicas e científicas. O teatro surge como um agente humanizador, que ensina através de seu aspecto artístico, lúdico e emocional (SOARES, 2011; MOREIRA e MARANDINO, 2015; SOUTO JR., 2015).

4.3 TEATRO CIENTÍFICO

O teatro de temática científica, também chamado de Teatro Científico, é uma atividade que vem ganhando vulto no cenário brasileiro, entre as ações que se propõem a discutir a ciência e a tecnologia para além dos aspectos conceituais (MOREIRA; MARANDINO, 2015).

Segundo Soares (2011) o lúdico nutre o ser possibilitando a abertura para outras relações de conhecimento e aprendizagem, podendo auxiliar os processos conflituosos que todo ser humano tende a passar em sua vida. Desse modo, o teatro pode se transformar em um agente humanizador a prática, ele te leva, te faz sentir, vivências de bem-estar mental, te coloca em um estado de se permitir a conhecer seus sentimentos, suas sensações, tanto quanto a sua razão. Valorizando, também, os desejos e os sonhos dos sujeitos enquanto apreciadores da arte, explorando fronteiras estabelecidas entre a razão e o lúdico.

É por intermédio deste escopo que a compreensão evolutiva desta arte híbrida, a qual congrega literatura, encenação, dança e música, enquanto instrumento de formação intelectual, transformação social e divulgação cultural, permite elaborar um panorama onde o teatro seja agente transformador e ferramenta auxiliar para o ensino de ciências justificando-se como um importante espaço educacional e de

incentivo à aprendizagem escolar por um número cada vez maior de professores (MOREIRA, MARANDINO, 2015).

O Teatro Científico tem por objetivo disseminar a Ciência através das Artes Cênicas. Para Oliveira (2010) esta categoria teatral se refere às peças científicas, que abordam, por exemplo, a relação do cientista e suas pesquisas com questões humanas, históricas e culturais que são distintas da ficção científica. Essas têm a Ciência como pretexto, como fonte de inspiração; e aquelas promovem uma abordagem real e direta das ideias científicas, tratando de temas como a responsabilidade do cientista e a natureza de suas pesquisas, a abordagem das implicações sociais da Ciência e da relação humana do cientista com as controvérsias, as questões éticas e políticas.

A necessidade da contextualização regional no ensino de ciências e nas práticas pedagógicas de maneira geral é algo que vem sendo defendido por orientações oficiais, pesquisadores e educadores como princípio norteador de uma educação voltada à cidadania, que favoreça a aprendizagem significativa dos conhecimentos científicos. Uma mostra disso está nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino de Ciências Naturais, sendo um dos seus objetivos gerais que os estudantes se percebem integrantes, dependentes e agentes transformadores do ambiente, identificando seus elementos e as interações entre eles, contribuindo ativamente para a melhoria do meio ambiente (BRASIL, 1997).

Parte das ideias de contextualização apresentadas nos documentos oficiais que orienta as práticas educacionais no país, retrata tendências atuais da área do ensino de Ciências, como os estudos do cotidiano, ligados ao dia a dia dos estudantes nas situações de ensino (SILVA; MARCONDES, 2010).

As práticas que se desenvolvem a partir da contextualização das práticas pedagógicas podem ir desde uma resposta a uma curiosidade do estudante, à exemplificação, à formulação de projetos educacionais que informem sobre ciência e suas implicações na sociedade, até levar a uma perspectiva de conhecer a realidade para transformá-la (SILVA; MARCONDES, 2010).

O teatro de temática científica propõe um método que concorda com o real objetivo da Educação Científica, ou seja, ambos visam contribuir para que os cidadãos sejam atuantes em suas comunidades, concordando com Boal (1979) quando diz que da relação dialética entre o Teatro e a Educação em que a sociedade educadora não só permite, mas necessita que o educando atue como sujeito, considerando que esse

não vai ser assimilado por uma sociedade já feita, não modificável, mas que vai modificá-la conforme suas próprias necessidades e desejos.

No Brasil, cada vez mais se tem intensificado a criação de grupos de teatros científicos dentro das universidades, mais especificamente nos cursos de licenciatura. Lupetti (2013) discute a importância da divulgação científica e ressalta a importância destes grupos de teatro quando se trata destas divulgações. Além disso, a autora trata da necessidade de se ter educadores preparados e comprometidos com o ensino da ciência e que provoquem nos alunos o prazer em estudar.

Um espaço interessante que surgiu no Brasil é o congresso “Ciência em Cena”, criado em 2007 pelo grupo de TC Ouroboros da Universidade Federal de São Carlos, na cidade de São Carlos – SP, que reúne anualmente diversos grupos universitários de Teatro Científico e mais recentemente de grupos do ensino médio. Vale ressaltar que todos eles possuem a mesma intencionalidade: a Divulgação Científica.

Cênica. O “Ciência em Cena” é um festival de teatro e divulgação científica de abrangência internacional e de periodicidade anual. Sua primeira edição ocorreu no ano de 2007, na Universidade Federal de São Carlos. Naquela ocasião, reuniram-se diversos sujeitos envolvidos com artes cênicas e divulgação científica ligados às Universidades e Museus e Centros de Ciências, visando realizar apresentações teatrais para o público espontâneo e discutir sobre as possibilidades de articulação entre teatro e ciência. Desde o seu início esse festival já percorreu as cidades de São Carlos (SP), Mossoró (RN), Fortaleza (CE), Caxias (MA), Pacoti (CE), Salvador (BA) e Itapipoca (CE), dentre outras, promovendo trocas de experiências e de cultura.

A intenção foi de promover um processo formativo e extensionista para a comunidade em geral, envolvendo alunos do ensino básico e superior, bem como professores e pesquisadores nessa área de atuação. Durante o evento acontecem apresentações teatrais e minicursos, além de um workshop acadêmico para compartilhar experiências de pesquisa do teatro científico. O encontro apresenta um caráter sustentável e desde sua concepção, existe a proposta de abarcar o maior número de participantes-atores possível, subsidiando alimentação e hospedagem durante o evento, mostrando-se um projeto ímpar tratando-se do atual quadro econômico do país. Em 2020 houve a descontinuidade desse evento em decorrência da pandemia de Covid-19.

Para Moreira e Marandino (2015) o Teatro Científico, embora recente no Brasil, encontra-se ganhando cada vez mais destaque na sua utilização. Também se

configura como um tipo de teatro que se propõe favorecer a divulgação e a educação científica em que se busca juntar preocupação sobre a estética artística com conhecimento científico na comunicação da informação científica. Contudo, diante da objetividade intrínseca da própria ciência, a liberdade poética termina por ser limitada pela necessidade de clareza e precisão.

Embora essa limitação da liberdade artística à primeira vista pareça um problema, essa dinâmica diferenciada nas palavras de Moreira e Marandino (2015) abrem toda uma gama de transformações possíveis:

A “liberdade poética se mantém presente tanto na maneira como a informação científica será comunicada, isto é, o teatro pode acontecer em diferentes possibilidades de encenação que o artista pode optar para a comunicação da informação científica; quanto nos questionamentos e proposições possíveis a partir dessa informação, que passam pelo estranhamento do cotidiano e pelas novas visões de mundo que o artista pode construir (ou estimular a plateia a construir). (MOREIRA E MARANDINO, 2015, p.520).

Para Oliveira (2010), esta categoria teatral se refere às peças científicas, que abordam, por exemplo, a relação do cientista e suas pesquisas com questões humanas, históricas e culturais e são distintas da ficção científica. Essas têm a Ciência como pretexto, como fonte de inspiração; e aquelas promovem uma abordagem real e direta das ideias científicas, tratando de temas como a responsabilidade do cientista e a natureza de suas pesquisas, a abordagem das implicações sociais da Ciência e da relação humana do cientista com as controvérsias, as questões éticas e políticas.

Sendo assim, pode-se pensar no Teatro Científico como uma estratégia diferenciada de ensino e de abordar o conhecimento científico dentro ou fora da sala de aula. Brito, Silva & Silveira (2010) acreditam na comunicação da Ciência através do Teatro: a maneira sensível e humanística de tratar os temas dentro do palco pode ajudar na compreensão e a forma de pensar sobre aquele determinado assunto pelos diferentes públicos, causando interesse e aumentando a enculturação científica. É dentro deste contexto que o teatro de temática científica surge como uma ferramenta auxiliar de incentivo a arte para o desenvolvimento educacional individual e consequentemente coletivo e regional.

4.4 ECODESENVOLVIMENTO E TEATRO: A REGIÃO DO LITORAL PARANAENSE

A região do Litoral do Paraná abriga a maior área contínua de Floresta Pluvial Atlântica ainda preservada (PIERRI *et al.*, 2006). Tal fato se dá principalmente pela dificuldade na exploração da Serra do Mar, considerada o maior fragmento deste bioma (RIBEIRO *et al.*, 2009). Sabe-se que a devastação ocorre principalmente em áreas planas, devido ao seu uso na agricultura, enquanto áreas com declive tem maior probabilidade de serem poupadas (SILVA *et al.*, 2007).

Este contexto, uma região que apresenta índices extremamente dispare de desenvolvimento humano e de educação básica no estado do Paraná, fazem desse território um alvo fácil para iniciativas desenvolvimentistas de grande impacto ambiental (GOUVEIA, 2009; PNUD, 2013). A formação apropriada aos futuros atores sociais da região, se mostra um dos meios com maior potencial para fomentar o desenvolvimento regional sustentável no litoral paranaense. Tal contexto demonstra a importância de atividades de cunho educacional relacionado ao contexto da Mata Atlântica no Litoral do Paraná, ou seja, o fomento de práticas que devem se basear na problematização dos temas, apresentando aos estudantes situações reais vivenciadas por eles, aliando o conhecimento científico ao contexto social do estudante.

Constituem as dimensões fundamentais do ecodesenvolvimento, a base de recursos naturais, vinculada a subsistência e a geração de dejetos; o espaço territorial e os processos de adaptação ao meio e invenção cultural; e a infraestrutura das populações (VIEIRA, 2009). Assim, o ecodesenvolvimento exige a constituição de uma autoridade horizontal na região e essa autoridade não poderia ser eficaz sem a participação efetiva da população local na realização de suas estratégias de efetivação. Em resumo, o ecodesenvolvimento é um estilo de desenvolvimento que, em cada ecorregião, insiste nas soluções específicas de seus problemas particulares (SACHS, 1986).

Nesse sentido, a contextualização no ensino de Ciências que privilegia o estudo de contextos sociais com aspectos políticos, econômicos e ambientais, é fundamental para desenvolver um ensino que contribua para a formação de estudantes críticos, e transformadores de sua realidade desfavorável (SILVA; MARCONDES, 2010). Atores sociais que sejam capazes de pensar um destino para a região que não se estabeleça como “um modelo de desenvolvimento

ambientalmente suicida, economicamente retrógrado, socialmente empobrecedor e culturalmente alienante” (VIVEIROS DE CASTRO, 2011, p. 7).

O Teatro Científico trouxe a região do litoral paranaense a possibilidade de se apropriar de conhecimentos científicos, através de uma linguagem e uma perspectiva que conversa com sua realidade, o trabalho realizado contemplava as instituições de ensino formal com uma atividade de educação não formal, que depois abria possibilidades de exploração e diálogo com o conhecimento de volta a sala de aula, assim como oferecia essa mesma atividade a pessoas desconectadas do contexto da educação formal, mas viventes dentro da comunidade e que encontravam novas possibilidades de aprendizado e de emancipação através do conhecimento científico.

5 METODOLOGIA/MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa científica tem como característica sua realização a partir de um percurso e de procedimentos a serem realizados para o alcance dos objetivos. Nesse sentido, ela pode ser dividida em quatro grandes fases: fase da formulação e planejamento; fase da realização da pesquisa, com a coleta de dados e pesquisa de informações sobre o tema; redação do texto final e divulgação dos resultados (PRODANOV; FREITAS, 2013).

A partir daí se iniciou um processo de análise de conteúdos nas seguintes etapas:

- a) Pesquisa bibliográfica sobre Teatro Científico em bases de dados científicas nacionais;
- b) Levantamento do cenário de Teatro Científico existente no território nacional;
- c) Aplicação de questionários com os grupos contatados;
- d) Entrevista com grupos focais; realizadas com os grupos de teatros participantes do Festival Ciência em Cena (2019), durante o evento;
- e) Entrevistas com os coordenadores dos grupos de Teatro Científico brasileiros selecionados, que trabalham com a discussão territorial.
- f) Transcrição e análise dos dados obtidos em comparação com revisão de literatura emergente da pesquisa bibliográfica.

De acordo com Lakatos e Marconi (2003) após a escolha do tema da pesquisa, inicia-se o levantamento de dados, os autores destacam três tipos de procedimentos para essa fase: a pesquisa bibliográfica, a pesquisa documental e a pesquisa por contatos diretos. No presente estudo foram abordadas a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo.

A pesquisa bibliográfica buscou nos principais trabalhos realizados, trazer dados relevantes para a discussão iniciada, essa primeira análise possibilita recolher informações atuais sobre os campos de abrangência da temática, servindo como uma orientação inicial à pesquisa. Os contatos diretos englobam a pesquisa de campo ou laboratórios que envolvem a participação de terceiros no fornecimento de dados (LAKATOS; MARCONI, 2003).

. A fase seguinte da pesquisa de campo buscou por meio de observações, contatos informais, seguidos de questionário e entrevista com coordenadores de projetos e participantes, compreender os processos dos grupos de Teatro Científico existentes no Brasil, e como eles trabalhavam, caso fosse, com o desenvolvimento regional a partir da Divulgação Científica.

5.1 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

A metodologia utilizada para a realização deste trabalho foi baseada na abordagem defendida por Mayring *apud* Gunther (2006), que afirmam que a pesquisa qualitativa na construção de conhecimento com base na compreensão da totalidade do indivíduo, é calcada especialmente na sua historicidade. Godoy (1995), reforça a ideia de que os documentos constituem uma fonte não-reativa, as informações neles contidas permanecem as mesmas após longos períodos. Podem ser considerados uma fonte natural de informações à medida que, por terem origem num determinado contexto histórico, econômico e social, retratam e fornecem dados sobre esse contexto. (GODOY, 1995).

A revisão literária foi elaborada com o método de revisão sistemática. Uma prática cujo início se deu na área da saúde, e que segundo Sanchez e Marchiori (2017), atualmente vem sendo reconhecida em quase todas as áreas de estudo e pesquisa, sendo aplicada para indicar, avaliar e resumir todas as indicações e assuntos relacionados que atendam a área de busca.

Partindo da ideia de buscar todo conteúdo relacionado ao Teatro Científico, a autora criou critérios de exclusão e inclusão. Esses critérios foram elaborados a partir da compreensão de que o foco da pesquisa era falar sobre “Teatro Científico” e a “Divulgação Científica”, excluindo todos os resultados que não englobassem esse universo.

QUADRO 1 - PALAVRAS-CHAVE USADAS PARA A BUSCA

PALAVRAS DE INCLUSÃO	PALAVRAS DE EXCLUSÃO
Teatro Científico	Teatro NOT Científico
Teatro AND Educação Ambiental	Divulgação NOT Científica
Teatro AND Científico	História do Teatro
Divulgação Científica	Pedagogia do Teatro
Teatro Educação	Teatro Infantil

Teatro AND Saúde	Pedagogia do Teatro
Teatro Científico AND Brasil	Teatro Científico NOT Brasil
Popularização da ciência	Educação em Teatro
Educação em ciências	Educação NOT ciências

Fonte: A autora, 2018.

Foram escolhidas algumas bases de dados brasileiras, *a priori* somente o que temos de conteúdo no Brasil para o assunto para efetuar as buscas: BDTD (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações)², no Repositório Digital Institucional da Universidade Federal do Paraná³, Scielo⁴, Google Acadêmico⁵, Portal de Periódicos da CAPES⁶ e DOAJ (Diretório de Periódicos de Acesso Aberto)⁷. Foram encontrados 32 resultados, entre capítulos de livros, artigos, periódicos e relatos de experiências os quais estavam relacionados com o tema. Os conteúdos foram anexados na plataforma digital Endnote⁸, um *software* licenciado para arquivamento de referências bibliográficas.

5.2 PESQUISA DE CAMPO

A pesquisa de campo “é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar [...]” (LAKATOS; MARCONI, 2003, p.186). A presente pesquisa buscou utilizar-se de instrumentos específicos de coleta de dados, classificando o estudo como exploratório, partindo da análise textual discursiva, encontrando generalizações, de forma a extrair categorias conceituais de significados, dentro das interpretações dos dados coletados de maneira discursiva (MORAES; GALIAZZI, 2006).

No mês de agosto de 2018, fez-se o estudo de campo no “Ciência em Cena” na cidade de Macaé. Neste evento fez-se um levantamento do cenário do Teatro

² <http://bdtd.ibict.br/vufind/>

³ <https://acervodigital.ufpr.br/>

⁴ <https://www.scielo.org/>

⁵ <https://scholar.google.com/>

⁶ <http://www.periodicos.capes.gov.br/>

⁷ <https://doaj.org/>

⁸ <https://endnote.com/>

Científico no Brasil, através de conversas informais e observação/apreciação no evento. Desde então, após o retorno do evento, foi aplicado o questionário, com alguns dos principais grupos/projetos do país. O objetivo deste questionário foi filtrar grupos que trabalham com temas e conteúdo de peças de teatro que envolvam ou se aproximam do desenvolvimento regional e do meio ambiente. Após esse levantamento planejaram-se entrevistas *on-line*, pois o Ciência em Cena do ano de 2019 aconteceu na cidade de Matinhos na UFPR Setor Litoral com a organização do LabMóvel (Laboratório de Divulgação Científica).

5.2.1 QUESTIONÁRIO

Foi realizada a coleta de dados quantitativo-qualitativo por meio de questionário, pelo fato dos grupos contatados estarem situados em outros estados do país. De acordo com Lakatos e Marconi (2003, p.201) o questionário “é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador.” Segundo as autoras, geralmente o questionário é enviado aos respondentes, e depois de preenchidos esses são reenviados ao entrevistador. Em geral, os questionários costumam ter uma taxa de 25% de retorno das respostas, porém é um instrumento valioso para pesquisa, em questão de economia de tempo e alcance geográfico dos entrevistados, além de que ele pode ser respondido a qualquer momento, e autonomia proporciona uma situação mais confortável para elaborar as respostas das perguntas.

Para a realização da pesquisa via questionário, foi utilizada a plataforma *Google forms*, e o *link* do questionário foi enviado a alguns coordenadores/participantes de grupos de teatros ligados a instituições acadêmicas identificadas do país. A estrutura do questionário mesclava perguntas semiabertas e abertas, com espaços para respostas curtas a fim de obter informações iniciais das pesquisas sobre o trabalho dos grupos existentes no território nacional.

A primeira fase da coleta de dados, foi a aplicação de questionários com integrantes de grupos teatrais, que trabalham com temáticas científicas. A opção dos questionários, foi uma primeira alternativa para entrar em contato com os integrantes desses grupos e compreender um pouco mais o cenário do Teatro Científico brasileiro, além de auxiliar na formatação das entrevistas com os grupos e coordenadoras. Os questionários foram elaborados com perguntas abertas e semiabertas, visando

compreender principalmente quem eram os respondentes e quais as suas trajetórias com o Teatro Científico. O questionário também abordou questões referentes às montagens teatrais, coletando dados sobre o número de montagens já realizadas, as temáticas trabalhadas, etc.

Após a investigação dos grupos de Teatro Científico, existentes no território nacional, por meio de observação no festival Ciência em Cenas, de busca em sites de pesquisa, redes sociais, sites oficiais, entre outros de divulgação online, desses tipos de trabalho científico-cultural. Foram selecionadas 19 pessoas ligadas a grupos de Teatro Científico, para aplicação de questionário, obtendo um retorno de 13 respostas. Foram selecionadas pessoas que participavam ativamente do trabalho realizado pelos grupos, com foco maior nos coordenadores desses projetos, que em sua maioria configuram professores universitários.

Foi realizada uma pesquisa demográfica com os respondentes, sendo que em sua totalidade, eles estavam envolvidos com alguma instituição de ensino superior, sendo a maioria com titulação de doutorado. Ressalta-se nesse ponto, que devido a quantidade de participantes obtidos pela pesquisa, procurou-se focar numa análise mais aprofundada dos dados qualitativos obtidos. Porém, os dados quantitativos foram apresentados para que seja mais eficaz a contextualização da presente pesquisa.

TABELA 1 – FORMAÇÃO ACADÊMICA

NÍVEL DE ESCOLARIDADE	QUANTIDADE DE RESPOSTAS
Graduação	1
Pós-Graduação	2
Doutorado	8
Não responderam	3

FONTE: A autora (2020)

Compreendendo a configuração acadêmica dos respondentes, foi perguntado os nomes das instituições pertencentes pelos grupos/respondentes. Também foram solicitados os nomes dos grupos teatrais e um relato dos participantes a respeito das trajetórias desses grupos citados. A partir dessas respostas, foram identificadas as regiões pertencentes aos grupos citados e estes foram separados geograficamente conforme os estados brasileiros. Houve em alguns casos, respondentes que citaram

instituições diferentes daquelas as quais pertencem os grupos de teatro com os quais são realizados os trabalhos desses respondentes, nesse caso foram computados somente os dados referentes à localização geográfica dos grupos de teatro citados pelos respondentes.

TABELA 2- LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DOS GRUPOS DE TEATRO

ESTADOS CITADOS	QUANTIDADE DE RESPOSTAS
Paraná	3
São Paulo	4
Minas Gerais	1
Rio de Janeiro	1
Ceará	2
Piauí	1
Não responderam	1

FONTE: A autora (2020)

Com relação aos trabalhos realizados pelos grupos, foi constatado a partir das respostas dos questionários, que os grupos formados pelos respondentes se dividem entrem até cinco anos de existência e mais de 10 anos de existência.

TABELA 3– TEMPO DE PROJETO

TEMPO DE PROJETO	QUANTIDADE DE RESPOSTAS
Menos de 5 anos	3
5 anos ou mais	3
10 anos	2
Mais de 10 anos	2
Não responderam	3

FONTE: A autora (2020)

A partir da coleta desses dados via questionário, foi possível tem uma primeira definição dos atores trabalham com teatro científico no Brasil e em conjunto com os dados obtidos na primeira fase das entrevistas, definir quem seriam os entrevistados da segunda fase da pesquisa com entrevistas, no caso as coordenadoras de projetos de Teatro Científico escolhidas.

5.2.2 ENTREVISTAS

As entrevistas ocorreram em dois momentos. O primeiro momento foi em formato de Grupos Focais, sendo realizados durante o evento do Ciência em Cena 2019, com os grupos participantes do evento, nessas seções foi buscado compreender a realidade de trabalho dos grupos ali presentes, como funcionava sua dinâmica de organização de montagem de peças, estruturas de apoio ao projeto e por fim, como esses grupos atuavam de forma a levar essas peças para suas comunidades, compreendendo se esse trabalho trazia questões referentes ao desenvolvimento do território. As entrevistas recolheram informações de grupos provenientes de Caxias (MA), Mossoró (RN), Itajubá (MG) e Ponta Grossa (PR). As entrevistas foram gravadas em formato de áudio, para posterior transcrição e análise de dados. Os grupos focais são uma técnica de coleta de dados a partir de interações coletivas de determinado grupo ou grupos, no caso desse tipo de pesquisa o entrevistador se coloca como mediador entre as interações ocorridas pelos participantes, enquanto maioria das técnicas de entrevistas se focam em indivíduos, o objeto de pesquisa dessa técnica se constitui no próprio grupo (GONDIM, 2003).

Através das rodas de conversas realizadas com os grupos de teatro participantes do Ciência em Cena de 2019, foi possível aprofundar melhor o mapeamento das atividades dos grupos. As entrevistas foram realizadas a partir de rodas de conversas que aconteceram no final dos espetáculos, abordando principalmente as temáticas: Composição do grupo; Institucionalização; Trajetória, Contexto regional; Linha de trabalho; Meios de fomento e Processo de criação; Divulgação Científica e desenvolvimento regional. Ao total foram quatro grupos que participaram das entrevistas, cujos relatos apresentados estão descritos a seguir.

O segundo momento das entrevistas realizou-se com três coordenadoras de importantes grupos de Teatro Científico existentes no território nacional, e que tem uma longa trajetória no campo de teatro de temática científica e Divulgação Científica. Por questões de sigilo, iremos apresentá-las no seguinte trabalho sob os codinomes de Coordenadora I, Coordenadora II, Coordenadora III. A Coordenadora 1, é professora adjunta da Universidade do Estado do Maranhão (UEMA) coordenando diversos Projetos de Extensão, incluindo projetos de Teatro Científico na área da Física; a Coordenadora 2, é docente da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), trabalha na coordenação de atividades com Teatro Científico;

Coordenadora 3, diretora de dois grupos de Teatro Científico, na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

A fase final das entrevistas foi realizada no período de maio a agosto de 2020. As entrevistas foram realizadas por meio de vídeos chamadas e gravadas para posterior transcrição e análise de dados. O formato das entrevistas foi semiestruturado buscando compreender a trajetória das coordenadoras e dos grupos no processo de Divulgação Científica e sua atuação regional.

Após a coleta de dados, foi feita a transcrição manual das entrevistas para a análise das informações obtidas com os grupos focais e com as entrevistas individuais, utilizando a abordagem de análise textual discursiva, desmembrando essas entrevistas em unidades de significado, categorizando as informações e processando essas dados por meio da triangulação dos relatos dos entrevistados, a categoria elaborada e o referencial teórico estudado, formulando os resultados da pesquisa no sentido de mapear o trabalho de desenvolvimento territorial realizado através do Teatro Científico no Brasil.

• APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Os resultados foram sendo construídos por meio da investigação teórica e de campo. Na investigação de campo, foi possível conhecer quem são os atores que fomentam o Teatro Científico no país, como eles trabalham, quais são suas dinâmicas, objetivos e dificuldades na concretização de seus projetos e de que forma isso dialoga com o desenvolvimento regional sustentável.

6.1 O TEATRO CIENTÍFICO NA VISÃO DE SEUS AUTORES

Os dados obtidos pelos questionários ajudaram a explicar em um primeiro momento o funcionamento das estruturas de trabalho dos grupos respondentes. Com relação ao número de montagens realizadas por cada grupo, temos uma grande disparidade, indo de menos de cinco até cinco peças montadas, passando para mais de 15 peças, chegando alguns grupos a apresentarem mais de vinte montagens.

TABELA 4 - NÚMERO DE PEÇAS MONTADAS

Nº DE PEÇAS MONTADAS	QUANTIDADE DE RESPOSTAS
Até 5 Peças	6
Até 15 Peças	2
Até 20 Peças	1
Mais de 20 Peças	2
Não responderam	2

FONTE: A autora (2020)

O questionário pediu que os respondentes elencassem os temas trabalhados nas peças, por meio de questão discursiva. As repostas foram computadas podendo se analisar que a temática mais trabalhada foi a Física, sendo citada por sete respondentes, seguida da Química (citada por 6). Respectivamente Biologia e Ciência/Conhecimento científico foram citados por cinco respondentes, sendo essa última categoria englobando temáticas relacionadas a natureza da ciência, do processo científico e história da ciência.

TABELA 5- TEMÁTICAS CIENTÍFICAS TRABALHADAS NAS PEÇAS

TEMAS	Nº DE VEZES QUE FOI CITADO
Astronomia	1
Saúde	3
Meio Ambiente	3
Matemática	3
Física	7
Química	5
Natureza da Ciência / Conhecimento científico	5

FONTE: A autora (2020)

Os respondentes apresentaram através das perguntas discursivas, relatos sobre os grupos e projetos de Teatro Científico pesquisados. A maioria dos projetos, se apresenta como alternativas de exploração de processos de ensino-aprendizagem de ciências, por meio do teatro. O foco dessas apresentações se volta para alunos de escolas públicas e/ou da Educação Básica. Trabalhando em sua maioria de maneira itinerante. Alguns funcionam como projetos de extensão, programas educacionais, ou são grupos formados por alunos/professores provenientes da comunidade acadêmica, tendo a maioria apoio de entidades como CAPES, CNPQ, Secretaria de Cultura, Pró-reitoria, Instituições de ensino superior, entre outros. Sendo que apenas duas das respostas classificaram os grupos como sendo totalmente independentes de apoio institucional.

Os respondentes também foram questionados a respeito do trabalho com temáticas ambientais e suas formas, e temáticas que englobam o contexto regional. Com relação ao trabalho com temáticas relacionadas à questão ambiental, a maioria respondeu afirmativamente, assinalando que as principais formas de trabalho nesse sentido pelos grupos englobam o teatro e as oficinas. Apenas dois respondentes disseram não ter trabalhado com temática ambiental. Já com relação ao trabalho com temáticas de contexto regional, as respostas foram bem divididas, com destaque para uma das respostas que assinalou afirmativamente e pontuou que a opção por temas ligados ao contexto da região “facilita o entendimento do público”.

6.2 VOZES DO TEATRO CIENTÍFICO: ENTREVISTAS COM GRUPOS FOCALIS

6.2.1 GRUPO I

Na primeira entrevista, o grupo participante foi o Grupo I, proveniente da cidade de Ponta Grossa no Paraná. O grupo se caracteriza como um grupo autônomo, que trabalha com Teatro Científico, é composto por docentes, discentes e egressos da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), sendo 3 integrantes do curso de química e um do curso de Economia. Embora o corpo do grupo seja de pessoas provenientes somente do campo das ciências, os integrantes relataram já terem experiência prévia com teatro e outras áreas artísticas, inclusive vindos de um antigo projeto de Teatro Científico, já encerrado.

O grupo se declarou não institucionalizado, ainda que por ocasião das entrevistas, houvesse ganhado um edital da cidade de Ponta Grossa. Embora não estejam vinculados à universidade, eles recebem algum tipo de apoio, como espaço para ensaiar, etc., e pretendem vincular a instituição. Eles declararam que todo o processo de montagem e o deslocamento para as apresentações e eventos até então, tinha sido com meios dos próprios integrantes do grupo. Isso também, segundo a fala dos participantes se reflete nas atividades do grupo, que não possui um cronograma ou uma rotina de trabalho, pela dificuldade dos integrantes de poderem se dedicar exclusivamente a essa atividade.

A primeira peça do grupo foi montada em 2017, para o Ciência em Cena, com caráter pós-dramático, exploratório, em um espetáculo que falava sobre o fogo, mas sem texto, somente com dança e movimentos corporais. Na proposta apresentada no Ciência em Cena de 2019, o grupo já optou por uma abordagem “texto-centrista”, trabalhando a temática do tráfico de animais selvagens, com a história de uma arara e de uma gralha azul. Quando questionados sobre uma linha de temas do grupo, eles assinalaram que mesmo sendo composto em sua quase totalidade por técnicos da área da química, o trabalho do grupo não foca apenas numa área do conhecimento científico, mas sim, em um trabalho de exploração de temáticas conforme a demanda. Visando a Divulgação Científica e pensando no contexto regional, sempre que possível.

O grupo relatou que a cidade de Ponta Grossa, tem um momento muito forte na área do teatro, embora a própria universidade não tenha um grupo de teatro, ela organiza em conjunto com o município um dos maiores festivais do país de teatro, o

FENATA. Em relação ao processo de montagem das peças, o grupo relatou que tudo é feito de maneira coletiva, através de discussão de ideias. Existem algumas pessoas, que são mais expoentes, como no caso do texto que foi trazido por um dos integrantes já pronto, que ele havia escrito em conjunto com outro amigo. Mas, todo o processo de criação, desde o cenário, até os figurinos e demais detalhes são criados de forma conjunta, através de debate e experimentação.

6.2.2 GRUPO II

O segundo grupo, que participou das rodas de conversas, também é ligado a área da química. Inclusive nasceu com um projeto institucionalizado do Departamento de Química, começou suas atividades como um Show da Química, com experimentos. Posteriormente, teve um responsável que assumiu a parte de criação teatral, com uma linha principal de adaptações de outras obras como o “Auto da Compadecida”, “Titanic”, entre outros, para a linguagem do Teatro Científico, passando para produções autorais. Foi relatado, que o grupo tem por costume, criar uma nova montagem anualmente, sendo que recentemente eles também criaram um pequeno formato de show, de menor duração, com experiências.

O grupo relatou que as suas peças são criadas sempre com o objetivo de divulgar a ciência, prezando pelo enfoque regional, trabalhando as temáticas relacionadas à química. No processo de criação das peças, o grupo segue métodos, sendo a montagem apresentada na ocasião do Ciência em Cena de 2019, formada pelo “método colaborativo de ficha”, em que todos os integrantes trazem suas ideias, elas são escritas e depois passadas para um quadro, em que são organizadas e votadas pelo grupo. Depois de escolhido o tema, por votação, existe um estudo do tema, por meio de seleção de material científico. Depois existe a organização e escolha da linguagem do espetáculo, nessa ocasião foi dado o exemplo do Cordel, em que um dos membros do grupo, ficou responsável pelo estudo do cordel e por passar o conhecimento para o grupo, então ele organizou uma visita do grupo a casa de um importante cordelista da região, para que o grupo aprendesse a literatura de cordel. Depois o grupo volta para a universidade e continua o trabalho de construção da peça.

Nesse sentido, o grupo deixou muito claro que existe um intenso processo de pesquisa para a construção do espetáculo, e uma clara divisão de tarefas, com relação a responsabilidade pelas etapas do processo, então uma aluna fica responsável pela

organização do quadro central, outro pela pesquisa da linguagem, ou outra necessidades de estudo que o grupo venha a ter para a concretização do espetáculo. O grupo também tem egressos, com projetos de pesquisa voltados para o estudo do desenvolvimento do grupo, em áreas de pós-graduação.

Os espetáculos do grupo, também são trabalhados com flexibilidade de apresentação, adaptando o conteúdo para diversos públicos. O trabalho do grupo é feito sob demanda, os pedidos de apresentação são recebidos via ofício, enviado à universidade, isso é utilizado como uma forma de registro e justificativa da saída dos alunos da universidade. Então esses ofícios definem a demanda de temas e público, e a partir daí o grupo discute como irá preparar a apresentação, para aquela demanda específica.

O grupo é institucionalizado dentro da UERN, enquanto Projeto de Extensão, teve apoio maior devido ao próprio trabalho e reconhecimento do grupo. Desde o princípio foi mantido, quase que exclusivamente com voluntários, atualmente possui 20 (vinte) integrantes e 4 (quatro) bolsistas. Mesmo assim, o grupo também relatou dificuldades financeiras para poder se deslocar para as apresentações, sendo que na ocasião da entrevista a grande maioria dos estudantes não pôde comparecer.

6.2.3 GRUPO III

Foi idealizado por alunos do curso de Licenciatura em Química, como uma alternativa pedagógica, a grande maioria já exercia a profissão, para passar conhecimentos de química para os alunos das escolas. A primeira experiência do grupo com relação as atividades teatrais, foi uma montagem intitulada “Show da Química”, voltada principalmente para apresentação de experimentos de maneira mais lúdica.

Atualmente o grupo possui 3 peças montadas: O Show da Química, O Mágico de O2 e Alice Cientificamente Comprovada. Das três montagens, a última apenas foge um pouco da área que o grupo provém, sendo uma peça com temática voltada a explicar a natureza da ciência.

O grupo relatou não possuir nenhum integrante com formação específica na área de teatro, porém dois integrantes, egressos tem alguns cursos e auxiliam o grupo, e recentemente tiveram a entrada de mais duas integrantes da graduação, que já tinham experiências prévias com teatro. Para a última montagem do grupo, uma dessas alunas inclusive assumiu a direção para coordenar os atores, nas marcações

de cenas e organização dos ensaios. Porém, o grupo relatou que a maior parte de seus processos são feitos de maneira amadora e coletiva.

As apresentações do grupo acontecem principalmente em escolas da cidade de Itajubá e região periférica. Embora o grupo não tenha mais nenhum integrante da formação original, um dos atuais participantes foi aluno de uma escola da região periférica de Itajubá, que conheceu o grupo através das apresentações. O Grupo III possui uma página no Facebook, por onde as escolas e instituições entram em contato para solicitar as apresentações das peças.

Os integrantes relataram que inicialmente o grupo fez contato com as escolas, principalmente por ter muitos integrantes que já estavam dando aula, para conseguir as apresentações, e em seguida vieram convites para apresentar em feiras de ciências e outros espaços de tempo escolar, mas que hoje em dia as escolas por si só, procuram o grupo para realizarem as apresentações. Segundo eles, a sua divulgação se dá principalmente por parte dos espectadores, vídeos que as pessoas encontram na internet, mas a grande parte das indicações é feita por professores que conhecem o grupo e indicam para outros docentes e escolas.

O grupo possui estrutura própria para as apresentações, com muitos elementos improvisados a partir de materiais alternativos/reciclados, porém nas questões de transporte, geralmente é necessário auxílio externo, que o grupo solicita através das prefeituras ou professores da universidade.

O grupo é institucionalizado dentro da Universidade, porém atualmente não possui verbas de manutenção e nem bolsas de extensão, como muitos alunos eram de cursos de licenciatura, uma grande parte dos integrantes possuía bolsa Pibid (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), porém com o constante corte de verbas para programas de extensão que tem ocorrido nos últimos anos, o grupo não possui nenhuma bolsa ou edital para custear as demandas de trabalho do grupo. Apenas a última montagem do grupo, “Alice Cientificamente Comprovada” foi realizada com verba proveniente de um edital, recebido em 2018. Porém, a maior parte dos trabalhos dos grupos são realizados a partir de verbas angariadas com outros professores dentro da universidade e de eventos realizados pelo grupo. Pela fala dos integrantes não foi possível compreender se existe um professor coordenador por trás do projeto, porém eles têm ajuda de uma professora que assume o papel de conseguir verbas, espaço e materiais para a realização das atividades do Grupo III.

Outra dificuldade relatada pelo grupo foi a questão de ensaios, pois além dos alunos terem turnos diferenciados, e grande dificuldade de conseguir horários para ensaiar, os locais disponíveis também não são adequados, pois não existem auditórios na universidade com acústica apropriada, além da dificuldade de reserva desses espaços para sua utilização. O grupo não possui uma sala própria, seus materiais ficam guardados em uma sala compartilhada do departamento. Outra questão destacada é o preconceito sofrido dentro da própria instituição, por parte de professores e diretoria, tanto em relação ao grupo de teatro, quanto em relação aos cursos de licenciatura.

6.2.4 GRUPO IV

Começou em 2009, na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), com uma professora do curso de Física e um professor do curso de Letras. Posteriormente o professor saí do grupo e funda o próprio grupo. Outros cursos, também fizeram a fusão com o e saíram posteriormente, formando outros grupos, no curso de Química, de Matemática, sendo bem forte a questão do teatro na UEMA, pelos cursos, tendo parcerias em eventos com apresentações diversas, empréstimo de materiais e etc.

A atual coordenadora do grupo, trabalha no Teatro Científico, principalmente com alunos do ensino fundamental, médio e superior. Já estuda o Teatro Científico desde a pós-graduação e a sete anos com a realiza um projeto/evento parecido com o Ciência em Cena, realizado com os alunos das escolas da região, que premia peças de teatro realizadas pelos alunos em várias categorias como figurino, texto, temas transversais, etc. Ela também possui um espetáculo teatral em formato de série, que se chama "Dona Física", com várias peças que trazem temas relacionados a área da Física, sendo apresentados a partir das histórias encenadas por uma mesma família de personagens.

"É, da Dona Física ainda tem uma sobre termodinâmica, tem "As Férias de Dona Física", tem "O Jantar de Dona Física", tem várias! A mesma família, tem "Acende a Luz Dona Física" que também é um... falta a luz e eles vão fazer uma... lanterna, lâmpada caseira. Ai sempre lá a gente pega muito essa questão dos... materiais de baixo custo, os alunos acham até mais interessante do que todos aqueles, experimentos que tem no laboratório de física." (INTEGRANTE GRUPO III, 2019)

O grupo relata dificuldades para manutenção financeira de seus custos e integrantes, com o corte de bolsas acontecido nos últimos anos, o grupo de teatro

passou de 18 integrantes para sete. Em questão de apoio, o departamento de Física da universidade participa em conjunto grupo, auxiliando em outras atividades fora da atuação. Pois como o projeto de Teatro Científico realiza vários tipos de eventos, a demanda por atividades como divulgação, inscrições, carregar materiais, demonstrar experimentos é muito grande, então todo o departamento auxilia o grupo nessas ocasiões. No caso, o LabMat, que é o Laboratório de Materiais do curso de Física da UEMA, é o parceiro do grupo, pois esse laboratório trabalha principalmente com a questão da Divulgação Científica

As apresentações do grupo acontecem em escolas da região, principalmente durante a Semana Nacional. Um dos focos do grupo é a participação no Ciência em Cena. Para conseguir verbas para participação e realização de eventos, sobretudo com transporte, o grupo realiza eventos e possui ajuda de professores, os eventos geralmente são realizados por meio de competições com alunos do ensino superior e das escolas do fundamental. Para a participação do Ciência em Cena de 2019, o grupo realizou um evento de lançamento de foguetes, com alunos de uma escola do ensino fundamental próxima à UEMA.

O processo inverso também ocorre, com eventos em formato de festival teatral, organizado pelo grupo, que traz os alunos das escolas da região para apresentarem dentro da universidade, como o Encontro de Teatro Científico, evento anexo à Semana Nacional. Onde os professores das escolas montam peças com seus alunos, e participam do encontro, com avaliação e premiação ao final.

Um dos projetos relatados pelo grupo é o de uma Caravana, onde o grupo possui um triciclo motorizado, no modelo dos Tuk-tuk indianos, em que eles transportam o projeto para as escolas da região de Caxias e cidades periféricas, durante o período da Semana Nacional. Eles enfeitam o triciclo, e vão às escolas apresentar os experimentos de física e as peças de Teatro Científico. Além dessa região, eles atendem uma cidade que fica a uma distância um pouco maior da cidade de origem do grupo e zonas rurais, porém nesse caso eles dependem de transporte fornecido por terceiros para realizar o deslocamento.

Os processos de organização do trabalho incluem uma rotina de ensaios semanal, pelo menos duas vezes na semana. Como o grupo existe desde 2009, eles possuem um acervo de peças e experimentos, muitos experimentos também são recebidos por doação de alunos da universidade, derivados de oficinas práticas que depois são incorporados às peças ou a Caravana.

Com relação às peças, os integrantes afirmaram que existe uma flexibilidade de adaptação das apresentações para públicos diversos, então de acordo com os eventos o grupo prepara as adaptações. O grupo também trabalha com teatro de bonecos, que inclusive tem uma parceria com um projeto de reciclagem da universidade, para o qual eles fazem apresentações com os bonecos falando sobre a temática.

Umas das peças apresentadas pelo grupo no Ciência em Cena de 2018, fala sobre um tema regional, que é a cultura do “Trocar Dia”, mostra o ofício das quebradeiras de coco de Babaçu. Fala sobre a cultura da região e os processos de fabricação de derivados da casca de coco de babaçu, sobretudo o carvão ativado. Para essa montagem, os alunos fizeram laboratório de atuação numa cidade do interior do estado do Maranhão, para compreender a cultura representada na peça, das mulheres quebradeiras de coco. Foi realizada uma pesquisa acadêmica, com a produção do carvão ativado com a casca do coco de babaçu em forno de micro-ondas. Para a realização dessa montagem, o grupo contou com a direção de um professor de teatro, mas o grupo relatou que esse caso foi uma exceção, geralmente eles pesquisam em livros de teatro, exercícios e outros modos de fazer, porém afirmam terem muitas dificuldades nesse sentido do fazer teatro.

Na parte do fomento, o grupo, assim como os outros grupos entrevistados, relatou grandes dificuldades de conseguir verbas, a maior dificuldade é a questão dos transportes, porque o grupo depende do fornecimento de transporte por terceiros ou verba para custear esses deslocamentos para apresentações. No momento não existe apoio de nenhum edital, porém o grupo afirmou que sempre participam, a professora coordenadora sempre realiza a inscrição do projeto do grupo nos editais. Quando existem eventos que necessitam de transporte para trazer os alunos, eles recebem ajuda dos professores, ou então cobram inscrições dos alunos universitários, para custear os transportes dos alunos das escolas públicas. Em questão de estrutura, o grupo afirma que possui bastante material, para a realização de apresentação e duas salas próprias, uma para os materiais e outra para reuniões e ensaios.

O grupo afirmou que sempre trabalha com questões regionais, dentro das peças e não na temática, sempre com algum elemento característico da região, que conecta com o público. Pelo trabalho do grupo já ter muitos anos e existir uma extensão desse trabalho para outros cursos, a universidade apoia muito a realização

dos trabalhos com teatro e existe uma popularização bem forte dessa prática na região.

6.3 VOZES DO TEATRO CIENTÍFICO: ENTREVISTAS COM COORDENADORAS DE PROJETOS

6.3.1 ENTREVISTA 1 - COORDENADORA I

A primeira entrevista foi realizada com uma das fundadoras do Grupo IV, da Universidade Estadual do Maranhão. O grupo trabalha com teatro e Divulgação Científica desde 2009. Ele foi fundado pela professora em conjunto com um professor do curso de Letras, o objetivo era participar de um edital do CNPQ (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) em parceria com a FAPEMA (Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Estado do Maranhão) do mesmo ano.

A Professora relata que desde a sua graduação, ela sempre trabalhou fazendo experimentos em sala de aula, e procurando meios alternativos de demonstrar esses experimentos e conhecimentos para os alunos, usando materiais como casca de coco, etc. Isso fez com que ela ficasse conhecida nas escolas em que trabalhava, pelos experimentos que levava consigo nas aulas. Logo depois da graduação, quando começou a lecionar em uma escola, ela reuniu experimentos que fazia com os alunos, e que os alunos colocavam em prática na sala aula em um livro de física para a oitava série, relatando esses experimentos. Sua primeira experiência com teatro, ocorreu quando ela trabalhava em uma escola de cooperativa, e estava tendo muita dificuldade com uma turma, em que todos os alunos estavam tirando notas baixas na prova. A experiência funcionou, os alunos tiraram notas altas no semestre seguinte e a peça foi apresentada em uma Feira de Ciências, e acabou fazendo tanto sucesso, que eles precisaram cobrar um valor simbólico, para dar conta da demanda. Depois disso, as atividades com teatro só retornaram em 2009, quando ela regressa a UEMA já como professora, depois do doutorado e inicia o grupo de Teatro Científico.

No início do projeto a professora relata que ambos (ela e o professor parceiro no projeto) não tinham muita experiência com teatro. Nesse sentido, ela solicitou apoio

do Professor Marcos Vale, na época diretor da Seara da Ciência, um importante espaço de Divulgação Científica da Universidade Federal do Ceará, que forneceu um curso de Teatro Científico, para dar início aos trabalhos do projeto. A primeira peça do grupo se chamava “A Dança do Universo”, baseada no livro de mesmo nome de Marcelo Gleizer. Essa primeira montagem contava com dois bolsistas, que foram até as escolas da cidade e convidaram os alunos para participar do projeto. Essa primeira montagem teve a participação de 20 (vinte alunos) das escolas públicas, que ensaiavam aos sábados de manhã.

O edital foi aprovado, a Professora deu início conjuntamente com eventos da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, no município de Caxias, coordenando atividades com teatro. Nesse período, o grupo começou a fazer apresentações de teatro e experimentos em escolas e praças, durante a Semana Nacional. Em 2010, uma parceria com os professores e a prefeitura deu início ao Encontro de Teatro Científico de Caxias, que é um evento anexo, realizado uma semana antes do evento da Semana Nacional.

Até 2019, o grupo subsistir com a ajuda de editais, o último projeto submetido a edital era intitulado “Fazendo Carvão Ativado e Teatro com Coco de Babaçu”. Ele deu origem a peça que foi apresentada em Macaé, no Ciência em Cena de 2018, para essa montagem foi contratado um professor de teatro da cidade, para coordenar e fazer oficinas. Mas a professora relata que as capacitações têm deixado os alunos cada vez mais experientes, sendo eles os responsáveis pela última montagem do grupo, apresentada no Ciência em Cena de 2019, em Matinhos. Desde o primeiro ano, o grupo participa do Festival Ciência em Cena, sempre trazendo e aplicando os aprendizados das oficinas, na prática do grupo.

O público alvo do projeto é sobretudo alunos da educação básica. No começo do grupo, a plateia geralmente era formada pelos estudantes da UEMA e por escolas que eram convidadas, a professora relatou a dificuldade em relação ao transporte, pois a escola sempre solicitava que fosse mandado um transporte para buscar e levar os alunos novamente. O grupo também trabalhava indo às escolas para apresentar, e nesse momento eles aproveitavam para aplicar pesquisas com os alunos sobre as percepções deles sobre as peças e sobre o projeto. O grupo possui uma motocicleta, comprada através de um edital, que é utilizada para transportar experimentos em formato de Caravana, fez muito sucesso no município e cidade dos arredores.

Com relação à temática do Desenvolvimento Regional Sustentável, a professora afirmou que não conhecia o termo, mas identificou em alguns trabalhos realizados pelo grupo essas questões, como no exemplo do trabalho realizado pela peça que mostra a cultura das quebradeiras de coco de babaçu, o projeto realizado nesta temática “Fazendo Carvão Ativado e Teatro com Coco de Babaçu”. Que fez a produção de carvão ativado em forno de micro-ondas, para os moradores da região pesquisada usarem como método para filtragem de água. O projeto da Caravana, que leva experimentos de Física para escolas e praças da cidade de Caxias e região, divulgando a ciência e parcerias com os alunos do Pibid que também integravam o projeto e realizavam atividades nesse sentido com as escolas.

6.3.2 ENTREVISTA 2 - COORDENADORA II

A segunda entrevistada é coordenadora de um grupo de Teatro Científico (Grupo II) existente há 19 anos. O grupo iniciou suas atividades com o objetivo de divulgar o Curso de Química, sendo que as primeiras atividades se configuravam em formato de show, com caráter principalmente experimental. Eram os atores, vestido com figurinos que entravam em cena e faziam experimentos. Um ano depois, teve a entrada de um docente com formação teatral, e foi inserindo essa vertente no grupo. O grupo participa do Ciência em Cena, desde a primeira edição, sendo considerado um expoente na área de Teatro e Divulgação Científica.

Segunda a professora, sempre houve uma compreensão da necessidade de se divulgar a ciência para além dos “muros da universidade”, desde quando ela era aluna de graduação. Porém, em sua carreira isso se deu início pelos meios formais, das publicações científicas, até o momento em que ela regressa a universidade como professora, e integra o grupo de Teatro Científico, já com um entendimento de que “aquele grupo, ele tinha essa função de popularizar a informação e fazer a Divulgação Científica, de contribuir com alfabetização científica.” (COORDENADORA II...,2020).

O professor que tinha formação teatral, foi um dos iniciadores do grupo, porém ele não tinha a fundamentação teórica, esse trabalho de pesquisa acadêmica, se iniciou com a entrada da Professora no grupo, desde 2010. As primeiras linhas de pesquisa do grupo foram no sentido de orientar alunos de pós-graduação, enquanto objeto de estudo destes, e compreensão da influência do grupo na formação dos alunos participantes, enquanto licenciandos do curso de Química.

O público alvo do projeto é principalmente alunos das escolas de educação básica da região, apresentando muito em eventos como feiras de ciência. O departamento de Química, em parceria com as escolas, fecha as apresentações e solicita para as empresas e prefeitura o transporte e alimentação, e no caso das escolas, somente a alimentação, o transporte nesse caso é fornecido pela universidade. O projeto conta com estrutura própria para as apresentações, como caixa de som, microfones, etc.

Durante a entrevista a Professora confirmou que o trabalho do grupo já é bastante popular e reconhecido na região, inclusive muito da divulgação é feita pelos próprios alunos da universidade que residem em cidades da região ou egressos que são professores das escolas de cidades vizinhas e fazem a ponte entre o projeto e as comunidades. O grupo costuma fazer pesquisas com as plateias, através de questionários, com o objetivo de compreender a percepção desse público, de forma geral e através de alunos que trabalham nas escolas, já fizeram pesquisas mais específicas.

Sobre o tema do Desenvolvimento Territorial Sustentável, a Professora relata que dentro do grupo não existe essa discussão especificamente, mas que conhece o termo, através de colegas que trabalham nessa linha de pesquisa e compreende que o trabalho do Grupo Fanáticos segue esse viés. Indo principalmente nas cidades da região e trabalhando temáticas científicas que envolvem a cultura e o cotidiano daquela população.

6.3.3 ENTREVISTA 3 – COORDENADORA III

A Coordenadora III é diretora de um projeto de Divulgação Científica, da UFSCar, em São Carlos (SP), do qual fazem parte dois grupos de Teatro Científico. O mais antigo existe desde 2004 é formado por alunos da Universidade e integrantes da comunidade externa e é apoiado por diversas instituições científicas do país como a própria UFSCar, o CNPQ, PROEX, entre outros. Desde 2009, ela também coordena os trabalhos de outro grupo de Teatro Científico, que é formado por pessoas com deficiência visual. Ambos os grupos trabalham de maneira itinerante, percorrendo todo o país, apresentando os espetáculos com o apoio das entidades citadas. Ela também, é uma das fundadoras do festival Ciência em Cena, que acontece desde 2007, com o objetivo de reunir grupos de Teatro Científico do Brasil para troca de experiências.

As peças montadas pelos grupos tratam de diversas temáticas das áreas científica, como Química, Física, Biologia, Astronomia, etc. Contado com um acervo de quarenta espetáculos montados. De acordo com a coordenadora, o processo de trabalho é realizado via demanda, por meio de convites ou motivações internas dos grupos, apresentando-se principalmente em eventos, de cunho científico, na área da educação ou divulgação científica. De acordo com a coordenadora, os espetáculos geralmente são encomendados de acordo com uma faixa etária. Porém o grupo em geral possui um roteiro base, que é adaptado conforme o público, e ela destaca o cuidado com a linguagem tanto no sentido de adequá-la ao público, geralmente infanto-juvenil, não usando palavras de baixo calão, por exemplo, quanto em conseguir passar o conhecimento para o público.

Apesar de ter um trabalho de muito anos dentro da comunidade de São Carlos, principalmente a universitária, um dos pontos destacados pela entrevistada é que esses tipo de trabalho acaba sofrendo muito com os ciclos, tanto acadêmicos da universidade, em que se tem que administrar as trocas internas do grupo, quando as escolares, o que faz com que principalmente os projetos que são apresentados dentro das escolas necessitem estar em constante renovação e atividade, para que o trabalho não seja esquecido.

Apesar das dificuldades de realização desse trabalho, a entrevistada destacou a atividade do teatro como algo “muito forte”, ela relata casos de trabalhos realizados pelo projeto em escolas, que mesmo meses ou anos depois os alunos relembram os conteúdos das peças e fazem conexões. Destacando a importância dessa atividade no fomento do ensino, mas afirma que somente as apresentações em determinados espaços de tempo não bastam para ensinar, é preciso se pensar em maneiras de efetivar essa modalidade de ensino dentro da educação, para gerar um efeito a longo prazo.

6.4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

A partir da exploração das pesquisas bibliográficas e das pesquisas de campo, os resultados apresentados no estudo foram apresentando desdobramentos e incluindo perspectivas não previstas de antemão na realização da estrutura inicial.

As fases da pesquisa foram ampliando o debate da temática sobre o fazer TC no território brasileiro, a partir das experiências que foram relatadas. O processo da pesquisa se iniciou com a pesquisa bibliográfica dentro das temáticas de Teatro Científico, Divulgação Científica e Desenvolvimento Regional. Em seguida na fase de campo houve a busca e a identificação dos grupos que trabalhavam com TC no território nacional, por meio de canais de divulgação dos grupos e dos eventos que esses participaram; seguido de questionário estruturado endereçado aos coordenadores e participantes desses grupos; seguindo para as fases de entrevistas primeiros com os grupos de TC participantes do festival Ciência em Cena 2019, e em seguida com três coordenadoras de grandes projetos de TC no Brasil.

Em continuidade, a pesquisa passou ao processamento desses dados, por meio das transcrições dessas entrevistas, buscou-se pela metodologia de análise textual discursiva (MORAES e GALIAZZI, 2006), a criação de categorias, separadas entre categorias *a priori*, formuladas no processo inicial de pesquisa, e as categorias emergentes, formuladas durante o período de tratamento dos dados bibliográficos e coletados pela pesquisadora. Essas categorias foram organizadas no quadro 1.

QUADRO 2 - CATEGORIAS A PRIORI E EMERGENTES

A PRIORI	EMERGENTES
Discussão Territorial	Temáticas voltadas para o território
	Projetos voltados para o território
Divulgação Científica	Educação formal
	Educação não-formal
Desenvolvimento Regional	Processos de trabalho
	Desafios institucionais

FONTE: A autora (2020)

As categorias a priori foram selecionadas visando os objetivos definidos no início da pesquisa e que delinearam o percurso da coleta de dados. As categorias emergentes nasceram sob os processos de leitura da revisão teórica das temáticas

abordadas e as falas apresentadas pelos participantes das entrevistas. As descrições atribuídas às categorias apresentadas pelo quadro, buscam sistematizar o trabalho realizado pelos grupos teatrais em conformidade com os objetivos da pesquisa, visando compreender sua atuação no Desenvolvimento Regional Sustentável.

As descrições apresentadas das categorias elencadas foram formuladas conforme:

- 1) Discussão Territorial: Nessa categoria estão os relatos sobre trabalhos dos grupos que envolvem projetos referentes a temas regionais, que tanto apresentam peças com *temáticas voltadas para o território*, quanto *trabalham com projetos que sejam voltados para o território*;
- 2) Divulgação Científica: Nesta categoria foram englobados os projetos que trabalham dentro das instituições com diferentes formas de educação para o desenvolvimento de seu trabalho e pesquisa, tanto na *educação formal* quanto na *educação não-formal*;
- 3) Desenvolvimento Regional: Essa categoria *engloba ações realizadas pelos projetos para o desenvolvimento das regiões* em que atuam, nos diversos espaços em que esses projetos ocorrem. Também foi colocado nessa categoria as questões apresentadas referentes as *dificuldades apresentadas pelos projetos* para o desenvolvimento desse trabalho.

A partir da análise destas categorias, foi possível realizar uma discussão partindo dos relatos apresentados, traçando um panorama descrito pela maioria dos grupos participantes com relação ao desenvolvimento de seus trabalhos para a Divulgação Científica e desenvolvimento da ciência em suas regiões. A discussão dos resultados foi estruturada de maneira discursiva, trazendo dos relatos a apresentação dos resultados.

6.4.1 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

6.4.1.1 Discussão Territorial

O Desenvolvimento, principalmente nos países de terceiro mundo, vem se pautando cada vez mais em um sentido de favorecer práticas que englobem uma mudança social, significando uma mudança de vida para toda a população

(FURTADO, 2002). Albagli (2006) defende que o conhecimento científico proveniente do contexto regional, configura vantagem competitiva e uma consciência de desenvolvimento mais sustentável, valorizando o território. Pequeur (2005) destaca que nos territórios locais, é possível encontrar unidades produtivas fundamentadas nas relações do meio com seus agentes, e que podem ser compreendidas dentro de suas escalas enquanto capitais potenciais, sem necessidade de mensuração monetária.

Os grupos de teatro, trabalham a ciência e os conteúdos científicos a partir de um viés educativo, e desenvolvem esse espaço educativo dentro de suas regiões, nem sempre o enfoque é a cultura/ambiente local, mas alguns projetos tem a consciência de que é possível e/ou tem projetos que se voltam para realidade local e a colocam em contexto científico educacional.

a) Temáticas Voltada para o Território

Dos grupos entrevistado, o Grupo II proveniente da UERN foi o único que declarou que preza pelo enfoque regional em suas peças, os outros grupos também trouxeram essa questão no caso: Grupo I; Grupo IV, apresentaram peças com temáticas regionais, não como uma regra em seu trabalho, mas como uma consequência de alguma motivação apresentada. O Grupo I, optou pelo enfoque regional na temática da peça apresentada no Ciência em Cena 2019, por ser um evento realizado em seu estado, o grupo do Maranhão iniciou um trabalho de pesquisa científica com o carvão ativado a partir do coco de babaçu, e consequentemente um projeto de teatro que envolvia a discussão da cultura do “trocar dia” da região.

b) Projetos Voltados para o Território

Os grupos de teatro, relataram que seus projetos procuram levar as peças com conhecimento científico para as escolas e espaços culturais da região, embora o público alvo dos projetos se concentre em alunos da educação básica, os projetos relataram terem um método de adaptação das montagens conforme as necessidades apresentadas pelas demandas que recebem. Como é o caso do grupo do Maranhão e do Rio Grande do Norte, que se apresentavam em praças e mercados, ou que atendiam até mesmo demandas trazidas por empresas na divulgação de tecnologias de impacto regional.

Inclusive a gente já foi várias vezes para cidades, por exemplo, tem a, aqui tem muito a implantação de energia eólica, e da energia solar. Então nós já fomos convidados duas vezes por essas empresas, que estão implantando essa energia eólica pra que a gente vá apresentar algo com a temática ambiental. (COORDENADORA II, 2020)

Outro caso a ser destacado também foi o relatado pelo grupo maranhense, no sentido de que a pesquisa e realização da peça com a temática da cultura da quebra do coco de babaçu, se baseava na produção de carvão ativado em forno de micro-ondas, que foi produzido para que os moradores da região pudessem utilizar como uma forma de filtragem da água. “Aí que eu coloquei é.... Fazendo Teatro, “Fazendo Carvão Ativado e Teatro com Coco de Babaçu”. Aí a gente propôs, se fazer carvão ativado nas comunidades rurais, para eles filtrar a água, e fazer a peça de teatro mostrando a cultura do trocar dia” (COORDENADORA I, 2020).

O teatro de temática científica traz como contribuição um objetivo importante da Educação Científica, que é fornecer meios de fomentar um senso de cidadania atuante nos indivíduos de determinada comunidade. Nesse sentido, o teatro surge como uma estratégia diferenciada de ensino para a abordagem do conhecimento científico. Nesse sentido contextualizar o ensino de ciência, com aspectos políticos, econômicos e ambientais, possibilita ao mesmo que ensina criar um escopo de fomento para promoção do desenvolvimento regional (SILVA; MARCONDES, 2010).

6.4.1.2 Divulgação Científica

A Divulgação Científica é identificada como um meio potencial de desenvolvimento social, a descentralização do conhecimento, a produção e socialização desses conhecimentos científicos, são compreendidos como estratégias de desenvolvimento que tem capacidade de modificar de maneira ativa o espaço social (ALBAGLI; MACIEL, 2004).

O TC tem um forte trabalho ligado a área educacional, ele surge principalmente dentro destas instituições, e se forma como uma alternativa pedagógica de ensino e divulgação de ciência. Nas entrevistas com as coordenadoras dos projetos foi possível identificar uma preocupação com a necessidade de divulgação, sobretudo a popularização da ciência para além dos “muros da

Universidade”, compreendendo que os grupos TC, tem um importante papel nesse sentido.

Tem responsabilidade na alfabetização científica, tem responsabilidade na popularização da ciência, na Divulgação Científica, na... tem responsabilidade em despertar o interesse pela ciência de outras pessoas. Então assim, tem responsabilidade na formação Inicial, daqueles alunos que participam do curso, são todos os alunos de graduação. Então as responsabilidades são muito maiores, do que o objetivo inicial da criação do grupo. Mas, isso foi crescendo com o decorrer dos anos. (COORDENADORA II, 2020)

Sabe-se que a população brasileira carece de formação educacional em ciência e tecnologia, contribuindo nesse sentido, para que as desigualdades se aprofundam (UNESCO, 2005). Contudo, compreende-se que não é o bastante simplesmente aumentar o alcance dessa formação se ela não for acessível, os meios educacionais também devem ser pensados de maneira a facilitar o acesso a esses conhecimentos, nesse sentido estratégias de educação não-formal do ensino de ciências tornam-se cada vez mais populares (UNESCO, 2013).

a) Educação Formal

Com relação ao trabalho dos projetos de TC na educação formal, temos nos relatos dos professores e alunos, um processo voltado a trabalhos de pesquisas de graduação e sobretudo de pós-graduação, sendo o TC e o desenvolvimento desses projetos específicos e o envolvimento desses pesquisadores com esses projetos, o objeto de pesquisa optado por eles, para realização de seus trabalhos na área científica, contribuindo para divulgação do TC no campo acadêmico.

Esses trabalhos englobam pesquisas na área científica que caminham juntamente com as temáticas escolhidas pelas peças teatrais, que aprofundam esses temas dentro dos laboratórios de experimentos e dos laboratórios artísticos. Os alunos e professores relataram que existe por traz das peças um intenso trabalho de pesquisa acadêmica, no estudo de literatura acadêmica dos temas, procedimentos metodológicos, produção de textos acadêmicos, produção de experimentos nos laboratórios, pesquisas de campo no sentido de conhecer as culturas locais que serão representadas, os modos de ser e fazer teatro.

Outro ponto observado a partir das entrevistas, foi a extensão do trabalho dos grupos de Teatro Científico, na formação de professores, que dão continuidade aos processos de trabalho tanto dos grupos, enquanto apoiadores ou criadores de novos

grupos de teatro dentro das escolas, quanto de licenciandos que recebem em sua formação superior conhecimentos para trabalhar com o teatro enquanto ferramenta pedagógica.

Também destacaram que os próprios grupos de TC, se convertiam em objeto de estudo dos estudantes nos cursos de pós-graduação. Além das publicações realizadas pelos projetos, por meio de pesquisas que focavam compreender o impacto de seus trabalhos na formação dos estudantes participantes, e livros com relatos das experiências adquiridas pelo trabalho desenvolvido.

A partir dessa atuação dos grupos, o Teatro Científico emerge como uma área de pesquisa, possibilitando compreender os processos construtivos desse trabalho realizado pelos grupos. Souto Jr. (2015, p.37) destaca em sua tese o trabalho realizado dentro de um desses grupos e aponta que dentro das “Universidades brasileiras, encontram-se alguns grupos de teatro científico que exploram a interface Teatro e Ciências. São grupos de divulgação científica que busca educar através da linguagem teatral de forma lúdica, agradável e prazerosa.” O autor elenca alguns objetivos de trabalhos apresentados por esses grupos, sendo que além do papel de divulgação da ciência e a busca de novas formas de apresentar os conhecimentos científicos, um dos objetivos é a “Formação acadêmica e pessoal.

a) Educação não-formal

O aspecto da Divulgação Científica em espaços de educação não-formal, foi o que mais apareceu nos relatos apresentados pelos grupos, a grande maioria se apresenta em eventos escolares e científicos, como as Feiras de Ciência, encontros de TC, ou mesmo espaços no tempo escolar disponibilizados para as apresentações escolares. Os grupos realizam oficinas e outras modalidades de educação não-formal com alunos da educação básica e do ensino superior. Martins (2018) destaca que umas das definições da educação não-formal, é ocorrer em espaços coletivos do cotidiano, lugares que possibilitam trocas de experiências e compartilhamento de conhecimentos.

Os próprios grupos, em sua maioria, se concentram institucionalizados dentro de Projetos de Extensão nas Universidades, fazendo com que os alunos participem de suas atividades de maneira a explorar outras formas de aprendizado dentro de suas grades curriculares. Os próprios entrevistados relataram que os projetos

nasceram a partir da necessidade de desenvolvimento de alternativas pedagógicas para o ensino de ciências:

Então a gente se preocupa muito, com a formação pedagógica de professores. Para a gente tirar aquela dicotomia de que... a química é algo difícil, é algo que ninguém gosta. Então a gente trabalha muito, com isso. (COORDENADORA II, 2020).

[...] e foi uma idealização de alguns alunos de licenciatura em química. Eles sentiam que tinha uma distância, já *tavam* dando aula e eles sentiam que tinha uma distância entre como eles passavam o conhecimento químico para os alunos e o que eles conseguiam entender. Desinteresse, que é um problema, que acredito que a maioria dos professores aqui já sentiu na sala de aula. Que o aluno às vezes não consegue entender o conhecimento, não consegue entender o que você tá passando, não consegue entender o conteúdo, ou às vezes só não gosta mesmo. Acha que é difícil naturalmente... (INTEGRANTE GRUPO III, 2019)

Daí ela falou assim: “É.... sua situação tá critica hein?”, ai eu falei assim: “Ué, na turma, naquela turma A eu fiz a Curva de Gauss, saiu tantos alunos com nota ruim. Na B, e na C só saiu um aluno com nota azul, mas o que, que eu vou fazer? A aula foi a mesma, a prova foi a mesma... então, não tem jeito.” E ai ela falou assim: “Pois olha, no próximo bimestre eu quero todos os alunos da turma C com a nota azul.”, ai eu falei pra ela assim: “Cê tá doida? Só tem uma saída, se eu fizer teatro.” Ai ela virou assim pra mim: “Pois, faça. Faça teatro, senão você vai perder seu emprego.” Ai, eu fiz teatro, foi a primeira peça que eu fiz (COORDENADORA I, 2020).

Araújo (2006) aponta que a escolha do teatro enquanto ferramenta educativa se origina na necessidade de encontrar práticas que tornem mais fácil a comunicação com a população para a transmissão de informações. Nas palavras do autor “a utilização do teatro enquanto instrumento pedagógico facilitava o acesso da população a informações essenciais na mudança de comportamento e responsabilidades [...]” (ARAÚJO, 2006, p. 136). As alternativas pedagógicas de educação não-formal, em sua estrutura favorecem um modelo de aprendizado baseado na troca e no diálogo, compreendendo uma linguagem mais abrangente, que consegue atingir um público heterogêneo (MARANDINO, 2003).

O teatro científico como ferramenta no processo de ensino e de aprendizagem tem contribuído para o desempenho dos alunos, estimulando a busca do conhecimento científico, ao contrário do que acontece nas aulas tradicionais que se destacam pela memorização de fórmulas e regras. (SOUTO JR., 2015, p. 17)

A utilização da linguagem teatral no ensino de ciências, é uma alternativa interessante de educação não-formal, pois possibilita trazer os conteúdos formais, traduzindo-os em uma linguagem que conecta esses conceitos ao cotidiano,

simplificando e dinamizando esses conhecimentos, de forma a tornar possível seu entendimento para um público leigo.

6.4.1.3 Desenvolvimento Territorial

Dentro dos relatos obtidos nas entrevistas, as coordenadoras de projetos foram as que apresentaram maior conhecimento sobre os processos de Desenvolvimento Regional Sustentável e consciência do trabalho realizado pelos grupos para o desenvolvimento das regiões. Embora isso, se apresente como uma percepção individual, elas afirmam que essa temática não chegou a ser tratada coletivamente dentro dos processos de trabalho apresentado pelos grupos. Mas, compreendem que ações englobadas pelos processos de trabalho e Divulgação Científica realizados dentro dos projetos de TC, contribuam para o desenvolvimento científico e tecnológico de suas regiões. Barros (2005) e Albagli (2006) são dois autores que defendem que as trocas informacionais resultam em modificações regionais, no sentido de não apenas alterarem ou alimentarem a bagagem cultural daqueles que interagem com essas trocas de informações, mas atua inclusive politicamente conscientizando o impacto das tecnologias e dos conhecimentos para o desenvolvimento sustentável ou não daquela região.

Albagli e Maciel (2004) destacam que um “sistema de comunicação múltiplo”, que compreende uma troca de informações entre sujeitos partindo do campo do saber, saber esse que engloba as experiências e conhecimentos adquiridos na trajetória dos sujeitos, em um espaço de interação e cooperatividade, favorecem o surgimento de inovações.

a) Processos de Trabalho

Os processos de trabalho no sentido de promover o Desenvolvimento Territorial, envolvem principalmente deslocamentos dos grupos no município o qual estão situados e municípios da região, apresentando os espetáculos em escolas, praças, outros espaços públicos, teatros, Feiras de Ciência, eventos científicos/culturais, festivais de teatro, etc. Alguns grupos relataram promover outras modalidades de eventos científicos nas regiões, como competições científicas, oficinas, encontros de teatro, como uma forma inclusive de arrecadar verbas para os projetos ou auxiliar outros projetos.

A grande maioria dos grupos trabalha com uma demanda por meio de convites os grupos recebem convites de escolas, prefeituras, empresas, etc. para realizarem apresentações. Alguns grupos relataram terem um modelo formalizado de administração dessas demandas, “Então, manda-se um ofício para o departamento, a gente se organiza e vai.”, outros grupos administram essa demanda pelas redes sociais, e-mails, ou mesmo pelos próprios alunos e egressos que fazem a ponte com as escolas e instituições.

O que eu quero chegar com isso é o seguinte, a gente forma os alunos e eles normalmente retornam às suas cidades, e se tornam professores daquela cidade. Como eles se tornam professores daquela cidade e eles conhecem o projeto, então eles querem divulgar para cidade deles, aquele projeto. Então eles contatam o grupo, para o grupo ir apresentar lá na sua cidade. Então tem muito isso, sabe? muito mesmo. Então a gente vê, que o grupo ele já é bem conhecido (COORDENADORA I, 2020)

b) Desafios Institucionais

Todos os grupos e coordenadoras entrevistadas relataram grandes dificuldades na manutenção dos projetos, sobretudo na área financeira. Desde 2016 as Universidades Públicas e Secretarias educacionais e culturais vem sofrendo cortes de verbas intensos, para o custeio principalmente de projetos voltados à área da educação e cultura. Todos os projetos relataram perdas parciais ou totais em seus quadros de bolsistas, o que acarretou também na saída de muitos integrantes dos grupos de TC, entre os integrantes que ficaram nos projetos, a grande maioria relata muitas dificuldades para conciliar as demandas pessoais com os cronogramas do teatro, como as reuniões e ensaios.

Martins (2018) destaca que um aspecto importante em relação às PPPC, tem referência aos investimentos públicos, que influencia diretamente nos resultados de acesso as atividades de popularização da ciência. De acordo com o Andes (2020) as verbas para investimentos nas universidades brasileiras começaram a sofrer cortes desde 2014. Em 2010 quando o Reuni (Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais), entrou em vigor a verba das universidades era de 40,58 bilhões, sendo que desse total 2,78 bilhões eram destinados a infraestrutura. Em 2019 esse total chegou a 0,76 bilhão. Para 2021 foram anunciados novos cortes de verbas, com uma redução de 18,2% nos gastos não obrigatórios, ameaçando as atividades de diversas Reitorias brasileiras.

A Universidades públicas, são os locais que mais concentram atividades de grupos de Teatro Científico, além de várias outras iniciativas de voltadas para

divulgação científica e popularização da ciência, esses cortes afetam diretamente o trabalho realizado pelos grupos de TC para promoção da divulgação e do desenvolvimento científico e tecnológico das regiões em que atuam.

Outro ponto de destaque é que a falta de verbas acarreta na falta de estrutura, então muitos projetos relatam que realizam suas montagens, atualmente, por meio de improvisação de materiais, com apoio de professores, de verbas advindas de outros projetos, de aquisições de eventos e doações. Muitas das montagens e equipamentos que os grupos já possuem, foram adquiridas com verbas de editais, foram citados principalmente nas entrevistas os editais provenientes do: CNPq; PROEX; FAPs; CNCT; PIBID. Porém, todos os projetos relataram grandes dificuldades com relação aos transportes, como o foco central de seus trabalhos inclui a divulgação científica através das apresentações teatrais itinerantes, a dificuldade em conseguir custear os transportes aparece como a maior reclamação dos entrevistados.

A partir dos dados obtidos pela pesquisa, é possível perceber que nem todos os integrantes dos grupos entrevistados se entendem como divulgadores científicos, mas todos compreendem bem a importância da realização de seus respectivos projetos em sua região. Observou-se que estes grupos trabalham o desenvolvimento territorial e sustentável em sua cidade/região, mas não entendem a proposta de seu trabalho como um instrumento de transformação da realidade na qual estão inseridos, ou seja, não acreditam que contemplem a complexidade do desenvolvimento sustentável e não desenvolvam suas atividades dentro desta perspectiva.

A grande maioria dos grupos de Teatro Científico existentes no Brasil hoje está dentro das Universidade Públicas, nas observações e entrevistas, foi possível constatar que todos os grupos abordados dentro dessa pesquisa se encontravam no interior de uma dessas instituições, sendo formados principalmente por professores e alunos, em alguns casos os grupos tinham como participantes membros da comunidade externa.

As dificuldades de manutenção dos grupos para desenvolver as atividades são muito parecidas: não são profissionais das artes e sim pesquisadores, professores e estudantes nas áreas das ciências, o que reforça ainda mais a necessidade de se trabalhar as questões ambientais com multidisciplinaridade e popularizar este conceito para que mais trabalhos possam surgir e temas relevantes para o meio ambiente possam ser retratados em sua totalidade.

Os resultados alcançados foram considerados favoráveis ao uso do Teatro Científico na esfera escolar e em espaços considerados não-formais, visto que ele atua como uma ferramenta importante para a construção de um ambiente mais humanizado, favorecendo atividades que promovam a interatividade, o trabalho em equipe, a reflexão e a criticidade do aluno.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou trazer um levantamento do Teatro Científico brasileiro, através de um recorte dos projetos participantes do Festival Ciência em Cena, com enfoque em práticas de Divulgação Científica que promovessem formas de Desenvolvimento Regional Sustentável. Acredita-se que a popularização e a alfabetização científica são meios potenciais de promoção do Desenvolvimento Sustentável, por meio da criação de uma consciência científica, transmissão de conhecimentos através abordagens não-formais, fortalecendo a troca de experiências e a conexão do aprendizado com o cotidiano fomentando o acesso ao conhecimento científico e democratizando-o como uma maneira de diminuição das desigualdades e fortalecimento da cidadania científica.

Através dos resultados obtidos foi possível perceber que os grupos de Teatro Científico existentes no território nacional e proveniente das Universidades Públicas fazem trabalhos grandiosos e de extrema relevância para a Divulgação Científica e o desenvolvimento de suas regiões. Contudo, os grupos realizam esses trabalhos de extrema qualidade e valor, mesmo em meio a inúmeras dificuldades para desenvolver e manter seus projetos, tanto em termos financeiros como estruturais.

Foi constatado que esses grupos trabalham o Desenvolvimento Territorial em suas cidades/regiões, e compreendem que esse trabalho é um instrumento de transformação da realidade sócio educacional na regionalidade em que estão inseridos. Contudo, não fazem essa discussão, caracterizando suas atividades dentro da perspectiva do Desenvolvimento Territorial. Porém, os resultados obtidos se mostram muito favoráveis para o aprofundamento da discussão pelo viés do Desenvolvimento Sustentável, enquanto caminho para o desenvolvimento e divulgação da ciência nas regiões onde os grupos fazem suas atuações.

Nesse sentido, a presente pesquisa traz um panorama inicial, com possibilidades de aprofundamento futuro em relação aos trabalhos dos grupos de Teatro Científico nacionais. Como sugestão para trabalhos futuros, trazer a partir deste ponto uma análise comparativa de outros grupos de TC que trabalham a Divulgação Científica, em parceria com o Laboratório Móvel de Educação Científica, com o intuito de ampliar a compreensão acerca do Teatro Científico e a questão do

Desenvolvimento Sustentável, para popularizar a Divulgação Científica na perspectiva do Desenvolvimento Regional.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, J. A.; MACÊDO, C. W. **Ciência e Tecnologia para o Desenvolvimento Regional**. R. Pol. Públ., v.16, n.1, p. 67-78, jan./jun. São Luís, 2012
- ALBAGLI, S. **Conhecimento, inclusão e desenvolvimento local**. Inclusão Social, Brasília, v. 1, n. 2, p. 17-22, abr. /set. 2006.
- ALBAGLI, S. **Informação e conhecimento na inovação e no desenvolvimento local**. Ci. Inf, v. 33, n. 3, p.9-16, set./dez. Brasília, 2004.
- ALCÂNTARA, L. C. S. et al. Zona de Educação para o Ecodesenvolvimento: aproximação da Universidade com a Comunidade. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, v. 33, p. 129-147, abr. 2015
- ANDES. **Em dez anos, universidades federais perdem 73% da verba de infraestrutura**. 2020. Disponível: <http://andesufrgs.org.br/2020/08/24/em-dez-anos-universidades-federais-perdem-73-da-verba-de-infraestrutura/> Acesso: 14/11/2020
- ARAÚJO, J. R. S. **A dimensão pedagógica do teatro: reflexões sobre uma proposta metodológica**.198 f. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira) – Universidade Federal de Alagoas, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira. Maceió, 2006.
- AULER, D. **Interações entre ciência-tecnologia-sociedade no contexto da formação de professores de ciências**. Tese. Universidade Federal de Santa Catarina - Programa de Pós-graduação em educação. Doutorado em Educação: ensino de ciências naturais. Florianópolis, SC. 2002.
- AULER, D. DELIZOICOV, D. Investigação de temas CTS no contexto do pensamento latino-americano. **Linhas Críticas**, Brasília, DF, v.21, n.45, p. 275-296, mai./ago. 2015.
- BOAL, A. **Técnicas Latino-Americanas de Teatro Popular - Uma revolução copernicana ao contrário**. São Paulo: Hucitec, 1979.
- BRITO, F. O. M., LUISA ORG MOREIRA, ILDEU DE CASTRO. ORG. **Ciência e público: caminhos da divulgação científica no Brasil**. Rio de Janeiro, 2002.
- BRITO, N., SILVA, A. P. B. e SILVEIRA, A. F. **O Teatro como Estratégia de Comunicação da Ciência**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. In: XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. Campina Grande, 2011.
- CANDOTTI, E. Ciência na educação popular. In: MASSARANI, L.; MOREIRA, I. C.; BRITO, F. (Org.). **Ciência e público: caminhos da divulgação científica no Brasil**. Rio de Janeiro: Casa da Ciência - Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da UFRJ, 2002. p. 15-23

CAVALCANTI, C. **Sustentabilidade: mantra ou escolha moral? uma abordagem ecológico-econômica.** Revista Estudos Avançados. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo. V. 26. N. 74. São Paulo: janeiro a abril de 2012.

CAVALCANTI, C. **Meio ambiente, Celso Furtado e o desenvolvimento como falácia.** Revista Ambiente & Sociedade. V. 5. N. 2. Campinas: janeiro a julho de 2003. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414753X2003000200005&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 05/11/2018.

Ciência e público: caminhos da divulgação científica no Brasil. Organização e apresentação de Luisa Massarani, Ildeu de Castro Moreira e Fatima Brito. Rio de Janeiro: Casa da Ciência – Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Fórum de Ciência e Cultura, 2002.

Ciência para o desenvolvimento sustentável global: contribuição do Brasil. Síntese dos Encontros Preparatórios ao FMC 2013. DF: Centro de Gestão e Estudos Estratégicos – Brasília, 2013

COORDENADORA I. Entrevista concedida a Tainara Cristina Baságlio. Curitiba, 28 abr., 2020. [A entrevista se encontra transcrita no anexo “X” dessa dissertação].

COORDENADORA II. Entrevista concedida a Tainara Cristina Baságlio. Curitiba, xx 2020. [A entrevista se encontra transcrita no anexo “X” dessa dissertação].

DAGNINO, R. **Why science and technology capacity building for social development?** Science and Public Policy 39 (2012) pp. 548–556, Innovation Policies Analysis Group, State University of Campinas (UNICAMP), São Paulo, Brazil, CP 6152, SP, Brazil.

ESTADES, N. P. **O Litoral do Paraná entre a riqueza natural e a pobreza social.** Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente. Programa e Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento da Universidade Federal do Paraná. N.8. Curitiba: julho a dezembro de 2003. Disponível em:
<<http://revistas.ufpr.br/made/article/view/22047/14408>>. Acesso em: 05/11/2017.

FERREIRA, J. R. **Popularização da ciência e as políticas públicas no Brasil (2003- 2012).** 185 f. Tese (Doutorado em Ciências Biológicas - Biofísica) – Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho, Programa de Pós-Graduação em Ciências Biológicas - Biofísica. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2014.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 22a.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FURTADO, C. Em Busca de Novo Modelo. **Revista de Economia Política**, v. 23, n. 3. Out./dez. 2002.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995

GOHN, M.G. **Educação Não-Formal e Cultura Política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor**. São Paulo: Cortez, 1999.

GONDIM, S. M. G. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. *Paidéia*, Ribeira Preto, v. 12, n. 24, 2002.

GOUVEIA, C. R. A Erosão Costeira e os Desafios da Gestão Costeira do Brasil. **Revista de Gestão Costeira Integrada**, v. 9, n. 1, p. 17-37, 2009.

GUIMARÃES, R. S. SILVA, Camila Silveira. **As implicações do Teatro Científico como prática educativa na perspectiva da educação não formal**. XI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – XI ENPEC. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: 3 a 6 de julho de 2017.

GUNTHER, H. Pesquisa Qualitativa Versus Pesquisa Qualitativa: Esta É a Questão? **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. V. 22, n. 2, p. 201-210, mai./ago. 2006.

INTEGRANTE GRUPO III. Entrevista concedida a Tainara Cristina Baságlio. Matinhos, set. 2019. [A entrevista se encontra transcrita no anexo “X” dessa dissertação].

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LOUREIRO, C. F. B. **Trajetória e Fundamentos da Educação Ambiental**. 3 Ed. São Paulo: Cortez, 2009.

MARANDINO, M et al. A educação não formal e a divulgação científica: o que pensa quem faz? **IV Encontro nacional de pesquisa em educação em ciências**. 2003.

MARTINS, R. P. **Políticas públicas de popularização da ciência no brasil: perfil de atividades realizadas de 2003 a 2015 por meio do CNPq e intersecções entre ciência, educação e desenvolvimento territorial sustentável**. 117 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais) – Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial Sustentável, Universidade Federal do Paraná, Matinhos, 2018.

MONTENEGRO, B. et al. **O papel do teatro na divulgação científica: a experiência da Seara da Ciência**. 2005. Universidade Federal do Ceará. Disponível em: <<http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v57n4/a18v57n4.pdf>>. Acesso em: 02/11/2017.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. Análise Textual Discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces. **Ciência & Educação**, v. 12, n. 1, p. 117-128, 2006.

MOREIRA, I. C. A inclusão social e a popularização da ciência e tecnologia no Brasil. **Inclusão Social**. v. 01, n. 02, 2006.

MOREIRA, L. M. MARANDINO, M. **Teatro de temática científica: conceituação, conflitos, papel pedagógico e contexto brasileiro**. *Revista Ciência & Educação*.

Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. V.21. N.2. Bauru: abril a junho de 2015. disponível em: <

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S151673132015000200015&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 05/11/2017.

OLIVEIRA, D. M. **Teatro Científico: a arte como divulgação da ciência. Coreia, Coreia: um exercício de teatro científico.** Monografia (Curso de Especialização em Divulgação da Ciência, da Tecnologia e da Saúde) – Museu da Vida, Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro, 2010.

PECQUEUR, B. **O desenvolvimento territorial: uma nova abordagem dos processos de desenvolvimento para as economias do sul.** Raízes, Vol. 24, nos 01 e 02, p. 10–22, jan./dez. Campina Grande, 2005.

PIERRI, N. et al. A ocupação e o uso do solo no litoral paranaense: condicionantes, conflitos e tendências. **Desenvolvimento e Meio ambiente**, Curitiba, n. 13, p. 137-167, jan./jun. 2006.

PNUD, Ipea, FJP. **Índice de Desenvolvimento Humano Municipal Brasileiro.** 2013.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico.** 2 ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RIBEIRO, M. C. et al. The Brazilian Atlantic Forest: How much is left, and how is the remaining forest distributed? Implications for conservation. **Biological Conservation**, v.142, n.6, p. 1141-1153, 2009.

SACHS, I. **Ecodesenvolvimento: crescer sem destruir.** São Paulo: Editora Vértice. 1985

_____. **Espaços, tempos e estratégias de desenvolvimento.** São Paulo: Vértice, 1986.

_____. **Em busca de novas estratégias de desenvolvimento.** Estudos avançados 9 (25), p. 29-63. UNESCO, 1995.

_____. **Brasil e os Riscos da Modernidade.** Ciência Hoje. p. 12-14. 1996.

_____ 2000

_____. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável.** Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

SANCHEZ, C. S. e MARCHIORI, P. Z. A. **Participação Popular no Contexto das iniciativas de Governo Aberto: revisão sistemática da literatura.** 2017.

SARAIVA, C. C. **Teatro Científico e ensino da Química**. Dissertação (Mestrado). Universidade do Porto, Porto, 2007.

SILVA, A. T. R. Ecoformação: reflexões para uma pedagogia ambiental, a partir de Rousseau, Morin e Pineau. **Desenvolvimento e Meio ambiente**, Curitiba, n. 18, p. 95-104, jul./dez., 2008.

SILVA, E. L.; MARCONDES, M. E. R. Visões de Contextualização de Professores de Química na Elaboração de seus próprios Materiais Didáticos. **Revista Ensaio**, Belo Horizonte, v. 12, n. 01, p. 101-118, jan./abr. 2010.

SILVA, I.R. et al. Potencial de danos econômicos face à erosão costeira relativo às praias da Costa do Descobrimento – litoral Sul do Estado da Bahia. **Pesquisas em Geociências**, v. 34, p. 35-44, 2007.

SILVÉRIO, A. A. **As Dificuldades no Ensino/Aprendizagem da Física**. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, abril de 2010.
Disponível em:
<<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/105360/FSC0003-M.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 05/11/2018.

SOARES, S. M. SILVA, L. B. SILVA, P. A. B. **O Teatro em Foco: Estratégia Lúdica para o Trabalho Educativo na Saúde da Família**. 2011 Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141481452011000400022.
Acesso em 05/11/2018

SAUVÉ, L. **Educação ambiental e desenvolvimento sustentável: uma análise complexa**. Mato Grosso, 2005.

SAUVÉ, L. **Educação Ambiental: possibilidades e limitações**. Université du Québec à Montréal - Educação e Pesquisa, v. 31, n. 2, p. 317-322, maio/ago. São Paulo, 2005.

TIEPOLO, L. M. **A inquietude da mata atlântica: reflexões sobre a política do abandono em uma terra cobiçada**. Guaju – Revista Brasileira de Desenvolvimento Territorial Sustentável. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial Sustentável, da Universidade Federal do Paraná. V.1. N.2. Matinhos: julho a dezembro de 2015.

VIEIRA, P. F. **Políticas ambientais no Brasil: do preservacionismo ao desenvolvimento territorial sustentável**. Dossiê Política & Sociedade, Universidade Federal de Santa Catarina, n. 14, p. 27-75, abril de 2009.

VIEIRA, P. F. **Repensando a educação para o ecodesenvolvimento no Brasil**. In: *Tecnologia e cidadania*. 8º Encontro Nacional de Ensino Agrícola. Camboriú, SC, 30-31 de outubro de 2002.

VIVEIROS DE CASTRO, E. O medo dos outros. **Revista de Antropologia**, v. 54, n. 2, 2011. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/39650> Acesso em: 05/11/2018.

ZANCAN, G. T. Educação Científica: uma prioridade nacional. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 14, n 3, jul./set. 2000.

ANEXOS

ANEXO I – SINOPSE DAS PEÇAS APRESENTADAS

1. BLACKOUT

A história se passa em uma biblioteca da escola e tem como personagens principais os estudantes Lucas e Uly. Inicia com a necessidade de ambos de elaborarem um trabalho de ciências muito difícil e importante. Eles pedem ajuda para uma misteriosa bibliotecária que, de forma lúdica e cômica, transforma a simples biblioteca em um cenário de grande aventura, com muitos mistérios, onde se aprende e se diverte ao mesmo tempo.

O roteiro enfatiza a importância das ondas eletromagnéticas em nosso cotidiano, sua utilização para os meios de comunicação através de transmissões de rádios, TVs e celulares, seu uso em alguns eletrodomésticos que funcionam através da emissão de ondas eletromagnéticas, como o forno de micro-ondas que aquece as moléculas de água dentro do alimento. Outro exemplo utilizado é a importância do Raio X, um tipo de onda que opera em uma frequência diferente.

Prossegue questionando todas as “estranhas” propriedades das ondas, baseadas em teorias que apoiam a natureza das ondas, quando desde antiguidade, estudiosos como o filósofo e poeta Lucrécio já questionavam a respeito da natureza da luz. Explica também que a luz comporta-se como uma onda ao se movimentar pelo espaço, mas quando incide sobre a matéria, ou seja quando ela “encosta” em uma superfície, reage como partícula. Essa partícula, pedacinho minúsculo de matéria, é impossível de enxergar com os olhos humanos. Os físicos teorizam que a luz é uma onda e partícula ao mesmo tempo.

O espetáculo continua explicando quais espectros fotocromáticos podem ser percebidos pelo olho humano e são reconhecidos por todos nós coletivamente, assim como o processo pessoal de identificação e reconhecimento das cores, processo ocorrido dentro do cérebro humano. Outro aspecto explicado na peça é o fato de a luz branca carregar dentro de si parte do espectro fotocromático, composto pelas cores violeta, azul, verde, amarelo, laranja e vermelho. Informa também que de todas as combinações dentro deste espectro surgem as cores que nós percebemos. Ou seja,

o processo funciona assim: a onda de luz incide em um objeto, a frequência que este objeto menos absorve reflete de volta para o espaço e nosso olho, equipado com células especiais capazes de absorver esse reflexo envia a informação para o nosso cérebro, que o decodifica e identifica como uma cor.

Também foi explicado em cena a relação da luz e cores com o olho humano enquanto órgão sensorial, tendo o olho o papel de receptor e transmissor de informações. A luz, refletida por objetos, é captada pelos olhos através da córnea, prossegue até a retina, onde as imagens são formadas de forma invertida, similar ao funcionamento de câmeras fotográficas. O nervo óptico então envia impulsos nervosos ao cérebro, que são interpretados e formam as imagens que nós vemos. No final do espetáculo ocorre uma reviravolta, onde as crianças acabam por afirmar que o trabalho não valia nota, e sim que apenas estavam buscando conhecimento por conta própria e que os personagens encarnados da cor, e olho humano foram interpretados pela bibliotecária, que se transforma nós mesmos para ajudar aos alunos.

2. O DIA EM QUE O BROCOLIS SALVOU A TERRA

O Dia Em Que O Brócolis Salvou a Terra, escrita por Luis Gustavo Gonçalves de Souza, foi pensada em forma no gênero de comédia. É uma história que se passou na cozinha da casa da pequena Juliana (Ju). Uma criança muito mimada e birrenta que odeia comer qualquer alimento saudável, seus pais, sempre muito preocupados por alimentação que sempre preferia doces e produtos industrializados, procuram incentivar a pequena Ju a comer mais vegetais e alimentos mais saudáveis.

Em uma de suas refeições Juliana foge para comer os doces escondidos fora de seu alcance. Por conta de um momento de fúria de com o seu pai ela recebe uma visita inesperada do “Senhor Vegetalien”: mal sabia Juliana que por conta desses pequenos maus hábitos alimentares o destino do planeta Terra correria grande perigo. Em um clima de muita diversão e assuntos importantes sobre a má alimentação da população, Juliana recebe a visita de vários convidados desejados e indesejados em sua cozinha.

Tudo acontece através de um julgamento que pode ou não salvar a terra onde uma Vaca, a Senhora Mumu é a juíza, Juliana é uma das advogadas de defesa e o Senhor Vegetalien, o advogado de acusação. E no meio dessa grande confusão em

que Juliana se meteu devido sua “rebeldia” alimentar ela percebe que realmente os hábitos alimentares do seres humanos precisam mudar e começa a incentivar as pessoas a mudarem suas atitudes com o planeta

O Dia Em Que o Brócolis Salvou a Terra é um espetáculo para toda família, tratando de questões muito importantes sobre o que os seres humanos estão fazendo com o planeta, que tipo de alimentos eles estão comendo, como esse alimento é produzido e principalmente incentiva as pessoas a terem melhores hábitos alimentares.

3. O CONTO DAS CONTAS

Em um universo onírico e divertido vamos fazer uma viagem, conhecer um pouco mais sobre a história da matemática. “O Conto das Contas” mescla música e teatro numa linguagem cômica e lúdica. Tudo acontece no quarto de estudos de menina Faustina que nunca gostou de estudar matemática. Sendo obrigada estudar por sua mãe Zulmira, Faustina descobre que matemática é muito mais divertido do que ela imagina, que a matemática está na vida. Vamos explorar um pouco sobre os grandes filósofos matemáticos, vamos conhecer um pouco mais sobre a primeira mulher documentada como sendo uma matemática, vamos descobrir que a matemática está em tudo

ANEXO II – MODELO QUESTIONÁRIO

12/04/2021

Pesquisa sobre grupos/projetos de Teatro Científico.

Pesquisa sobre grupos/projetos de Teatro Científico.

Este formulário faz parte de uma pesquisa para dissertação de mestrado da UFPR Setor Litoral(<http://www.ppgdts.ufpr.br/>), sobre qual a temática aborda o teatro científico. Com o objetivo de conhecer grupos ou projetos que trabalham com divulgação científica através do teatro.

***Obrigatório**

1. Endereço de e-mail *

2. Nome completo *

3. E-mail *

4. FORMAÇÃO *

Descrever quaisquer formações.

Formação acadêmica

5. NOME DA INSTITUIÇÃO (CASO TENHA)

Informações Sobre seu Projeto/Grupo

12/04/2021

Pesquisa sobre grupos/projetos de Teatro Científico.

6. NOME DO GRUPO OU PROJETO QUE FAZ PARTE *

7. TEMPO DE GRUPO OU PROJETO *

8. RELATE SOBRE O GRUPO OU PROJETO

Deixar mais claro sobre o que é esse relato, o que compreende (história, local de atuação, apoios financeiros e de instituições, se faz parte de uma ONG ou universidade ou outro).

9. QUANTAS PEÇAS JÁ FORAM MONTADAS? *

As peças aqui se referem a obras ou quaisquer outras atividades teatrais.

10. E QUAIS PEÇAS JÁ FORAM EXECUTADAS? *

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – ENTREVISTA COM GRUPO FOCAL I

Integrante I 0:04: - “Pode começar?”

Tainara: - “Pode!”

Integrante I 0:06: - “O que vocês querem saber?”

[risos]

Integrante I 0:08: - “É... Então! Acho que vamos começar é... vamos começar apresentando o grupo aqui né? Acho que no momento da apresentação foi tudo muito rápido, a gente queria tirar o cenário, então não deu tempo da gente falar nada.

Então eu sou o [...], é... eu sou formado em licenciatura em química, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa e... agora estou na pós-graduação, na área de ensino de ciências.

[...], minha orientadora”

[risos]

Integrante II 0:35: “Sou co-orientadora,” [risos] “Mas, orientadora... Eu sou a professora [...], eu sou da área de ensino de química, lá da Estadual de Ponta Grossa é... fui professora do Renan na graduação algum tempo atrás e o Renan voltou depois pra trabalhar no mestrado também, com teatro científico então... somos da UEPG e nos conhecemos de lá.”

Integrante II 0:58: - “Eu sou a [...], sou formada em bacharelado em química, tenho mestrado em bioquímica e... Então, eu já saí da universidade, eu não quis partir pro doutorado e agora também a gente faz parte de um grupo de teatro da cidade de Ponta Grossa, foi lá que eu conheci o Renan e o Nivaldo, aí depois eles me convidaram pra fazer parte dessa... desse grupo aqui pro Ciência em Cena e foi aí que eu conheci a Leila. E é isso.”

Integrante IV 01:27: - “É... Eu sou o [...], eu sou graduando em economia, acho que eu sou o único que não tá na área de ciências naturais daqui e... eu sou o mais leigo do auditório... acredito...”

[grupo discorda]

Integrante IV 01:40: - “Ah é verdade!” [grupo fala] “Eu sou professor de inglês, faço teatro já a um tempo, e sapateado, balé, faço dança e... eu trabalhado com isso atualmente, com o teatro, com dança e a graduação tá sendo mais pra te um... uma cela boa.” [risos] – “Tô brincando! Tá sendo mais pela questão... vou finalizar o curso, agora esse ano, mas não é algo que eu pretendo trabalhar com. Que é a área da economia... E eu conheci o Renan, já uns quatro anos na escola de teatro também. Agora a gente faz teatro no grupo junto e eu conheci a Nadine esse ano e a Leila também esse ano.”

Integrante I 02:25: - “Então é... nós somos o grupo Flogisto, a nossa primeira montagem pro Ciência em Cena foi é... em 2017, em São Carlos a gente foi com o espetáculo... “Fogo Líquido” o nome, era um espetáculo é... pós-dramático, então era tipo dança e... então durante todo o espetáculo, era, a gente trabalhava com o corpo. Foi eu acho, que uma coisa muito diferente pra, no momento ali é... e aí a gente pensou, vamo com uma proposta um pouquinho mais texto-centrista dessa vez. Então, aí a gente pegou texto, escrevemos o texto e aí foi o que a gente trouxe aqui é... mais alguma coisa?”

Integrante II 03:08: - “Acho que tem uma coisa que é importante assim. Nós não somos um grupo hoje, dos grupos que a gente ouviu né?... Eles estão vinculados a universidade como projeto de extensão é... como um programa... uma coisa assim. Hoje nós não estamos vinculados a...”

Integrante I 03:24: - “Nenhum programa!”

Integrante II : - “a universidade, enquanto um projeto.... né? Nós somos um grupo autônomo... que por acaso”

Integrante I : - “Dentro da universidade”

Integrante II 03:29: - “... é da universidade, né? Por acaso, se conhece ou da universidade ou teatro, ou estudaram lá, ou estão por lá. Mas, nós somos um grupo hoje autônomo. É... A pesquisa do Renan do mestrado é com teatro científico, mas não é com o que a gente fez

aqui né? Então o teatro ele nos uniu enquanto, um grupo que... faz teatro científico e que... nós.. acho que o Renan pode falar... nós vamos apresentar essa peça em uma série de outros lugares... né? A gente falou com a Janaína antes.

Foi a nossa estreia aqui hoje, porque a gente montou essa peça para o Ciência em Cena e...”

Integrante I04:07: - “Mas... surgiu é... Porque assim, a gente montou o espetáculo pensando no Ciência em Cena, tanto que o tema que a gente escolheu pro espetáculo, a gente pensou: ah vai ser no Paraná! Nossa terra, então vamos pegar algo bem regional e algo que... que trabalhe é... a... a ciência aqui da nossa região mesmo. Então é... cês viram que aqui o símbolo dos nosso Estado é a gralha azul, um pássaro, araucária, e aí a gente pensou em trazer também a questão da extinção, da biopirataria... é... toda essa questão da ciência... da... de... de... disso mesmo, da biopirataria mesmo!

E aí a gente trouxe uma personagem, que seria essa ararinha azul, que é trazida pro Paraná para se reproduzir devido a extinção e ela foge do Parque das Aves lá em Foz do Iguaçu e acaba encontrando a gralha, aqui na região e aí elas acabam se... é... se tornando amigas, e aí então foi mais pela questão de é... regional mesmo, a pensou: o que, que a gente pode trabalhar da química aqui na região?

Então a gente... não vinha nada, então a gente... ah vamo pra parte da biologia mesmo né?”

Integrante II 5:14: - “A proposta ela era para o público infantil né? Então a gente não quis entra necessariamente é... dentro da química. Nós nos unimos e depois nós tínhamos três químicos... Mas, não era a intenção que fossem né?... pessoas da química então... A proposta era realmente algo um pouco diferente daquilo que a gente... já viu... [inaudível]”

Integrante I 05:37: - “Sim... E aí... é... Então a partir dessa peça, nós fomos... Lá na cidade tem um projeto que é... Edital de Circulação. Então nesse edital... o município ele financia a apresentação do grupo, de grupos de teatro dentro do... das... dos espaços da cidade. Então é... nós conseguimos... aí se inscrevem diversos grupos, e nós com essa peça, a gente... Conseguiu ser classificado dentro desse edital para circular dentro das escolas. Então, é... dentro das escolas e dentro de...de...de outros espaços... que... que a comunidade esteja é... participando. Por exemplo, é... Centro de Convivência de Idosos, CRAS, é... e é um projeto de descentralização. Então a gente tem que ir pras regiões periféricas, pra apresentar essa peça. Então é... são sete apresentações né?... Do edital, mas aí a gente já tem apresentação marcada pra Blumenau, pra... Mas... a gente tem 11 apresentações marcadas já. Com essa peça né? Então, foi algo que a partir do Ciência em Cena, é... a gente ta conseguindo divulgar ciência pra diversos espaços e diversas pessoas.

Integrante II 6:51: - “A gente volta agora pra Ponta Grossa e...”

Integrante I 06:54: - “E começa uma temporada lá...”

Integrante II 05:56: - “E começa com uma...a turnê né? Da Arara e da Gralha Azul do Pinhão... e é uma sequência de apresentações dessa peça.”

Integrante II 07:07: - “E... eu não sei... perguntem...Já nos apresentamos né? Somos nós...”

Mulher plateia 07:10: - “É diferente né? A história do grupo autônomo. Então esse autônomo e aí... Tá. Vocês tão dentro... Deixa eu só [inaudível]. Então o Renan é aluno...”

Integrante II 07:20: - “Eu sou professora.”

Mulher plateia 07:22: - “Professora... Né?... E...”

Integrante I : - “Egresso”

Integrante II 07:26: - “Egresso da universidade e eu professora da graduação.”

Mulher plateia 07:29: - “E aí... Essa conciliação então. Como é que é?”

Integrante I 7:33: - “Acho que vale... ressalta que a... mesmo não sendo um projeto de extensão da UEPG, a gente consegue salas lá.

Integrante IV 7:42: - “Nós temos espaço lá, a gente consegue espaços lá pra ensaio...”

Mulher plateia 07:45: - “Vocês já pensaram em vincular...oficialmente...”

Integrante I7:47: - “Já sim.”

Integrante II 7:48: - “Sim! Sim!... Nós vamos vincular, provavelmente. Mas assim, nós não surgimos como um grupo vinculado... né? Mas, é... a demanda que existe, por atividades

como essas nas escolas na região... né?... Da universidade em sim... é grande. Eu... eu tinha um projeto de extensão antes de sair pro doutorado em 2012. Eu tinha um projeto de extensão em que nós trabalhávamos com teatro é... teatro científico... mais ou menos né?... eu não sei se dá pra dizer. Mas enfim, nós trabalhamos com teatro e nós fizemos algumas peças naquele período, só que... aí eu saí pro doutorado e quando eu voltei não tinha mais nem pernas pra dá conta da... da quantidade de atividades. Então... a gente ficou...né? o projeto... aquele projeto finalizou, era um projeto de extensão se chamava “IUPAC”, né?...” Iniciação Universitária Para Assuntos Culturais”, e... Aí a gente finalizou ele né?... E quando o Renan voltou agora pro mestrado eu falei “Renan! Bora lá!” ...né? vamos trabalhar juntos, mas vamos fazer alguma coisa de novo com teatro, que é uma coisa assim que... que me move, que já existiu na universidade e que hoje não existe mais. Ponta Grossa ela respira bastante o teatro, por conta do FENATA... Não sei se vocês já ouviram falar... Que é o Festival Nacional de Teatro, então o FENATA é muito antigo e é muito, é... assim, é muito reconhecido nacionalmente na questão de teatro.”

Integrante I 09:00: - “Muito grande, muito!”

Integrante II 09:02: - “Então é um evento muito grande acontece agora finalzinho de outubro, começo de novembro né?” – [atores concordam] – “É... já passou o período de inscrições das peças, mas, tem uma seleção assim... muito grande! Então Ponta Grossa respira muito teatro. E a universidade não tem um grupo de teatro. Ela organiza o FENATA, mas ela não tem um grupo de teatro né?... Então assim... é, o município tem agora né? Que aí os três fazem parte desse projeto do município, que é um grupo de teatro da cidade de Ponta Grossa.

Então assim, Ponta Grossa respira isso, mas não... né? Hoje em dia não tem. A ideia é que a gente vincule, mas nós também precisamos ainda né?... amadurecer algumas coisas... né [inaudível]... porque... até mesmo, a questão de tempo né? A gente fala assim, nossa dificuldade é... Eu tenho uma agenda bem complicada de datas, horários e tudo é... O Renan, a Nadine... Cada um tem horários muito distintos... Então nós não estamos todos no mesmo curso, que acabou a aula, saímos pra ensaiar... Estamos em lugares distintos da cidade, outras cidades né?... A Nadine mora em outra cidade inclusive. Então pra gente conseguir se reunir, se organizar, não é uma dinâmica que funciona assim tão, tão facilmente ...”

Integrante I 10:08: - “Nossa... Nosso esquema é: que dia desta semana nós podemos ensaiar?” – [risadas] – “Daí vai... cada um vai jogando o dia que dá, a gente vai....”

Tainara 10:18: - “Cêis são... É... só vocês quatro?”

Grupo 10:19: - “Só...” – “Só nós quatro”

Mulher plateia 2 10:20: - “E é semanal o encontro de vocês?”

[risadas] **Grupo 10:24:** - “É...” – “Geralmente...” – “A gente tenta”

Integrante I 10:08: - “Às vezes duas vezes numa semana e na outra não tem...”

Tainara 10:29: - “Mas... em algum momento foram três... ou dois ou cinco... Ou sempre foram vocês quatro?”

Integrante IV 10:34: - “Nós começamos em quatro... Aí ficou nós dois... Aí a gente convidou elas pra esse evento.”

Tainara 10:39: - “Ahhh...”

Mulher plateia 10:40: - “Era outro grupo.”

Grupo 10:40: - “Era outro grupo.”

Integrante I 10:41: - “Tinham outros... componentes.”

Tainara 10:43: - “Então o financiamento é... é vocês por vocês mesmos.”

Integrante IV 10:45: - “Exato!”

Integrante I 10:47: - “Então essa é... sim!” – [risos] – “A gente... amizade. É amizade. Tudo na amizade.”

Integrante II 10:49: - “A bolsa da amizade”

Tainara 10:50: - “A bolsa da amizade... eu...eu sei.”

Integrante I 10:53: - “Esse espetáculo a gente tirou todo... tudo, tudo, tudo, do nosso bolso... tudo! Tudo, tudo, tudo... Até pra vir até aqui. É... porém, com esse edital que a gente recebeu da prefeitura, a gente custeou tudo e ainda sobre um bom dinheiro pra... pra gente investir em próximos é... espetáculos. É...” – [alguém faz um comentário] – “Isso que é interessante lá!

Então imagine... a universidade ela... promove um dos maiores eventos de teatro do Brasil e não tem, um grupo de teatro dentro da universidade. E a cidade também, ela incentiva muito a produção de teatro dentro da... da... da cidade. Então... A cidade de Ponta Grossa tem muitos grupos de teatro. E a gente se sentiu muito honrado e feliz em ter sido é... foram cinco selecionados, nós ficamos em quinto lugar, mas fomos selecionados né? Isso que importa!" – "Dentre tantos grupos que têm na cidade."

Mulher plateia 11:45: - "Eu comentei... O autônomo é o que? Vocês têm um CNPJ... Como que é?"

Integrante I 11:50: - "Não... É tudo na amizade!" [risos]

Mulher plateia 11:52: - "Não, mas... eu perguntei isso porque pra entra no edital... Como que é?"

Integrante II 11:54: - "Ela é... é... É pra pessoa física."

Integrante I 11:55: - "É pra pessoa física."

Tainara 11:55: - "Pessoa física."

Integrante II 11:58: - "Não é de um grupo de teatro profissional, era um grupo..."

Tainara 12:00: - "É que existem editais e editais, na... na área do teatro tem... editais e editais é... Por exemplo, se você tem uma MEI e você tem um grupo até três ou duas pessoas, você consegue passar em edital... então... tem editais e editais, mas..."

Plateia 12:15: - "Ou nem com MEI, pessoa física mesmo."

Grupo 10:40: - "Pessoa física mesmo." – "É pessoa física"

Integrante II 12:18: - "Vários casos de pessoa física, pega o CPF e vai lá"

Tainara 12:20: - "Que é justamente pra isso, pra incentivar esse tipo de... o... é pra incentivar esse tipo de... de... de situação... mas, uma pergunta, vocês falaram sobre a... é... fiquei bem, nossa, fiquei bem surpresa... com... com a escolha do tema... eu vi o espetáculo de vocês... fiquei: nossa gente que [inaudível]..."

Plateia 12:44: - "Todo mundo né?... foi bem inusitado..."

Tainara 12:45: - "A gente ficou... Foi bem inusitado, eu esperava... Porque a gente vê o nome, eu esperava tudo! Menos... menos isso, assim... sabe? Superou todas as expectativas. Aí eu fiquei me perguntando, desde que eu lembro que tinha conversado com vocês um pouquinho... química... daí agora vocês explicando..., "mas não tem nada a ver com química que, que eles..." né?... Vocês pretendem continuar... é... a minha pergunta é: Vocês vão continuar nessa linha de ra... nessa linha de... tema, em ter uma linha ou vocês pretendem voltar para, para a química?"

Integrante I 13:21: - "Como assim, sem linha?... Assim... Aqui a gente tinha uma linha."

Tainara 13:24: - "Não!..." – [risos] – "É assim, tinha uma linha!"

Integrante II 13:26: - "Uma linha própria da química."

Integrante I 13:27: - "Ah uma linha própria...[inaudível]... Ahh."

Tainara 13:28: - "Isso!... É!... Se vocês vão continuar na linha própria da química ou se vocês... que agora vocês pularam pra de química pra... pra biologia... né?"

Integrante I 13:33: - "Não... não...Esse é... esse é um desafio pra gente também. É... não fica preso dentro da nossa caixinha, mas... se aventura em outras caixinhas pra vê o que, que a gente consegue... é... tira de lá pra... que serve pra gente também, mas pra todo mundo, principalmente né?"

Tainara 13:49: - "É... sim. Não... eu entendi assim, porque vocês dois são... vocês são, vocês três são da química. Daí você falou que no... no ano de 2017 vocês trabalharam..."

Integrante I e Integrante IV 13:59: - "Fogo." – "Fogo".

Tainara 14:00: - "Fogo..."

Integrante I 14:02: - "História do fogo... desde a, da descoberta até como o fogo é utilizado no dia a dia..., porém... só com a expressão corporal."

Tainara 14:09: - "Só com a expressão corporal... Então, mas e a ideia é continuar... agora vocês trabalharam com... mais alternativo."

Integrante II 14:16: - "É que assim. Não é seguir uma linha: vamos trabalhar com química, focado nos conceitos de química, pra ir pra escola do ensino médio, pra falar de química. Não.

É... um tema de ciência que é importante? Que que a gente pode fazer com isso? "

Tainara 14:29: - “É divulgação científica.”

Integrante II 14:31: - “É divulgação científica.”

Integrante I 14:32: - “E nós... nos preocupamos muito em realmente. Tanto que... tanto que quando é... quando a gente decidiu o texto, uma questão é: não tem coisa em excesso? Não tem... ou tá faltando coisa? Então... durante o processo a gente ia colocando coisa e ia tirando coisa porquê... tem coisas que são necessárias e a gente vai percebendo “Ah não, isso é muito necessário falar nesse momento”, mas tem coisas que não são necessárias. Então... é, eu acho que como acontece com todo mundo né?... Vai se modificando durante o processo... do processo de criação no nosso caso né? É... mas é... é isso né?”

Integrante II 15:02: - “A gente não... a ideia é não ter uma linha, tipo assim: nós precisamos sempre cumprir com isso. É muito mais no sentido do processo criativo, de poder... por isso essa questão de ser autônomo ela nos dá uma certa liberdade, assim. Se eu falar, somos um grupo de teatro de química, nós vamos ter que ficar vinculados a isso.

Então assim, se nesse momento a demanda é... o objetivo for uma peça voltada ao público infantil, que fale de ciências, né?... eu trabalho com o ensino de ciências... O nosso programa lá é de ensino de ciências, não é do ensino de química. Então... Ali dentro a gente transita... e aí, a gente vem recebendo é... por exemplo, lá no programa, vários alunos da pedagogia, alunos da biologia, e alunos de outras áreas... e a gente vai vendo o quanto, pensar com as outras áreas é importante... E aí, esses temas parece que eles são mais importantes em alguns momentos... né?... O nosso caso do que provavelmente fica numa... numa única linha ali...de... de sequência de conteúdos né?... A gente... não tá vinculados a essa coisa de conteúdo... tá vinculado a... a temáticas da ciência... que são importantes pra gente divulgar...”

Menina 16:05: - “É... sobre... sobre.”

Integrante II 16:09: - “Só... Só... A Norma tinha levantado a mão... e ela tinha levantado a mão... Eu não sei como que a gente faz isso pra gente...”

Plateia 16:11: - “É... é... vai na ordem...é que a gente não tá vendo...”

Mulher da plateia 3 16:20: - “É... eu fiquei bem impressionada com a linguagem... corporal e assim, cênica também que vocês usaram... e... assim, com... com o lado estético mesmo, né? ... Eu queria saber assim, quem traz essas ideias, como que vocês trabalham? Assim, vocês falaram que vocês têm uma peça só com trabalho corporal... isso não surge do nada né? ... Então, como... como vocês chegaram né? ... a essa maneira de trabalhar... nesse método... e assim, fiquei... Quem faz as coreografias... quem pensa nesse cenário, muito lindo! ... Que aparentemente...bem simples né? ... Mas, assim... é um encanto, né? Eu acho que... a gente sentiu isso aqui né quando começou a peça, com iluminação e coisa... É um encanto. Né? ... Figurino também... muito bonito, eu queria saber um pouco mais sobre isso.”

Integrante IV 17:16: - “Posso...? ...é... Esse... essa peça, especificamente, a gente começou... a gente se reuniu acho que... fim de julho né? ...” [Grupo concorda] - “Então o Renan, já chegou com o texto. Que é um texto do Marquinho né?” – “Isso! Do Renan e do Marquinho, que já é um texto pronto. Então... nessa, a gente já começou... a gente já tinha o texto, então essa foi... Texto-centrista, o texto ele foi... ele foi... ãhn... foi direcionando as coisas... ele foi a nossa base. E... a maioria das vezes não é assim, o texto ou vem depois... ou ele existe, mas ele não é, o mais importante... e... Então a gente já fez essa reunião, discutimos... eram os personagens, a gente foi adaptando os personagens, daí... e a gente só tinha isso. Só essa base... Daí, a gente marcou uma outra reunião pra discutir o figurino...discuti cenário. O Renan teve a ideia do cenário...depois, você fala um pouco... dessa questão do cenário... Ah... o figurino... é... a gente sentou, a gente falou: “ah como vai fazer...? ... Vai ser passarinho, mas vai ter asa?” ... Daí... a Janaína, você perguntou...tava parecido com os passarinhos do Castelo Rá-Tim-Bum, que é um programa... que passava aqui há muito tempo atrás e foi lá que a gente falou: “ah e aqueles passarinhos do Castelo Rá-Tim-Bum... A gente podia fazer algo meio parecido... Porque elas não têm a asa, mas você olha e vê um passarinho”. A gente... a... a gente, foi tendo essas ideias juntos... principalmente do... do figurino e... a partir daí, a gente ah... foi adaptando tudo. Conversa com um amigo que sabe fazer a cabeça... o Renan fez a... o vestimento, então... foi tudo, tudo... a ideia em conjunto mesmo ...

Integrante II 18:59: - “A gente foi compondo...” – [grupo concorda] – “Foi compondo... eu acho que assim, a gente tem uma coisa que... nos aproximou bastante, que eu acho que é uma questão... é... O olhar da estética um pouco assim, sabe? Essa relação da arte-ciência. A gente tem... tem isso...é... pra além de fazer por exemplo, ... de seguir uma linha da química, etc... a gente tem uma coisa assim, que é... da estética, dessa... esse olhar assim, das cores, da composição. Isso é uma coisa que... que, foi nos unindo assim até... sabe...”

Integrante I 19:25: - “E eu acho uma coisa que... que me preocupa muito, é o olhar pro palco e... e não tá casando... isso que eu falava assim “Gente, não tá casando” ... Então, tem que ter uma ligação entre. Eu penso assim: ter uma ligação entre o cenário e o figurino, pra que seja bonito esteticamente... agradável aos olhos. É... então, quando eu pensei no... no, no cenário... eu daí propus pra eles, eles toparam foi: “Gente, vamos trabalhar tudo com taquara. Tudo. Tudo, tudo, tudo”. Desde o binóculo, do... do caçador, também é feito do mesmo material, é... a... a... gaiola feita do mesmo material, tudo! Tudo foi feito do mesmo material. Pra quê, o público olhasse e falasse “Opal”, é... é algo uniforme, que dá... é aceitável. Aí... a gente pensou: é floresta. Vamos pôr a folha no chão, folha seca... que também fica bonito esteticamente... é... Isso respondendo a tua questão... na... quando você falou sobre a estética né? Que eu tô respondendo sobre a estética. É... não voltando pra ciência.

E o figurino?! É, a gente pensou assim. O figurino, por mais que às vezes as pessoas não reparam, mas eles têm uma ligação entre todos eles. Por exemplo, é... o tecido. É o mesmo tecido pra todos, só muda a cor. A... o corte é o mesmo, então... Todos eles, tem essa questão de balançar, do movimento... é... tanto da menina, quando ela troca. Porque ela fez duas personagens, a menina e o... pássaro. Então é aqui, o mesmo tecido que tava no... no, vestido dela sabe? Tava no chapéu do caçador. As cores, também a gente pensou: “Quais serão as cores... a... a cartela de cores que a gente vai utilizar?” Entende? E aí a gente vem com os pássaros, que era azuis. Então, a gente pensa tem que ter uma cor que combine com azul, e aí a gente já pensa na iluminação.

Platéia 21:08: - “Cria a paleta né?...”

Integrante I 21:09: - “Cria a paleta, exatamente.”

Integrante II 21:10: - “A gente tem uma coisa estética, assim... que...de construção visual... o Renan trouxe várias coisas, mas assim, a gente foi realmente construindo juntos assim, a única coisa... a gente não queria usar penas, por exemplo... né? Não dá pra fazer...” – “... uma peça falando de não pega passarinho...” – [risos] – “... e usa pena! Né?... Então, assim... a gente tinha que fazer alguma coisa que... inicialmente, a gente quis fazer alguma coisa de material reciclável, mas a gente... né?... na cabeça... mas... o tempo, não nos permitia... trabalhar muito nisso, é... de pesquisa de material, de coisas assim...”

Integrante IV 21:42: - “É... uma coisa importante também a ressaltar, é que... ter essa visão do teatro, que tudo que tá aqui é importante. Então, o cenário ele é tão importante quanto o ator, ele tá no mesmo nível... tipo, o ator não é mais importante que o cenário ou que o figurino...”

Integrante II : - “Que o texto...”

Integrante IV: - “.... que o texto... é tudo no mesmo nível. Então, a mesma preocupação que a gente teve com o cenário e figurino, a mesma preocupação que a gente tem com a gente, então é tudo, tudo exatamente tem que tá... equilibrado.”

Renan 22:08: - “E uma questão de... que ela até perguntou... Como que teve a ideia. Eu penso assim, o cenário ele também tem que ter uma função dentro da peça. Ele tem que ter uma função. É... a gente acha que não tem que tá aí... então a gente pensa... Mas, tinha mais coisas no nosso cenário... Por exemplo, tinha um tronco! Porque que tem que ter um tronco, se não é utilizável...Então...”

Integrante III: - “Era muito bonito...”

Integrante I : - “Era bonito... era... é. Era a questão da estética, bonito, mas por quê que tá ali? E aí a gente pensou: mas, como que a gente vai fazer uma gaiola.... Daí eu pensei: ah vamos construir essas grades aqui no fundo... que durante o espetáculo ela se torna uma gaiola. Então é um cenário, que é utilizável dentro do contexto da história... é... então, seguia é... essa questão de... de...”

Mulher na plateia 3 22:49: - “Só a questão corporal assim... vocês dançam...”

Integrante I 22:52: - “Não. É... Então, eu não... eu não danço. A única coisa que eu faço é sapateado...” – [“É isso é dança”] – “Então, é... não, mas, é que sapateado não exige toda aquela... aquela questão.” – [risos] – “Mas...é...”

Integrante III 21:07: - “A questão da criação de cada personagem, o corpo de cada personagem foi... foi surgindo de cada um. A coreografia, foi o Renan que montou, os passos, fez a montagem da gaiola, foi ele que montou... A gente criou o corpo de cada um...”

Integrante I 23:22: - “Quando a gente decide os personagens, a gente tem um processo de criação de personagem. Então assim... a gente vai buscar referência, então assim, então primeira coisa... busca referência, não é só chegar lá e decorar o texto, não. Tem que ter referência, como que você vai criar o personagem, aquela personagem e aí... Cheguei lá no primeiro dia, porque eu meio que dirigi eles, então...Eu falei assim: “Olha, vocês têm toda... [inaudível]... do canto de aves, como que é o canto? Como que é o barulho? Tenta criar uma voz é... a partir do barulho dessa galinha, é... olha pra imagem. Como que é... Veja um vídeo, como que ela mexe a cabeça?”. Porque... ah um pássaro não mexe a cabeça, assim... ela mexe assim. Porque a visão dela é aqui. Então... é realmente buscar entender, como que uma ave, ela se comporta... e aí...tenta colocar no corpo. Eu sou meio chato, né? Na questão de: Às vezes elas faziam esse dedinho e eu falava: “Desde quando que uma ave faz assim com o dedinho?” Né?” – [risos] – “por mais que fosse a criação do teu personagem, tão tem que ser... ser... vai vendo aí. É... mas foi um... foi um processo, gostoso... muito gostoso... de montagem.”

Mulher da plateia 24:24 [em espanhol]

Integrante IV 25:00: - “Um das primeiras cenas, a gente tinha pedido pra um amigo nosso compor uma... uma melodia em cima de uma letra que... era do texto original, que a gente tinha feito... E ele fez a melodia, cantou e gravou pra nós e a gente ensaio... começamos a partir dessa... dessa música... os primeiros ensaios...” – [“é porque o objetivo.”] – “Era ter essa música cantada, só que não...”

Integrante I 25:26: - “A gente viu que não era necessária naquele momento... A gente acho que não é necessário, porque não cabe, estar aqui. Mas a questão da música também, pensa assim, da mesma forma que, cenário e figurino têm que tar ali na... é... tem que se encaixar. a sonoplastia da peça inteira, ela tem que se encaixar também.” – [“tudo é estudado”] – “Tudo é estudado, pra... pra gente pôr. Então a gente não pegava qualquer música é... pra pôr em determinado momento. A gente estudava. Então, o que, que fica bom pra essa cena... e aí a partir de... é... foi assim, a gente definiu a primeira música, da primeira cena. A partir dessa primeira música a gente foi buscando coisas que se encaixavam, assim com ela que não destoasse muito. Entende?”

Integrante II 26:05: - “... Ela tenha uma uniformidade.”

Mulher da plateia 26:07: - “Si, entendí.” [espanhol]

Mulher da plateia 4 26:17: - “É... vocês falaram sobre figurinos... sobre os cenários e tals... e a criação da peça em si. Ela foi feita por um membro do grupo ou vocês fizeram em conjunto?”

Integrante III e Integrante II 26:27: - “Do texto você diz?...”

Integrante I 26:30: - “Do texto... É... O texto eu escrevi junto com um amigo meu... Ele é, também, ele é cego, então eu... propus pra ele: “Ah vamos fazer um texto... vamos escrever um texto assim, assim e assado?”. É... “Pra um evento?”, e aí ele disse “Vamos!” ... E aí ele...”

Platéia: - “hmmm... Isso é interessante... Ele é cego de... desculpa, de nascença?”

Integrante I: - “É! De nascença...E aí, ele. Mas ele é uma pessoa assim... fora de linha, é... é... de outro mundo, digo assim pra ele. Então... a gente sentou e aí foi... Foi vindo ideia... ideias daqui ideias dali e aí foi compondo é... essa, a construção do texto. O texto ele foi escrito pro Ciência em Cena, daí... aí eu falei bem assim: “Agora nós temos os nossos atores, que fazem parte do grupo. É... Então eu vou... apresentar o texto pra eles e aí a gente começa a construí em cima do texto.” Tá? Como Nivaldo disse, o nosso processo foi texto-centrista. A partir do texto, surgiu tudo isso que vocês viram... Aí... Mais alguma coisa?”

Integrante II 27:30: - “Eu não se a gente finalizou a resposta da Norma... mas...”

Mulher da plateia 27:35: - [inaudível]..., mas foi você que criou também?"

Integrante I 27:46: - "Não... aí foi o conjunto."

Integrante IV: - "Foi o grupo."

Mulher da plateia 27:47: - "Ah é?... Então não tem uma pessoa específica para criação da peça?..."

Integrante I 27:48: - "Não... Não... Tanto que a gente tá combinando, quem que vai escrever o próximo texto..."

Integrante IV 27:55: - "Quem que vai atuar...!"

Renan: - "...quem que vai atuar... Vai ver se da próxima eu atuo e algum deles vai dirigir."
[risos]

Tainara 28:07: - "Bem lindos."

Integrante II 28:08: - "Acho que assim... O Nivaldo dança. É outra coisa." - [risadas] – "É... eu na minha adolescência dancei. Mas... faz um tempinho, então assim... a gente, foi trazendo diferentes linguagens... Eu gosto muito da poesia, por exemplo. Né?... Então, a gente vai compondo a partir de... é... por isso que a gente fala assim: é um grupo que formou, que... tem muitas coisas em comum assim sabe? O olhar, a gente olha pras coisas e "Ähn!!!"... Assim, é um pensamento parecido quando olha pra algumas coisas..."

APÊNDICE 2 – ENTREVISTA COM GRUPO FOCAL II

Integrante I: - “foi uma criação do departamento de química, mais como objetivo de levar um show da química, pra chama estudantes pra fazerem química. E.... houve esse primeiro show, depois ele ficou um tempo desativado, foi quando Luís ingressou na universidade e começou a trabalhar com a questão do teatro, que antes não tinha muito bem esse engajamento do teatro. E ele começou a trabalhar com o teatro, de início as peças eram muito adaptações de obras, teve adaptações de Titanic, do Auto da Compadecida, de...”

Integrante II: - “Capitães de areia”

Integrante I : - “Capitães de Areia”

Integrante III: - “Vingadores”

Integrante II: - “Vingadores”

Integrante I: - “Vingadores... E aí levando essas questões, adaptações nós sempre tivemos como objetivo divulgar ciência para as escolas, para o publico de uma forma geral e depois o grupo ele começou a ir ganhando outras proporções e criando peças autorais. E aí nós começamos a sempre trabalhar com algumas temáticas né? Nós tivemos uma peça que trabalhavam com a temática da água e sempre com enfoque regional, porque nós tínhamos um rio na nossa cidade que é poluído, então trabalhava química. Essa temática relacionado a isso. O ano passado a gente crio o “A Rede Fanáticos de Televisão” né? Que também trabalhava com a temática, da rede do conteúdo de ligações químicas, também temáticas sociais, né? Essa questão do preconceito, da homofobia e esse ano, os Fanáticos ele tem como costume todo ano monta uma peça no ano passado nós tivemos também a experiencia de montar um pequeno show, que seria de 20 minutos e que deu, fez muito sucesso, acho que a gente já fez mais de 100 apresentações desse show. Fizemos a adaptação também para o público infantil, a UERN ela tem um programa chamado Meu Melhor Natal que distribui presentes pras creches. Então nós em dezembro, eu acho, ... me lembre quantas apresentações?”

Integrante III: - “vinte e duas”

Integrante I: - “Vinte e duas apresentações, todas para o público infantil. Isso já nos levantou a questão de preparar peças exclusivamente para o público infantil, que o TCC de Joice, já levando para a parte da pesquisa nós fazemos isso sim. Já tivemos um egresso que defendeu no doutorado é... na temática, já tivemos um egresso do grupo também mestrado. Nós temos atualmente, já tivemos duas defesas de monografia, e atualmente temos duas em andamento a de Joice e a de Luana, que é do grupo, mas infelizmente não pode estar aqui.

Então voltando para a peça desse ano como foi o nosso trabalho, nós estamos trabalhando com pelo método colaborativo de ficha, que é um método em que tudo é feito de forma coletiva. Desde a escolha do tema, se discute, vai se discutindo vários temas, ia se colocando isso no quadro, fazia votação. Depois da escolha do tema nós trouxemos vários textos científicos para estudar sobre o sal. Então essa, a história do soldado manco, isso ocorreu citavam textos que a gente leu, lógico que foi colocando a questão do teatro, né? Então houve essa leitura, houve essa discussão, depois a gente, é... achou por bem, trabalhar com Cordel, pra quem não conhece é... O Cordel é um poema cantado, e ele é muito forte no Nordeste e nós temos na nossa cidade, no meu ponto de vista, um dos maiores cordelistas do Brasil. Chamado Antônio Francisco, ele já foi para programas da Globo... Então quando nós decidimos trabalhar com Cordel, nós não sabíamos escrever uma linha de Cordel, então veio mais uma pesquisa, Luís é amigo pessoal de Antônio Francisco e nos presenteou com

uma ida a casa dele. Então nós fomos uma noite na casa dele, ele nos ensinou como deveria ser a escrita, recitou vários e foi ensinando, falando nos ensinando e se dispondo a corrigir, quando os cordéis fossem surgindo. Então nós tivemos essa... esse momento precioso, foi bem agradável, a gente comeu, bebeu e foi muito legal! E aí depois dessa etapa nós voltamos a nos reunir e íamos sempre surgindo as ideias, surgindo os primeiros cordéis, a gente sempre anotava num quadro, e nesse tipo de método vai surgindo as ideias e sempre fica alguém pra juntar as ideias, e esse alguém foi Luana, que não tá aqui, queria dar uma salva de palmas pra ela. [palmas] por isso, [inaudível]... porque foi uma homenagem né, infelizmente por questões financeiras nós não estamos com o grupo completo, nós estamos com parte do nosso grupo, infelizmente não conseguimos trazer todos, mas é... achamos que precisávamos vim, mesmo sem estarmos completos, a gente não pode deixar a banda para... a banda não pode parar de tocar.

Aí Luana foi juntando isso, e ela juntava e a cada reunião, nos reuníamos sempre na segunda à noite. Íamos discutindo, depois passávamos por nós três e assim foram várias versões até chegar a essa versão que vocês... Sim! Aí entrou a música. Como entrou a música? Não tem um músico aqui... não tem ninguém da música, a música foi mais ou menos assim ó, a gente tem Kelvison que toca violão, mas é professor de química, a gente tem eu que toquei clarinete a minha adolescência toda na minha cidade, mas também sou professora de química. Arranjo triângulo né... gosto, nas horas das brincadeiras e a gente foi percebendo que tinha alguns integrantes que tocavam né, a gente descobriu que Larissa tocava clarinete, já fiquei muito feliz, que Iran, aí tem Iran, Igor, tem também é... Rena que toca violão... que aprendeu e Rena que não pode vim, aprendeu a toca gaita, sozinha. Então nessa banda existe uma gaita também. Né? Faz parte dessa banda, a menina que toca gaita e aí a gente começou...”

Integrante II: - “Tem Bebel também né?”

Integrante I: - “Vou chegar... Na percussão não tinha ninguém, Bebel – “Eu vou” – começou a assistir o vídeo no youtube e eu e Eduarda, olhando com ela, aí então foi aprendendo e a gente foi, peguei os instrumentos de casa um pouco não tinha, o clarinete era o meu, o violão do Kelvison era o meu, o triângulo era meu e a gente foi levando... e foi começando e chegou a isso que vocês viram hoje, a gente ainda precisa aprimora mais já tá legal, a gente tem muita vontade de fazer a música ao vivo. E contamos a última semana antes de vir pra cá, com um estudante de música que assistiu nossa apresentação, no quebra gelo e se... e amo e se prontifico a ajuda, já fez o primeiro encontro, já deu as primeiras dicas e vai continuar trabalhando conosco, né? Então a tendência é só que melhore. Então foi mais ou menos isso, essa é a terceira apresentação dessa peça, ela foi criada agora né? Nós fizemos duas apresentações na universidade e a terceira foi aqui a quarta já vai ser no nosso retorno no FestiUERN, que é um festival de cinema, promovido pela UERN, de teatro, desculpa, pela UERN que tem como foco grupos de teatro das escolas e nós vamos como grupo convidado da universidade pra poder fazer essa apresentação. Mas, o processo de criação dessa peça foi mais ou menos esse e aí a gente foi buscando né? Trabalhar com essas questões, com a química do sal, aplicação do sal, todos os processos de criação e escolha da temática foi justamente por isso. Por sermos o maior produtor de sal, e a gente percebeu que a gente tem que levar também, tem que divulgar também essas questões que muitas pessoas já... a própria cidade, não sabe, então foi mais esse o objetivo.

Se vocês quiserem acrescentar mais alguma coisa, eu já terminei de falar, fiquem à vontade.”

Plateia : - “Quanto tempo foi de processo de criação até a primeira apresentação?”

Integrante IV: - “3 meses e meio”

Plateia: - “Ahhm”

Plateia: – “Foram muitos...”

Integrante I: – “Sim”

Integrante III: – “Desde aprender... Desde ap... aprende a gaita e aprende a toca o... o que...”

Integrante IV: – “Mas a gente tem uma proposta bem interessante de... aproveita que todos estão aqui e a gente do grupo se propôs a um desafio, espero que vocês topem, a gente vai criar uma peça de pelo menos dez minutos, sobre esse encontro que tá tendo aqui.”

[risadas]

Pausa na gravação

2º parte

Integrante I: – [ruído] “Papai Noel químico, exatamente, e já chegou situações gente, muito engraçadas. O Mario uma vez que Igor tava fazendo levou um chute - [risos] - no final da apresentação. O menino chegou e deu um chute nele e disse “Você tava me trolando!” – [risos] – “Isso não é mágica!” e... então assim, isso...”

Integrante III: - “Eu acredito no Papai Noel”

Integrante I: - “É... – [risos] – fizemos essa adaptação para o público infantil que funcionou super bem, mas tem a linguagem maior, mais alta em termos científicos para o público adulto. Então, quando nos mandam, como é que nós fazemos as apresentações? Nós recebemos os convites, que vem via ofício, para o departamento, então quando chega o ofício quando a...é uma forma da gente deixar registradas as ações e até justifica saída dos alunos da universidade ou da aula pra tá indo fazer aquela apresentação...”

Tainara: – “É tipo um projeto de extensão...”

Integrante III: – “Ele é um projeto!”

Integrante I: – “É institucionalizado.”

Tainara: – “AAAAAAA”

Integrante I: – “E aí a gente recebe esse ofício, e aí a gente pergunta: Quanto tempo, qual é o público e a gente decide o que faz. Faz a peça ou faz o show, que linguagem vai ter, se é linguagem adulta ou linguagem infantil e aí, daí já pergunta quem tá disponível, porque sempre a gente trabalha com dois elencos e aí monta e vamos. Então assim, a... nós estamos com uma programação muito intensa de apresentações, da gente vim pra cá, acho que a gente negou umas três apresentações...”

Integrante III: – “É verdade...”

Integrante I: – “Porque a gente precisava se concentra pra fecha a,a,a...a vim pra cá mas, tem funcionado bem né? Tem repercutido bem. A gente tá conseguindo ter já uma visibilidade na mídia... Acho que só o ano passado, a gente, é, a gente fez três programas?... “

Integrante II: – “Quatro eu acho...”

Integrante I: – “E... a gente era um grupo que por mais que tivesse esse tempo todo composto totalmente por alunos voluntários...”

Tainara: – “Ah, não tem nenhum bolsista?”

Integrante I: – “Aí eu vou fala agora né?... Cem por cento eram voluntários, e aí o ano passado com essa repercussão do Meu Melhor Natal e essa apresentação que nós fizemos a gente teve visibilidade na universidade e fomos chamados pelo próprio reitor pra conversar sobre...”

Tainara: – “Que legal...”

Mulher1: - “E conseguimos quatro bolsas de extensão. Então o grupo são vinte, nós temos quatro bolsas. Todos os demais são voluntários, nós não tínhamos nosso espaço, mas depois dessa conversa a gente conseguiu uma sala pequena. A gente já tá feliz com isso. Então agora quando a gente retorna, nós vamos organizar essa salinha né? Deixa a nossa cara, ela tava sendo pintada e a gente pediu outras coisas... não nos mudamos ainda. Mas a gente, enfim. A gente tá começando a ter algumas conquistas, mas, ele sempre funcionou majoritariamente com alunos voluntários.”

Integrante II : – “É... falando na visão de aluna do grupo, a questão da produção de texto ser junto, nós participando, ajuda muito também quando a gente tá em sala de aula numa escola, porque afinal de conta têm pessoas aqui que trabalham com teatro científico em escolas. Então, por ensinar essa... familiaridade com o processo de criação, com oficinas, a gente consegue trabalhar melhor nas escolas, porque afinal a gente já tem, esse costume no nosso grupo, outra questão também é que vários alunos já relataram que não desistiram do curso porque estavam no grupo, então o grupo de uma certa forma é uma família, que.. fortalece a permanência de várias pessoas na universidade também.”

APÊNDICE 3 – ENTREVISTA COM GRUPO FOCAL III

É, a gente é o [...]. Vou contar um pouquinho da história só pra situar todo mundo. Nosso grupo começou em 2013, lá na [...], a Universidade de [...] e foi uma idealização de alguns alunos de licenciatura em química. Eles sentiam que tinha uma distância, já tavam dando aula e eles sentiam que tinha uma distância entre como eles passavam o conhecimento químico para os alunos e o que eles conseguiam entender. Desinteresse, que é um problema, que acredito que a maioria dos professores aqui já sentiu, na sala de aula. que o aluno às vezes não consegue entender o conhecimento, não consegue entender o que você tá passando, não consegue entender o conteúdo, ou às vezes só não gosta mesmo. Acha que é difícil naturalmente. aí eles pensaram e tentaram fazer, um... uma peça teatral. a primeira peça que a gente fez era sob o nome de “Show da Química”, bem pirotécnica mesmo, era... uma cena bem simples. E....[Garota 1]

É melhor a gente explicar.... Não era uma peça teatral, era mais um festival de, com várias... com vários experimentos químicos... [Garota 2]

Era, era bem show mesmo. Bem lúdico. [.....] Aí do Show da Química que era bem experimento, era bem pirotécnico mesmo, acabou que foi desenvolvendo um pouquinho, eles foram discutindo e acabou criando [...]. É, as nossas peças elas foram tomando rumo descer adaptações literárias. todas as nossas três peças escritas, são adaptações de peças famosas a gente já fez “O Mágico de O2”, que vocês viram hoje, “A Fantástica Fábrica da Química” e “Alice Cientificamente Comprovada”. essas duas primeiras “O Mágico...” e “A Fantástica Fábrica...” elas são bem visuais. Ela tem bastante experimento, elas tem umas piadas, é mais voltado para o público fundamental/médio. Ela é uma peça, bem mais fácil de entender. quando eu digo fácil de entender que tem pouco conhecimento, tem pouco....

É técnico e é mais lúdico... [Garoto 1]

É, a gente não fica tanto explicando o que faz. É, vai mais pro, não, não é pirotécnico que eu não gosto desse termo. mas, é lúdico mesmo, é mais visual o que a gente faz. enquanto que o “Alice Cientificamente Comprovada”, que a gente apresentou ano passado em Macaé, ela discuti um pouco mais a natureza da ciência, discute mais um pouco, o percurso científico a gente tenta mesclar um pouco, tanto experimento com a parte de... do percurso, do que que é a Ciência para gente poder apresentar. A gente apresenta em escolas de Itajubá e região, a gente já apresentou... ano passado na semana de Ciências e Tecnologia, que a gente vai apresentar de novo, e... é isso. Essa, essa peça, alguém tem alguma coisa a dizer?...

Bom acho que vale ressaltar, que essa peça. Foi a primeira peça completa do [...], e aí passou para uma readaptação. É... ela foi escrita por um aluno, que hoje é, faz doutorado, né? lá no UNIFEM, ele chegou a fazer, o projeto dele, foi um pouco em cima disso mas, o trabalho de mestrado dele completo foi sobre, divulgação e teatro científico, né? [Garoto 1] 03:07

É, as nossas peças quem escreveu é o Lucas César, que o doutorando agora e o Júnior. é o Lucas ele, dissertação de mestrado dele, a Karina tava até na banca, eu lembro. Foi sobre como o teatro e a divulgação científica, e a percepção que os alunos têm desse teatro. ele aplicava os questionários... ele aplicou para uma turma que ele dava aula, a gente apresentou, ele aplicou um questionário antes e depois, e meio que analisando esse... o que que eles conseguiram captar da peça, o que que eles conseguiram aprender e tal. essa peça ela foi escrita pelo Lucas, acho que, acredito que praticamente inteira. e a gente fez uma readaptação para o Ciência em Cena. Porque não ia dar tempo para a gente construir uma peça inteira nova, foi meio que de susto que a gente veio. Que a gente não tava tendo dinheiro,

aí acabou que a Jane, maravilhosa como sempre, deu um jeitinho dela e falou: “Vocês querem ir?”. Isso, um mês e meio antes, aí a gente deu um jeito e adaptou a peça para poder vim.

[...] a gente virou o semestre tendo quase, quase certeza que não ia conseguir vim. porque não ia conseguir fundos, né? aí a Jane ela tava de licença-maternidade, que é essa professora que fundou, né? o projeto. e aí ela disse: “aí. eu consegui uma verba com um professor, com outro professor, tem outro, outro, outro...” e com isso, eles conseguiram ver pra a gente vir. E aí a gente pagou inscrição e... tamo aqui. por causa disso esperamos, que venha uma benção dessa, ano que vem, para que a gente esteja novamente de novo. [Garoto 1] 03:59

É foi bem complicado, dois dias antes de pagar a inscrição metade do grupo não, não tinha certeza se vinha, e metade não podia ir. Aí daí, a gente... simplesmente conseguiu... [Garota 2]

É, e aí também a gente teve a sorte, que uma professora, também lá da [...], ela insistia muito que a apresentasse num projeto que ela tava tocando agora que se chama “Ciência Aberta”, né? Que traz a comunidade de Itajubá para dentro da [...], é.. então ela chama todos os projetos da [...] para apresentar. a gente tem muito projeto de competição, como é uma faculdade de engenharia tem muito esse negócio de montar robô, de... que é o pessoal... chama muita atenção e ela insistia para gente participar. aí no que a gente participou, ela... ainda conseguiu mais um auxílio para a gente, para bancar alguns que a gente tem aqui então... nossa... [Garoto 2] 05:16

É em questão de grupo, a gente é meio que... principalmente é química, todo mundo que tá aqui hoje é de química, alguns bacharéis, outros licenciatura. a gente, já teve gente de biologia, de física, até agora a gente não conseguiu trazer ninguém de engenharia, assim. a gente sente muita dificuldade na nossa faculdade, porque é uma universidade, mas o curso de humanas lá é ADM, para vocês terem noção do nível da faculdade.

Que tamanho que é.... quantos estudantes têm na...?

Seis mil alunos... [...] [Garoto 2]

mas é tudo, é tudo, é a maioria é exatas?

É que assim [...] São vinte e sei cursos na [...] e só ADM, é o curso de... que não é exatas.

Na verdade a [...], ela se chamava Escola Federal de Engenharia de Itajubá. Até 2006 [...] 2002! Até 2002, e aí em 2002, é... eles trouxeram o curso de ADM né? [...] e o curso de Biologia, pra que a gente ganhasse o título de universidade. Só que assim, a gente ouviu umas coisas assim, do reitor da universidade, por exemplo, de que... ele não sabe porque tem licenciatura numa escola de engenharia... [...] então assim, a vibe de lá é bem, essa ideia de tipo “ah é escola de engenharia, as licenciaturas estão ali ocupando espaço...” [Garoto 1] 06:28

[...] Aqui, não tem ninguém formado, não tem ninguém com conhecimento em Artes, ninguém fez artes cênicas, em nenhum momento. A gente foi aprendendo tipo, na raça mesmo. O Lucas, ele fez alguns cursos paralelos, o Junior principalmente, ele gosta muito do teatro. ele faz algumas oficinas, ele faz algumas coisas, e aí já vão passando para a gente. a gente tem a Gi que fez teatro no ensino médio ali, e a Juliane também. Mas tipo, profissional mesmo, a gente não tem nada. Tanto é, que o nosso teatro é bem adaptado, bem na gambiarra mesmo. a gente faz ali, o que dá para fazer.

É, noção de teatro mesmo, quem passou foi a Gisele e Juliane, né? Mas, a gente aprende na, na raça mesmo... [Garoto 1]

Mas, vocês fazem preparação... como é que vocês tipo... os cursos que vocês fizeram, assim vocês... um ensaio! por exemplo, um dia de ensaio. Como é que funciona o dia de ensaio de vocês?

Então, falando dessa peça, a gente colocou como... eu saí do palco. Eu resolvi, virá é... coordenar eles no palco, né? Então a gente, é... meio que organizava os ensaios, e... a galera ia marcando passo, é, marcando cena e ia... a gente ia guiando. Não só eu, mas quem tava de fora também. E ia guiando, e a gente ia montando meio que juntos assim. [Garota 2]

É, as escolhas de personagem, mas assim. Tem uns personagens que são mais característicos, que a gente fala assim: "Ah é... a gente gostaria que você fizesse." Mas tem outros, a maioria é o pessoa mesmo que fala né? ah ... quais personagens a gente apresenta a peça, e fala quais personagens, vocês, vocês se encaixam e daí é, é mais, mais assim mesmo... [Garota 3]

É, essa peça foi bem fácil, de definir os personagens. Porque cada um escolheu o seu, e cada um tinha uma característica daquele personagem. Então meio que, nasceu do, do próprio ator. [Garota 2]

[...] Mais ou menos a formação que a gente tem agora, foi tipo a primeira reunião do ano. A gente foi fazer uma leitura dinâmica da peça, pra conhecer a gente tinha visto o roteiro, bem pouco. E aí a gente foi ver, quem se encaixava melhor assim, fazia uma voz diferente e pá... [Garoto 1]

Essa é a terceira peça de vocês?

[...] Essa é a terceira... foi assim, quer dizer. A primeira que o grupo lançou [Garoto 2]

A gente começou em 2012. Aí teve o primeiro ano, meio que o "Show da Química" ali, em 2014 lançaram "O Mágico de O2", só que aí era uma outra equipe, não tem ninguém aqui... acho que...

O Show da Química também, vocês não...vocês não estavam?

Não! [todos]

[...] a gente entrou agora! [...] Era, ra outra equipe, outra formação, outro pensamento. Pra tudo! Aí o Quítrupe nasceu em 2012, né? Ou 2013...13/14.

A maioria que entrou aqui é de 2016/2017. Então o grupo aqui é totalmente novo, assim. [Garota 2]

Como essa peça era apresentada em escolas, eu mesmo, quando estava no segundo ano do ensino médio... eu sou, sou de lá, da região né? Piranguinho, que é uma cidade do lado de Itajubá. E eles apresentaram a peça na minha escola, então quando eu entrei na faculdade... [Garoto 2]

Ah então você.. É legal isso, então você vem desse processo da escola, de entrar, de ver o projeto na escola, e... E aí entrar na universidade, e, e isso é uma coisa legal.. Né?

É, ali na região a gente apresenta muito em Itajubá e nas cidades periféricas que tem ali. Muitos dos nossos bichos, a gente chama de bichos os calouros lá. Que entraram esse ano, falam que assistiam o Quítrupe. “Nossa, vocês foram na minha escola ano passado e apresentaram tal peça!”. Então vem falando como se já me conhecesse, chega felizão contando que me viu no palco, essas coisas... Acho que tem uns quatro, o Álvaro falou isso, acho que tem uns quatro/cinco. [Garota 1]

Como essa peça já tinha, já tiveram sido apresentadas antigamente. Como a gente pegou mais em relação aos ensaios e tal, o Junior já tava com essa peça lá em 2015 quando ele entrou. Ele já foi dando uma noção de como que o pessoal antigo fazia...foi meio... e agente já foi, meio que já tinha uma noção de como fazer. [Garoto 2]

Vocês vão dentro da escola?

Dentro da escola. A gente tem um palco de cano, tudo na gambiarra, umas lonas, um palquinho ali... aquilo lá. Aí a gente manda mensagem para um professor, pra outro, pra poder dar carona, e vai pra escola. É, a gente começou indo atrás, assim tipo, como tinha muito aluno de licenciatura no nosso grupo, geralmente eles dão aula nas escolas né?

“Ah você pode ir na feira de ciências... ou você pode ir, porque, sei lá... Eu consegui arrumar um horário vago. Faltou um professor, arrumou um horário vago, você pode apresenta?” A gente começou meio que assim. aí hoje em dia as escolas vem até gente. Eles mandam mensagens na nossa página, a gente faz tudo por Facebook ou e-mail. Eles falam “Ó vai ter uma feira de ciências em setembro, vocês tem interesse? Vocês podem vim tal dia?” E aí a gente vai, às vezes a prefeitura manda um ônibus para a gente, se não a gente a arranja um carro e vai. A gente tenta atender essa demanda de todo mundo.

Legal... mas isso, dentro de Itajubá e fora também?

Foram também. [...] É que Itajubá é muito pequena, Itajubá tem uns 90 mil habitantes, e ali em volta tem uma cidades, é meio que...

Matinhos é muito pequena... [risos] Acho que tem 35 mil habitantes.

[...] Itajubá, tem bastante cidades assim, que tipo, não que dependem de Itajubá, mas que tem Itajubá como referência. Piranguinho, [...] Paraisópolis...

Ah, então vocês já estão. Entendi você já tão... já plantaram várias sementinhas [...] mas assim, vocês não fazem essa... como que é esse diálogo com as escolas, com as cidades... porque vocês falam só sobre química, né? como que é esse diálogo, com vocês, de vocês com as escolas, com as escolas de outras cidades, assim? ... Como é que você chegaram até eles ou foram eles que vieram até vocês?

Depende mais ou menos, tem muito pedido, porque muito do [...] é boca-a-boca, porque é... tem muito aluno que já saiu. Tem muitos professores que comentam, que falam “Ah tem o [...], um grupo de teatro” e eles acabam indo atrás, os professores de química no geral, eles veem algum vídeo, ou então apresentou... vamos supor, teve o caso ano passado que a gente apresentou numa escola, aí uma criança, filha de uma outra professora, comentou com a mãe, e a mãe entrou em contato com a gente,

pra gente apresentar em outra escola dela. É meio que assim, a divulgação boca-a-boca do a gente faz, e vai se virando. É... e a gente também fala bastante, é muito, aqui tem muito estagiário em escola, nessa formação atual, nem tanto... mas, nas outras mais de 80% nosso grupo, dava aula em outras escolas.

Ah é porque tem química licenciatura e química bacharelado

[...] o curso de licenciatura tem quatro módulo de 60 horas, dentro da escola. [Garoto 1]

Então tinha Pibid também, através dos Pibids...

É, ainda tem o Pibid, além dos estágios.... [Garoto 1]

Aqui dentro do nosso grupo, tem só um pibidiano. Tem um pibidiano que é o Mateus.

Mas, é os Pibid com bolsa ou só voluntário? [...] Ninguém é Bolsista?

Não [todos]

É, nossas verbas foram sendo cortadas, cortadas... A gente começou. quando começou o [...] acho, praticamente todo mundo tinha bolsa. Acho que era umas seis...

Pra você ter ideia, em 2016 quando eu entrei, eram oito pessoas que faziam o grupo, e tinham oito bolsas. Todo mundo era bolsista [Garoto 2]

Aí foi, cortando, cortando...Ano [...] Aí em 2017 a gente participou, a gente tem a PROEX lá, que é a Pró-reitoria de extensão. Aí a gente fez um edital lá, a Jane maravilhosa! Fez lá o projeto, apresentou e a gente ganhou em primeiro lugar, a gente conseguiu uma verba e conseguiu para uma bolsa. a gente montou uma lista, com todas as fantasias, tudo que precisava comprar e conseguiu uma bolsa em 2017.

Ah vocês conseguiram uma bolsa... então deixa entender, com esse dinheiro, dessa bolsa vocês vão para comprar as coisas?

Não, é que junto com a bolsa a gente conseguiu uma verba também. [Garota 2]

Ai teve um bolsista e mais essa verba e a gente construiu a nossa peça. [Garota 3]

O “Alice...”? [...] Como que vocês se mantiveram todo esse tempo assim?

Professor! [risos] [...] Por exemplo, São Carlos pra gente poder ir no Ciência em Cena, a Jane literalmente, foi tipo, de porta em porta e falou “Você pode ajudar o Quítrupe, com alguma quantia, alguma coisa assim?”. Isso foi 2017. Aí em (20)18 a gente tinha uma verba, a gente conseguiu, comprar o que precisava. A gente já vendeu rifa...

Mas assim, foi tudo via vocês? Nada foi através de edital... de patrocínio assim que eu falo de instituição... só esse caso que vocês falaram da...

Da “Alice...” em 2018 que é da PROEX, que a gente ganhou uma vez. [...] Essa peça inteira foi tipo, na raça. Foi ali chorando e vamos, que vamos. Se vira.

Parabéns! é legal a gente saber isso, assim para a gente ver a realidade né? E talvez seja a realidade de muitos, aqui também assim, dia de trabalhar com, com zero, né?

[...] muito das nossas peças, elas são simples. Se vocês pararem para analisar, o experimento muito simples, é... questão de fantasia, essa até tinha bastante coisa... Tinha um leão bem fantasiado, tinha um homem de lata, mas as nossas outras peças. [...] A mãe da Jane! A mãe da Jane é costureira e a Jane também, ela costura um pouquinho também. [...] o que seria da gente sem a Jane? [...] Aí a gente....

A Jane é mágica, é a mágica de O2 da nossa peça... [risos] [Garoto 1]

Outra dificuldade que vale ressaltar, é a de...conseguir reunir toda essa a galera para ensaiar, para apresentar, né? [Garota 4]

Porque assim, o curso de licenciatura é noturno de química, e o curso de bacharelado e integral. [...] Então assim, a gente tem o intervalo, é tipo, de um turno pro outro. Então é das 17h30 às 19h, é o horário que a gente tem pra ensaiar. [...] [Garoto 1]

Depende porque tem gente que ainda faz curso nesse horário. [Garota 2] Monitoria... que tem aula até as 18h.

Então pra começar... pra ensaiar pra vir para cá, a gente tipo, chegou a gente, descobriu que ia vir um mês antes, e a gente precisava tipo... e a gente perdeu... é, um ator, um ator, a gente ia perder dois. mas aí, um acabou vindo, e a gente perdeu o Mágico, o Gabriel não era o Mágico, ele estava no projeto, mas ele não tava ator. [...] Ah, o Leão também. [...] o Leão também não. Então assim, são dois personagens assim, relativamente, todos os personagens da peça são bem fortes né? E a perdeu um mês antes de vir. Então a gente tinha, membro novos, Graças a Deus eles tinham entrado, o Mateus, a Luana, a Bruna que entraram, tipo, pra vir pra cá. E a gente precisava marcar ensaio. Tipo foi, um mês assim, de ensaio segunda e quinta, cinco e meia às sete, então a gente tá aqui com as falas todas decoradas, com as marcações...

E vocês tem uma sala física pra ensaiar...

Mais ou menos, a gente tem um laboratório de pesquisa e ensino em química. Que aí a Jane meio, é dividido com outros professores. Mas, ela meio que faz a nossa salinha. Aí gente guarda as nossas fantasias lá, essas coisas... Mas, pra ensaiar a gente não tem. a gente vai atrás de auditório, tem dois auditórios no nosso instituto, a gente tenta reserva eles. mas, quando tem alguma coisa, às vezes ensaia lá do lado de fora do instituto, às vezes ensaia, sei lá, numa salinha pequena... a gente vai se virando. o professor xinga a gente, porque a que grita muito.

Ainda mais eu ensaiando o grito da bruxa, tinha professor que ficava irritado, parava a aula [risos] chegou a reclamar com a Jane, que não dava... [...] [Garota 5]

tNo... quando a gente foi ensaiar a voz, até no auditório nossa! Os professores, a gente até ficou “Nossa, será que eles vão ficar bravo, com a gente?” Porquê... é difícil, porque não é um espaço isolado, assim...nosso.... [Garota 6]

E também o som não é isolado, lá... igual... [Garota 5]

A nossa faculdade não tem um espaço, assim, parecido com esse, a acústica é horrível...tudo meio que assim..

É o que tinha pegou fogo [...] o auditório de elétrica da [...] pegou fogo, por curto-circuito. [risos]

APÊNDICE IV – ENTREVISTA COM GRUPO FOCAL IV

Boa tarde, de novo! É... Nós somos o grupo [...], primeiramente vamos falar, como foi a escrita, né? É... sempre a gente tem a visão, para ir para o Ciência em Cena, né? Desde que eu entrei assim, né? eu entrei em 2014, ainda como aluna do ensino médio. A primeira vez que eu participei, foi como aluna do ensino médio, era bolsista júnior, do laboratório de materiais e a gente sempre nessa visão. No início do ano a professora “vamos preparar a peça”. Aí desde que eu entrei, eu comecei a como fazer, a maioria das peças eram, eu que fazia, é eu nem queria física, tava fazendo... é, vestibular pra medicina, e... estudava de manhã, de tarde e de noite. Mas, procurava um tempo de ir por laboratório, aí comecei a fazer as peças, meio que... nunca tinha dificuldade, mas eu não... não achava, não dava importância né? E... eu comecei a fazer as peças, e... passei em segundo lugar pra agronomia, que era o curso dos meus sonhos. Mas, acabei sentindo falta do laboratório, do teatro, e acabei trancando... fiz vestibular pra Física, passei... e continuei no laboratório, e... esse ano a gente teve ajuda da professora... [...].

É, [...], ela que fez a peça deste ano, e o interessante é que a gente não tinha, nem muita ideia do que seria. Só que essa professora, ela trabalha bastante também, e até o trabalho de mestrado dela, também é o teatro científico. E ela tem um, ela foi... tá com, sete anos, que ela realiza um evento parecido com o Ciência em Cena, que é o Encontro de Teatro Científico “Oscar Científico”, nele a gente dá, é... premiação, para é... os alunos, como se fosse o Oscar, a gente dá o melhor figurino, o melhor texto, temas transversais também, que sai um pouco das ciências... É, e a professora, ela trabalha muito com os alunos tanto do ensino é, fundamental, como do superior, trabalha muito com a questão do teatro científico e ela fez, como se fosse uma série. É “A Dona Física”, é como se fosse, têm esses personagens, e é como se fosse uma série, tem vários temas que ela faz a peça, com essa mesma família. Aí eu dei a ideia, ela queria falar sobre o Padre Roberto Landell, que foi um dos pais do rádio, considerado o pai do rádio brasileiro e... ela queria muito falar dele, e a gente tava sem ideia de como seria, porque pra gente é muito difícil fazer, questão de biografia, essas coisas... E, eu dei a ideia pra ela, de que a gente poderia fazer a Dona Física, aí ela fez a peça da Dona Física... É, da Dona Física ainda tem uma sobre termodinâmica, tem “As Férias de Dona Física”, tem “O Jantar de Dona Física”, tem várias! A mesma família, tem “Acende a Luz Dona Física” que também é um... falta a luz e eles vão fazer uma... lanterna, lâmpada caseira. Aí sempre lá a gente pega muito essa questão dos... materiais de baixo custo, os alunos acham até mais interessante do que todos aqueles, experimentos que tem no laboratório de física.

Então é, a gente começou a ensaiar e a gente sempre procura ensaiar duas vezes na semana. É... também é muito difícil pra reunir o pessoal, porque muitos é já estão no estágio, e também tem monitoria, essas coisas, e também tem o seus afazeres. Alguns são bolsistas também, e... o nosso grupo tinha 18 pessoas, aí quando a gente falou que não ia ter ajuda de custo, e a UEMA não tá dando nada, mal as bolsas. E quando a gente falou que não ia ter ajuda de custo, aí ficou só esse pessoal aqui, só sete pessoas. Até o último dia de inscrição teve uma menina que fez a inscrição, e não conseguiu, né? Comprar uma passagem pra vir. Então a gente decidiu, a gente nem vinha mais também, “Não professora, não vai dar certo”, aí ela - “pelo amor de Deus vamos tentar...” A gente fez um evento, lá na UEMA, um evento que mostrou o trabalho que a gente tinha lá, com teatro e pesquisa, e a gente conseguiu uma parte

pelo menos, pra livrar um pouco da passagem. Pra gente poder conseguir vir e apresentar nossa peça.

A gente ensaia toda a semana, né? E também, a gente apresenta em escolas, é na Semana Nacional.... E um dos focos que a gente tem, é apresentar no Ciência em Cena, aí a gente tava bem triste, porque não tinha... mas graças a Deus, deu certo e a gente fez um evento com o pessoal do ensino superior e fez uma competição de lançamento de foguetes, com os meninos na escola, da escola pública, uma escola que tem lá perto, que ajuda muito a gente. E os professores, eram supervisores do Pibid, então eles ajudam muito a gente, e sabem da importância do evento e ajudaram a gente como o alunos. E aí que a gente conseguiu alguma parte do dinheiro pra poder vir pra cá.

E esses trabalhos que fizeram, tudo em parceria... é Olívia o nome da professora?

Então a professora [...] e a [...] que vocês...[...] Entendi, ela é estudante de mestrado, entendi [...] e todos vocês são alunos de física e não são bolsistas?

É... tinha três aqui. Todos são bolsistas voluntários. aí nós três, eram os remunerados, até o mês passado. Aí acabou... o período. Ai o restante, tem muitos, muitos alunos. Na verdade o grupo [...], é basicamente, todo o pessoal do curso de Física que tem lá. Porque, por exemplo, quando a gente vai fazer peça, alguém chama a gente pra, pra fazer peça, tem que fazer alguma coisa, alguma divulgação... aí, o pessoal não pode, a gente sai perguntando quem tem disponibilidade. O pessoal já conhece as peças, porque a gente tem muito bolsista voluntário.

Ah então não são só vocês

Assim, dos que atuam mesmo, é um grupinho. Mas quando a gente fala que vai fazer um evento, vai fazer apresentação que a gente precisa de ajuda todo mundo se envolve, dos alunos, porque a gente precisa de pessoas pra fazer inscrições, fazer divulgação nas escolas, para poder ajudar a carregar material, fazer experiências, aí todo mundo sempre dá uma, uma mãozinha pra gente.

Vocês apresentam dentro da escola, como é que é... vocês vão até a escola também, é a mesma...?

Sim, a gente tava até comentando antes que a gente tem um... um tuc tuc... que foi é... aquele carrinho, aquela motocicleta que o pessoal usa na Índia? A gente enfeita ela, e vai nas escolas é a Caravana [...], aí a gente vai... a gente vai até nas cidades bem próximas, tem duas cidades, que é São João dos Santos e Aldeias Altas. Aí quando chega na, é o período da Semana Nacional, a gente enfeita ela, que a gente tem um acervo de experimentos, que ao longo dos anos, os bolsistas vão fazendo, vão deixando, às vezes até os alunos fazem experimentos que é pra, pra alguma prática e doam pro laboratório. aí a gente, monta, é uma caixa e vai pras escolas. É, apresenta experimentos e apresenta peças também.

Ah então vocês também fazem essa coisa de ir nas... nossa que legal essa caravana

É, e aí a gente normalmente vai em quatro cidades próximas, e tem uma cidade que é Codó, um pouco mais longe... e a gente vai em parceria com a Caravana, que a gente faz a mesma coisa porém, como não dá pra ir no nosso... tuc tuc [risos] aí a gente vai no ônibus mesmo da universidade. E, apresenta em zona rural também...

É Ensino Fundamental e Médio...

Fundamental e médio, mas aí sempre quando tem evento, na UEMA, até de biologia, a gente, tem algumas peças que a gente faz a modificação, a gente faz a adaptação pra aquele tema. Ah pra biologia, pra química, pra um monte de...

ah então vocês vão mudando de acordo com o público

Se o pessoal precisar, os professores vêm e fazem um convite, a gente também trabalha com teatro de bonecos, foi minha primeira bolsa. A gente trabalha, era... falando sobre sustentabilidade, então a gente faz, é tem uma, tem um projeto lá, um pessoal de biologia da UEMA, que é sobre reciclagem. Então, sempre quando eles precisam a gente leva os bonecos e, o que eles precisarem de material eles passam pra gente [...] pra ajudar também na questão da divulgação dos outros cursos também. E a gente tem... muito muito material, luz... é, LED e som...é, máquina de fumaça, essas coisas...ai os outros cursos, quando precisam a gente empresta, é figurinos, essas coisas, porque lá no... lá no nossa campus, só tem dois cursos de bacharel, o restante é tudo licenciatura. Então cada vez mais, eles estão optando pelo teatro.

Ah então tá virando, não tá virando uma rede?...

É... no caso ali, tem o [...] desde 2000 e... parece que, 2009. O [...], ele surgiu com a professora Fátima e o professor de letras, que foi professor [...] aí ele fez o dele depois, e acabou o projeto. E, ele fez o dele que o Grupo [...], que é maravilhoso, e... a gente ficou com o nome [...].

Desde que ano?

Foi em 2009...Desde 2009 a gente tem o [...]. Aí depois teve o grupo de química, que foi, foram muitas formas de ramificação, do pessoal de química.

Ah então é bem forte essa questão do teatro lá, no no campus de vocês?

Hoje em dia é.

Era um grupo só... tinha Letras, aí Letras fez o grupo deles. Aí tem o pessoal de química, aí Química saiu e fez o grupo deles. Aí veio o pessoal de matemática, eles saíram e fizeram o grupo deles, e a gente continua aqui. [Garota 2]

O [...], é derivado do [...]. [Garota 3]

[...] infelizmente ele não fazem mais, não... o grupo acabou, mas o [...] não veio porque realmente não dava... Ano passado, eles vieram.

[...] do ano passado, eles apresentam, eles eram aqueles da... Enigma da Morte. E o ano passado vocês apresentaram aquela...

Trocar dia, a quebra do coco de Babaçu [Garota 3]

Que falava sobre... é um tema, mais regional, fala das dificuldades, falava muito das dificuldades. A gente foi na zona rural... teve laboratório. Foi ali que a gente aprendeu a fazer carvão [...]

Nossa eu achei bem... Foi bem legal assim. Vocês fizeram todo um trabalho de pesquisa?

Sim, a gente teve que ir [...] no interior mesmo, era cultura [...] bem pobre...

a gente foi lá no interior mesmo, a gente viu as quebradeiras, a gente aprendeu a quebrar coco, a gente viu os derivados assim, que eles faziam, além de quebrar o coco, com as cascas do coco [...] com o azeite do coco [...] tudo do coco. [Garoto 2]

Nossa bem legal assim, depois eu quero até conversar com vocês sobre isso, assim.eu fiquei com aquela peça na mente, assim. Desde o ano passado pensando, deve ter sido um grande trabalho, né? ... de pesquisa. É uma cidade ali do lado? Era longe?

É do interior, é de uma cidade e outra, e entra numa estrada e vai... [Garota 2] [risos]

é o bem ali né? e como é que vocês fazem para se manter?

É normalmente... é com projeto, mas esse ano não teve, nada. A gente tem um acervo, né? De outros projetos, que a gente sempre procura aproveita o que gente tem. A gente tem muito figurino, de outras peças. Aí a gente tem os experimentos, como eu já havia falado, que os próprios alunos, quando tem oficina de prática eles doam, né? A minha turma mesmo, já... já doei vários né? Pro laboratório que é justamente pra sempre, a gente ter o material. Quando os outros...

então vocês não trabalham só com conteúdo de física?

Não! - O que eles normalmente, é o que faz...Aí é, a gente, a professora olha e diz.. A professora olha "Essa peça aqui, eu acho que dá certo". Aí a pessoa manda o material que ela quer, e a gente faz de tudo pra conseguir. Pra conciliar o tema do evento deles, com a peça que a gente já tem escrita.

Aí a gente tem uma peça, que é uma peça como se fosse coringa. Que é "Uma Aula Diferente", aí tem uma menina, ela com um dilema. Uma coisa normal, menina que não quer estudar e tal, aí chega umas pessoas vestidas de palhaço, aí como é... o pessoal, lá vestido de palhaço, a gente apresenta principalmente pro pessoal da educação básica. Principalmente, do ensino fundamental, que eles gostam muito. E esses são experimentos bem, simples. É... uma balão [...] que num..é, com água que não estoura, aí eles ficam querendo que estoure na cabeça do pessoal... Aí, a gente coloca um balão com maizena [...] aí um... fica todo besta, e sempre... faz sucesso. E essa, que a gente chama, essa principalmente que a gente leva para as escolas, na Caravana e agora a gente tá levando também "A Dona Física".

O processo inverso de trazer, as crianças para dentro da Universidade acontece?

Sim!- Com o Encontro de Teatro Científico.

No teatro científico, a gente meio que espalha o evento, e aí cada escola leva uma peça teatral, e aí a gente faz a premiação. E cada escola vai avaliar, as peças deles, e aí a gente conversa com o professor, e o professor monta com os alunos da escola, a peça e a gente faz igual, fazem aqui. É como se eles fossem de outra cidade [...] só que é de escolas diferentes. [Garota 2]

Ai eles vão lá e apresentam...Tem escola que já faz muito tempo mesmo, que tá apresentando [...] tem professores que, já sabem que a gente tem que falar com tal professor, aí ele já pega a turma dele, já monta alguma coisa. A gente chega lá, ele já tem uma, uma peça montada. E as vezes também, quando eles “ah não, não vai dar esse ano e tal..” - A gente fala: “Não pode apresentar a mesma”. Pra não deixar, de.. Que eles parem de participar e também, como a gente tem é... bastante voluntário que, querendo ou não, mesmo não atuando mais já entende bastante de teatro, essas coisas. Aí... a gente manda esse pessoal, pra como se fosse monitores. Aí eles ajudam a ensaiar a turma, é... ajuda a escrita, é assim...

E... editais, essas coisas assim vocês já conseguiram?

A gente sempre manda, mas dificilmente...

Assim, então o financiamento de vocês, vocês nunca conseguiram por edital... Semana Nacional...

Desse evento, do Encontro de Teatro Científico, ele acontece uma semana depois da Semana Nacional, porque a Semana Nacional pra gente é bem pesada. Quem participa, quem faz a organização lá... é sempre, chamam a gente pra participar né? Então no caso, tem evento... Ano passado a gente apresentou todos os dias, sempre a gente apresenta só um dia na Semana Nacional, mas todos os dias ano passado a gente apresentou.

Ah então vocês não fazem, o edital, vocês participam como convidados?

É, na Semana Nacional. Mas, esse projeto, ele fica no site, no site da cidade, como se fosse uma ramificação, como se fosse dentro da Semana Nacional e a professora, é Olívia, ela que toma de conta, dessa parte do edital. Mas ela sempre faz, só que dificilmente é... aprovado. Aí no caso a gente, se vira nas continhas com o dinheiro de inscrições e às vezes a professora Fátima tem, alguma coisa, para ajudar que é, o que a gente paga os ônibus, pra transportar as crianças. É, porque só da UEMA não dá, porque é um ônibus só, para o campus. Então é, tem muita viagem, né? Os outros cursos, viajam bastante também, e às vezes a gente não consegue também ajuda de prefeitura com transporte, e a gente mesmo, no caso, com o dinheiro das inscrições que a gente paga o transporte pros alunos da escola.

Nossa muito legal muito muito legal alguém... 37:20

É, a dúvida que [...] é que, você tinha entrado no curso de agronomia e trancou pra poder voltar, pro lab de vocês né? É.... Vocês não abrem então, para outros cursos que... pessoas de outros cursos para poder entrarem...? [Garota plateia]

Sim, é que a questão é, que o curso que eu fazia, era em outra cidade. Era na federal em outra cidade [...] Sim, inclusive o nosso grupo aqui, é já, teve pessoal de Letras, mesmo depois é, com o, o teatro, já teve peças de Letra, de Pedagogia, Química, Matemática, Ciências Naturais, sempre a gente tá aberto para todo mundo que quiser entrar. Todo mundo sabe, é bem vindo no nosso grupo.

[...] Você falou lá, o [...] ele tem mais projetos envolvendo... teatro? [Garota plateia 2]

É porque a gente tem um laboratório que é só de divulgação científica... É, no caso o laboratório, é o LabMat, o Laboratório de Materiais e Divulgação Científica. Aí... esse laboratório, a gente trabalha com ensino, pesquisa e a divulgação em geral. Aí no caso [...] a universidade é parceira [...] e como a gente tinha, é mudaram a gente de sala, e essa sala era bem menor e não tinha como a gente saí, porque tinha onde ficar nossos materiais. Aí... eram duas salas, aí o pessoal fizeram uma divisão. Numa das salas fizeram sala de aula e a outra ficou com nosso material, e a gente organizou bem direitinho e... é lá onde a gente ensaia, né? É lá onde a gente faz reuniões, pra organizar nossos eventos, e... faz a escrita da peça lá, e na lá nesse laboratório. e no outro que a gente que a gente ganhou com a reforma, é o que funciona o ensino e a pesquisa. Então a gente, tem um laboratório só do teatro basicamente.

E vocês fazem, vocês trabalham só na extensão ou com pesquisa? pesquisa assim tipo, mais a fundo, é.... é o projeto de vocês, ele tem uma vibe mais extensionista, ou pesquisa, ou as duas coisas trabalham juntas?

É, no caso teve o projeto do coco, ele tinha uma parte só do teatro e tinha uma parte só das pesquisas. Que essa, a parte da pesquisa era a produção do carvão ativado em forno de microondas, e... a outra parte do projeto era a... a questão do “trocar dia”, né? A dificuldades apresentadas, aí fazia a peça com o “trocar dia”, que foi o que a gente fez... Foi todo um, processo bem demorado, e... a gente teve bastante preparação. Em questão que vem, a gente chama de o laboratório né? Pra fazer... a peça né?

Cada personagem foi escolhido mesmo, não foi a gente que escolheu. É... a gente tinha um professor de teatro ajudando a gente, e... ele que definiu né? Cada um, cada perfil de cada um, ele ia fazendo a gente fazer as cenas, e via quem é que ficava melhor, e colocava, e... é mais ou menos isso, só que não é sempre que a gente tem um professor. Mas, a gente tem muito livro de teatro e a gente abre e vê o que a gente pode fazer, jogos teatrais, essas coisas. É... eu particularmente, acho bem difícil, fazer isso, mas a gente se vira, a gente consegue e é por aí...

Nesse mesmo processo, só pra ensaiar, só pra realizar a primeira cena, foi mais de um mês! - Foi, mais de uma mês, essa do “trocar dia” - Porque a gente falava alguma coisa errada, ele “volta! De novo!” ... Um mês nessa primeira cena. [Garota 3]

[...] Ai isso a gente vai somando, pra... próxima peça...

Nessa peça aqui, que a professora já sabia mais ou menos quem é que vinha, e ela já escreveu pensando... na gente mesmo. [Garota 2]

Quando ela foi apresentar o texto pra nós, ela já falou: “ Tu é esse bem aqui, tu é esse aqui, tu é esse aqui, tu é esse aqui, e tu é esse aqui...” [Garota 3] [risos]

Já conheceram os personagens

O repente da peça também veio da professora é? [homem platéia]

Não [...] - foi a outra menina que não conseguiu vir ela, ela fez [...] [Garota 2]

Não era nem pra ser um repente na verdade né? Ela, era pra ser uma coisa mais lírica, só que como a gente não conseguiu pessoas, para poder fazer essa parte, tudo mais... e também a gente não encontrou pessoas aqui para cantar... declamar, né? A letra da [...] lindamente, a gente teve a ideia de... fazer o repente. [Garota 3]

Aí foi essa outra estudante [...] ela era do [...], ela é [...] e [...]. A Cássia, e a que fez, era pra ela fazer, era pra ela tá aqui cantando [...] mas aí como não deu certo, daí a gente teve que fazer uma alteração. [...] a gente tava até acostumado, a fazer alteração mesmo.

[...] É, nesse evento que vocês fazem que convidam as outras escolas para dentro... da faculdade. É, rola alguma união com os outros grupos de teatro? vocês apresentam alguma coisa juntos? [mulher platéia]

Não, é assim, juntos [...] os grupos apresentando uma peça? Não. [...] Mas, todos eles apresentam.

Eles apresenta a peça deles, e a gente a nossa. Mas assim, união mesmo, mesmo, não. Igual peça mesmo, com todo mundo não. [Garota 2]

Eles ajudam a organizar mesmo, ajudam muito. É, a gente tem um pessoal bem, bem, bem interessado. Bem envolvido...

É porque assim, a questão da inscrição já pega muito gente. Porque cada um que, como a gente é de períodos diferentes, tem os que estudam de manhã, de tarde, tem os que estudam a noite, então assim, tem que dividir segunda, terça, quarta, quinta e sexta, e a gente tem que envolver pessoas de outros períodos, pra poder fazer inscrição, botar lá de manhã, de tarde e de noite. E, ir pras escolas de ensino fundamental e ensino médio, e de divulgar de sala em sala da universidade. Então pega muita gente. [Garota 2]

E outra coisa, o... no caso a taxa de inscrição, que é dez reais [...] é só pros alunos do ensino superior, os alunos do ensino médio não paga nada. Essas inscrições é o que vai ajudar no transporte escolar, essas coisas, e os minicursos é... a gente que faz com eles.

E tem, o pessoal vai assim?

Uhum, o pessoal gosta muito. E a gente pega bastante ideia quando a gente fala “Gente, a gente já veio do Ciência em Cena”, e já pega a ideia, do que a gente pode [...] é as oficinas, no caso ano passado acho que tiveram nove, aí sempre tem de dança, dança aplicada a física, pintura, é o que mais... música também, e tem aquelas que são só de teatro e tem sempre uma que é falando sobre a [...] os experimentos, né? Que a gente tem, e uma que é só falando sobre a Semana Nacional, uma coisa voltada pra Semana Nacional.

Os outros grupos eles não conseguiram vir ou eles não tinham interesse? [mulher plateia]

Eles não conseguiram vir... Porque a gente pediu uma ajuda de custo [...] e o ônibus. E aí a ajuda de custo voltou. E o ônibus, tinha só a promessa, eles iam, iam dar o combustível, porém a gente tinha que pagar as diárias do motorista. Não é para vim um motorista, só vem em dois ou três E aí com o dinheiro que a gente calculou de pagar para eles, era o mesmo tanto que a gente poderia pagar a passagem de avião. Daí a gente preferiu vir de avião. Porque pra vim de ônibus, tinha também que fazer aquelas paradas de café, almoço e janta, e a gente ia gastar muito mais... [Garota 2]

A gente ia pagar as nossas diárias e as deles.

Poisé, e era o mesmo preço né? Então a gente preferiu vir de avião. [...] [Garota 2]

Eu vi pelo, eu vi pelo teatro deles ontem essa pegada de, de é, assuntos políticos envolvidos dentro da peça, vocês também tem essa vertente às vezes? [Garoto plateia]

Não muito [...] A gente tenta muito por, a gente pega muito coisas da atualidade pras pessoas poderem entender, a piada, entender a, a fala, na verdade a gente tava com muito medo de trazer essa peça e muita gente não entender certas as coisas. [...] porque tem muita coisa nossa, de lá [...] [Garota 2]

Porque muitas coisas que a gente fala, aqui as pessoas não entendem, mas quando a gente apresenta lá, o povo se acaba de rir. [Garota 3]

APÊNDICE V – ENTREVISTA COORDENADORA I

[...] Os bolsistas foram... nós não conseguimos ajuda junto a Universidade. A Universidade já estava em crise, aí eles falaram: “professora nós vamos pagar nossas passagens. Aí se a senhora conseguir ajuda, é bem-vinda. Se não conseguir nós vamos pagar.” Aí eles compraram e se organizaram, arranjaram o cartão de crédito para parcelar, teve uma promoção... Aí eu colaborei na época da promoção falando: “Olha, aqui tal empresa tá numa situação dessa...” e tal aí ele se organizaram e compraram as passagens. Aí depois, eu dei ajuda né... Mas, a iniciativa foi toda deles. Não tinham nem condição de parar em Curitiba para visitar....

Eles foram de Curitiba para Matinhos e voltaram. Voltaram encantados! Falaram assim: “Professora, essa ida lá... assim, foi perfeito.” *Gosto demais, da região e da organização do teatro, sabe?*

Então o que vocês fizeram também *movimento* demais eles, aí eles comentaram, falaram tudo isso aí.

Eu acho que o teatro científico ele é muito importante em qualquer vertente, que você for colocar, seja no desenvolvimento de uma região, seja no hospital, ... Seja uma comunidade que queria enfrentar um problema, diversos problemas que a pessoa enfrenta o teatro colabora e ajuda muito. No nosso caso, a gente trabalhou muito a física né? Muitas... muitas personalidades da física foram trabalhados, nós trabalhamos a questão territorial do Babaçu. Então... é assim, eu pretendo continuar trabalhando com o teatro científico, aí o resto da minha vida. Vamos ver o que que eu consegui fazer pela frente.

Sim, foi, foi bem legal aquele encontro mesmo.... a gente teve que o pessoal ficou muito encantado. é que a gente lotou o teatro todos os dias, a gente conseguiu... a gente assim, nós ficamos surpresa! que a gente não imaginava que a gente ia lotar o teatro todos os dias... assim, foi... a gente teve mais de mil pessoas em mais ou menos em dois dias de apresentação. mais de mil pessoas, mais de mil crianças, passando pelo teatro, pela UFPR assim sabe... cada apresentação tinha... no auditório cabia 380 pessoas mais ou menos, a gente tinha no mínimo, no mínimo... porque a gente colocou criança sentada no chão, criança nos corredor... a gente tinha no mínimo umas 400 pessoas dentro daquele auditório, se o corpo de bombeiro passasse lá gente ia tudo... ia ser cancelado tudo do dia! [risos]

Sim, ia suspender a atividade do dia mas deu tudo certo.

Então já... já entrando nisso né, que você falou, a senhora falou que, assim, que ainda quer continuar fazendo teatro científico né? é uma coisa né?

É... O resto da vida né? Aí a gente vai coordenando, administrando, onde tiver...

Mas, a senhora se entendeu quanto divulgadora científica antes da graduação, quando estava fazendo graduação... Como foi esse o processo...

É porque assim, eu sempre gostei de fazer experimento, então quando eu fui fazer o curso de física... aí eu participei de uma vez, de uma feira de ciência e aí a gente fez um motorzinho, aí eu fazia roldana para explicar mecânica... às vezes eu fazia com.... talo de coco mesmo, tinha um pé de coco lá atrás, eu pegava a folha, pegava o talo e fazia a roldana, para ir demonstrando em sala de aula. O que que é uma roldana... é.... eu ficava pesquisando, que tipo de experimento eu poderia demonstrar, por exemplo, lançamento horizontal. Aí eu não sei se você se lembra, que você não é Física, não. Mas, a gente pega uma régua assim, ó. Coloca um obstáculo aqui desse lado e deixa de ficar livre, aí a gente coloca um pezinho aqui e dá um toque. Aí na hora que régua faz esse movimento, a pedrinha que *tava* aqui faz um lançamento horizontal e a pedrinha que *tava* desse lado, cá na vertical. Então a gente demonstra que e as duas pedras caíram ao mesmo tempo, no chão, independentemente do tamanho delas. Aquele experimento feito por Galileu, na Torre de Pisa, né... Então, aí o que

que acontece... As pessoas me conheciam muito nas escolas que eu trabalhava, pelas minhas coisas que eu levava pra fazer experimento. Todas as.... Eu dei aula de ciências, foi a minha primeira experiência como professora. Quando eu terminei o curso de Física, de graduação, falta um semestre pra terminar, aí um colégio lá da cidade precisou de um professor, daí eles me indicaram. Mas, a escola sempre pedia para Universidade indicar professores, e eles me indicaram. E aí, em ciências a gente tinha física, *num* semestre química no outro, né? normalmente é química no primeiro semestre e física no segundo. Eu fazia as reações químicas, aí fazia todos esses experimentos, toda aula que eu ia ministrar, eu demonstrava e pedia pros alunos fazerem seminário e demonstrar também. Então eles sempre ficavam conversando comigo, achando interessante.

Aí eu escrevi um livro de física pra oitava série, com esses experimentos. E não é nada assim.... inédito não, é tudo que já tem na literatura mesmo, só ia pegando o que dava mais resultado. Aí eu trabalhei numa cooperativa, e.... Eu me lembro de mais, foi em 1996... aí eu *tava* dando aula de física no primeiro ano, e tinham três turnos a turma "a", "b" e "c"... e quando a cooperativa organizou, a forma que a administração achou, de organizar os alunos. Foi colocar de acordo com escola que eles vieram, aquelas escolas que eram de referência que eram as mais famosas, eles colocaram na turma A, as outras escolas mais ou menos na B, sabe aquelas escolas mais fraquinha, colocaram na C. Então que dizer os alunos da turma C, eram bem mais fracos que os da turma A. Então quer dizer o conteúdo, a bagagem, a dedicação ao estudo, era tudo diferenciado. E a prova era a mesma. A gente era obrigado, de acordo com a coordenação da escola a ministrar uma prova bimestral, fazia parte do plano da escola. E essa prova... ministrava uma prova bimestral, essa prova era a mesma pra todo mundo. E aí o que acontecia. Os alunos da turma C, tudo tiravam nota baixa, né? A prova na verdade acabava avaliando mais, os alunos da turma A do que os alunos da turma C. Né... e aí a minha turma C, teve um aluno com a nota azul, a coordenadora era minha amiga, sabe? Ela virou pra mim e falou "Olha Fátima, tô saindo de uma reunião agora.", aí eu falei assim: "ah vocês iam fazer uma reunião na coordenação né?". Daí ela falou assim: "É.... sua situação tá crítica hein?", aí eu falei assim: "Ué, na turma, naquela turma A eu fiz a Curva de Gauss, saiu tantos alunos com nota ruim. Na B, e na C só saiu um aluno com nota azul, mas o que, que eu vou fazer? A aula foi a mesma, a prova foi a mesma... então não tem jeito." E aí ela falou assim: "Pois olha, no próximo bimestre eu quero todos os alunos da turma C com a nota azul.", aí eu falei pra ela assim: "Cê tá doida? só tem uma saída, se eu fizer teatro." Aí ela virou assim pra mim: "Pois, faça. Faça teatro não você vai perder seu emprego." Aí, eu fiz teatro, foi a primeira peça que eu fiz.

Aí a peça se chama assim "Será essa a evolução natural da Teoria da Relatividade?", e aí a gente começava a contar a história lá nos gregos, aí vinha andando na linha do tempo, passando ali por aquele período quando Copérnico né, passando por [...], passamos ali em Galileu, aí nós fizemos Einstein, trabalhamos [...] Fez uma extensão pros conceitos que estavam errados. Só que eu tive um problema, um certo aluno era apaixonado por Thomas Edson, era o herói da vida dele, aí ele falou assim.... E era o aluno que tinha tirado nota azul. Ele falou assim: "Professora, não gostei de nenhum cientista dessa história, pra mim só interessa estudar a vida de Thomas Edson", aí eu falei assim "Meu Deus do Céu... *tô* frita, porque Thomas Edson, não entra nessa história." Porque não tem nada a ver com Thomas Edson, aí eu peguei e dei uma *coxão pro brasileiro* né? Na hora que chegou na época de Thomas Edson. Aí eu virei e falei: "Aqui, nós vamos mostrar que nem tudo no mundo, é Teoria da Relatividade, que tem outras variáveis, que tem uma pessoa notável, que teve mais de 200 patentes e, criou a luz elétrica e vamos contar a história dele aí, aí vamos visitar o laboratório de Thomas Edson.". Então aí a gente foi lá e o laboratório era de Thomas Edson, fazendo lá a luz funcionar e já aparecia com aquela cara desfigurada de cansaço de quem ficou 20 horas acordado, e aí voltamos na linha do tempo pra ver o Einstein [...] Depois a história foi apresentada numa feira de ciências, as pessoas gostaram tanto que pediram uma segunda apresentação, a gente cobrou R\$ 0,60 centavos de cada... R\$ 0,50 centavos de cada pessoa, porque a procura era tão grande, tão grande que a gente não tinha como selecionar, aí a gente falou "Vamos cobrar R\$ 0,50 centavos" Daí as pessoas pagaram, a gente apurou R\$ 75,00, aí naquela época a gente fez a doação pra escola. A escola comprou um projetor [...] Aí, todos

os alunos ficaram com nota azul, todos. Porque se dedicaram, realmente foi um trabalho bem feito e a gente tava estudando mecânica né, que era o primeiro ano. E aí, essa história ficou famosa, a gente filmou, aí depois o tempo foi passando, aí eu não fiz mais teatro com eles, eu fazia várias [...], fazia tangram fazia aqueles... como é que a gente fala de dobradura?

Origami....

Origami! Aí fazia pra ensinar, cubo, fazia pra ensinar na sétima série aqueles produtos notáveis [...] Então eu ficava sempre estudando, o que fazer, o que que podia apresentar pra facilitar um bocado essas disciplinas deles né?

Aí, eu... saí da escola, em 2001 quando eu comecei a trabalhar com a UEMA. Aí em 2003, eu saí fui fazer mestrado, aí eu terminei o mestrado em 2005 né? Entrei com o doutorado, terminei o doutorado em 2009. Só que o trabalho lá em Caxias, uma cidade do interior do Maranhão e o campus lá é bem pequenininho, é bem carente sabe? Pra você ter ideia, a gente não tinha uma sala então a gente tinha que assina o ponto e tinha uma mesa lá, onde a gente ficava sentado naquela mesa ali até dar o horário de dar aula e voltava, se tinha que orientar algum aluno era ali que a gente orientava. Aí, então eu saí fiquei seis anos fora, pra concluir o mestrado e doutorado. Aí quando eu retornei, a realidade era a mesma, não tinha um livro, não tinha uma sala diferente. Aí bateu assim, a aula que eu fui ministra, o recurso que eu tinha era o mesmo de seis anos atrás... aí eu peguei, e fiquei assim, bateu aquele *depre*, aí eu falei assim: “Meu Deus do Céu, essa instituição investiu seis anos de estudo da minha vida, pagou o meu salário, pagou bolsa, e eu vou ficar aqui sem nada diferente.” Aí eu comecei a procurar edital né? Sempre, [...] aí tinha um edital, no meio de vários editais, aí tinha um edital de museu do CNPQ. Eu voltei em agosto do doutorado, e esse edital ele saiu logo assim, em setembro... E aí eu pegava lá no site do CNPQ [...]

Sim, professora só um pouquinho eu acho melhor a senhora desligar sua câmera que tá cortando bastante o áudio.

Então aí o que que eu fiz.... Aí passando no corredor, eu vi um professor de Literatura fazendo encerramento de uma disciplina dele. aí eu falei assim: “ó ele tá fazendo teatro eu vou convidar esse professor para a gente fazer teatro.” aí quando eu cheguei perto dele eu falei assim: “eu vi você fazendo teatro” – e ele: “não, eu não faço teatro não, eu até gosto muito, já fiz várias encenações. Mas, aqui eu nunca trabalhei com teatro, não.” – Daí eu falei assim: “mais aquela pessoa caracterizada?” – “não aquilo era uma disciplina, que eu pedi, que eu trabalho final da disciplina que eu pedi, para cada pessoa, vestir a roupa da época e recitar um poema... do poeta.” Aí eu disse: “Nossa! Mas parecia teatro.” Aí ele pegou e falou assim: “Não mas eu não trabalho com teatro, nunca vi trabalhar com teatro na escola...” Falei assim: “ah, pois eu já trabalhei.” aí eu falei para ele... aí ele assim: “ah que interessante”. Aí, eu falei assim “aqui tem um edital aberto você, não quer fazer esse projeto comigo não? Porque... a gente pode fazer teatro, aqui na escola.” Aí ele falou assim: “Não...” Aí eu falei: “ah mas, lê pelo menos o edital”. Aí ele falou assim: “Ah mas eu tô muito ocupado.” Eu tive que procurar ele assim, umas cinco vezes ele virou para mim e falou assim: “Eu tô procurando uma mãe.” E ele sempre gostou muito da mãe dele e ele assim: “Você quer ser minha mãe?” e eu assim: “Quero e você quer ler o edital comigo?” Aí ele falou assim: “Quero”. Aí eu marquei com ele o horário, nós fomos ler o edital, daí eu falei para ele que eu tinha ido para um congresso da SBE e vi que a Seara da Ciência, fazia teatro eu vi um folder lá que a gente podia fazer. Aí a gente, então ele resolveu fazer o projeto. Aí eu peguei o Marcos Valle, que era o diretor da Seara da Ciência, nessa época... aí eu peguei e mandei um e-mail para o Marcos Vale, falando para ele que a gente tinha essa pretensão e se ele podia dar apoio para a gente e perguntou como é que era o apoio eu falei “ah assim, a gente fazer um curso aí com você” e ele falou assim “Posso sim.” E aí a gente ganhou o edital do CNPQ em parceria com a FAPEMA sabe? A gente ganhou R\$ 30.000 (trinta mil reais) para fazer teatro. Assim, a gente ficou boquiaberto acho que era trinta e dois, a gente nunca pensou que teatro, dava tanta repercussão, meus

projetos de Engenharia de Materiais, oxidação cítrica, oxidação em alta temperatura, eu colocava trinta mil, eles reduziam pra metade, eles me davam quatorze, quinze mil. E aí, eu nunca pensei que o teatro, tinha mais repercussão e aí eu já comecei a trabalhar, também com a Semana Nacional. Lá em Caxias, quem lançou a Semana Nacional lá em Caxias fui eu. Coordenando as atividades com teatro assim....

Em que ano foi o primeiro ano, que vocês...fizeram...vocês participaram...

Da Semana Nacional? Olha em 2009 eu retornei para Caxias em agosto. Em outubro a gente fez uma exposição de experimentos de física, no corredor e chamou os alunos dos... dos nossos alunos do curso de graduação para assistir. Então isso aí, foi uma atividade da semana. Aí em 2010, a gente já foi para a praça, aí nós já reunimos mais professores, aí já convidamos a prefeitura, a escola da prefeitura para participar junto e aí a gente foi aumentando, submetendo projeto a FAPEMA, indo para as Praças sabe? E aí fazendo a Semana Nacional lá, então a semana que antecede, a Semana Nacional ficou sendo o Encontro de Teatro Científico de Caxias. Que a gente em 2012 [...] a gente fez o Ciência em Cena em Caxias, em 2013 a gente já começou a fazer o Encontro de Teatro Científico de Caxias. Aí a gente procurava pessoas, que faziam nas escolas... e se reuniam. É tudo muito trabalhoso, muito difícil, são poucas pessoas que querem participar, porque, eles dizem que teatro dá muito trabalho. Tem que ensaiar muito... e às vezes os alunos querem uma coisa, não querem isso, mas a gente consegue adeptos.

Sim... então a fonte de renda do projeto de vocês por muito tempo, foi a Semana Nacional?

Não... olha, o primeiro projeto que eu ganhei. [...] deixa eu te falar uma coisa, que só tomei conhecimento depois que eu terminei o doutorado e comecei a mexer com projeto então tem... o MEC, CAPES, CNPQ... eu nunca consegui um projeto na FUNEP, nem submeti, então essas são agências de fomento é.... Federal e tem as FAPs “Fundação de Amparo para a Pesquisa” que são do Estado, então “Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais” FAPMIG, “Fundação de Amparo à pesquisa do Piauí” Aí fica meio complicado com São Paulo, FAPESP [...] aí “Fundação de Amparo à Pesquisa do Maranhão” FAPEMA entendeu? Então, cada Estado tem sua fundação e vai o dinheiro do Governo Estadual, direcionado ao desenvolvimento científico que isso aí faz parte da Constituição, e vai dinheiro do Governo Federal para as FAPs também a verba da União, que tem uma parte a ser direcionado para Ciência e Tecnologia, eu não sei te dizer exatamente porque, mas a FAPEMA é uma das melhores Fundações, tem mais dinheiro, que tem mais edital, depois uma hora você entra lá no site da FAPEMA, você escreve no Google FAPEMA, que você entra lá *facinho*, assim e você vai ver quando de ação e assim tem para todos os estados aí você pode até comparar uma com a outra né?

Então, por exemplo, eu submeti um projeto para FAPEMA, é.... chama-se “Ciência dos Materiais na Educação Básica”. E aí então, esse é um projeto de extensão, nesse projeto ele se chama PROEST, Projeto de Extensão. Então nesse projeto a FAPEMA, o pesquisador que conseguisse aprovar ganhava, eu acho que era R\$ 20.000 (vinte mil reais) e dois bolsistas para trabalhar durante um ano. Então, eu coloquei que eu ia fazer palestras e depois formar peças de teatro, sobre cada área da ciência dos materiais, e apresentar nas escolas dessa peça, para divulgar engenharia de Materiais, que era um ramo que não era conhecido na cidade e que *tava* tendo bastante abrangência, *tava* tendo bastante crescimento. Aí o que que acontece, os bolsistas, eram bolsistas de extensão eles fizeram teatro, aí eu tive eu tive dois bolsistas, um ficou com teatro e o outro ficou responsável pelas palestras. Esse projeto *dura* dois anos. Aí teve uma outra, esse do CNPQ foi o primeiro que eu ganhei, ele só deu dinheiro para comprar as coisas, ele não deu o dinheiro *para* bolsista. Então as Universidades, elas tem projeto de ensino-pesquisa, é pilar das Universidade né? Ensino-pesquisa-extensão, então elas têm uma verba direcionada a bolsas.

Sim... eu já fui bolsista em vários... já fui bolsista, já fui estagiaria, já fui bolsista de extensão, só não fui bolsista de licenciatura, porque meu curso não era de licenciatura, mas o resto... porque eu fiquei cinco anos também no... no Projeto do LabMóvel...quando eu exerci o.... Projeto de Teatro Científico.

Então... lá tem... extensão. Pró-Reitoria de Extensão. Então, a Pró-Reitoria de Extensão abre o edital interno... aí a gente escreve um projeto, submete e ganha um bolsista. Aí, eu ganhei um bolsista e o Eliseu ganhou outro bolsista, estão nós ficamos com dois bolsistas no teatro. Aí quem paga a bolsa é o [...] e o aluno trabalha com a gente, ele aprende a fazer o teatro. Aí então, eu tenho dinheiro que eu ganhei do CNPQ, para comprar os microfones, as roupas... e o bolsista que eu ganhei da Universidade, mas tudo é através de projeto.

Esse daí do CNPQ a gente chama: “Trazendo a Física para a Boca de Cena”. Então a gente fez várias peças de teatro, teatro de boneco. Foram muitas é... Ciranda da Ciência, é, muitas ações mesmo, foram dois anos. Aí depois, tem Iniciação Científica. Aí a gente faz um projeto e pede. Se esse, o projeto é aprovado a gente ganha um bolsista mais um na... Então eu fiz “Investigando a Aprendizagem da Física através do Teatro Científico,” esse daí eu ganhei o bolsista, uns 3 anos seguido. Então o dinheiro do projeto *tava* lá, eu ganhei o dinheiro do projeto nesse do CNPQ, eu ganhei no outro da FAPEMA que foi esse “Divulgando a Ciência dos Materiais na Educação Básica”, aí depois eu fiz...

Abriu um edital do CNPQ, “Meninas nas Exatas”, aí eu peguei e fiz um projeto para falar da vida de Marie Curie, e para estimular a inserção de meninas nas exatas e contar primeiros passos [...] Marie Curie. Então, a gente contou a história da teoria da radioatividade nuclear, engenharia nuclear e contamos um pouco da história da vida da Marie Curie. Aí, a gente ganhou trinta mil (R\$ 30.000,00) nesse projeto, a gente teve quatro bolsistas da Educação Básica, o dinheiro para pagar as roupas, para pagar viagem. Inclusive a gente foi para um Ciência em Cena, com essas meninas e... dois anos de projeto. Aí então todo dinheiro do... e essas meninas também apresentavam ... todo mundo apresentava na Semana Nacional! Todo mundo que trabalhava no laboratório comigo, quer se teatro, quer se a Iniciação Científica de materiais, oxidação a altas temperaturas ou produção do carvão ativado... Tinham que trabalhar no teatro, não tinha esse negócio” aí eu não trabalho no teatro, porque eu trabalho com carvão”. Nada disso, aqui todo mundo faz teatro, e ninguém é melhor que ninguém não. Porque se não começava a dar uma burocratização, dizendo que esse bolsista é melhor do que aquele... Muito bolsista falava assim: “Ah professora... eu não levo jeito...” eu falei assim: “Você sabe carregar ferro? Você sabe armar tenda?” – “Sei.” – “Pois você faça isso, porque aqui a gente precisa de gente para fazer isso também. Aí você... tem hora que a gente precisa de gente para ser figurante você vai ficar sentadinho na cadeira lá, você pode até tá com cara de má vontade, que figurante fica assim também.” E no final das contas, todo mundo, a gente até admirava aquele pessoal mais tímido que de repente, apareceu uma necessidade, eles ficavam assistindo as apresentações e aprendia... E, às vezes uma pessoa faltava ele falava: “Professora eu posso fazer esse pedaço aqui que eu sei decorado.” e fazia aí então, aí ia e fazia mesmo!

Então, o último projeto que eu ganhei, eu prestei conta em 2019 Fazendo Teatro e... como é.... “Fazendo Teatro e Carvão Ativado com Coco de Babaçu”, que foi a peça que as meninas apresentaram lá em Macaé, das quebradeiras de coco. Aí... eu pedi dinheiro para oficina, então eu contratei uma pessoa da cidade que gosta muito de fazer teatro, para ajudar a escrever a peça, para ensaiar com os meninos, dar orientação de figurino. Daí eu observei que as peças iam ficando bem elaboradas, e os alunos iam ficando bem experientes, sabe? Teve um teatro, o que foi para... pro litoral aí, os menino que fizeram. Então eles já tiveram a ideia, e confeccionaram a peça, e escolheram o figurino e.... não teve, no caso um artista que, orientasse eles. Foram eles mesmo, sabe? Tinha uma professora que era bolsista da Arte, que é que fica coordenando o Ciência em Cena, ela é Física e toca piano, e gosta de escrever peça de teatro. Mas, ela não tem curso de artes cênicas. Então ela que acompanhou a peça nessa bolsa.

Aí eu tive bolsa **BATI**. BATI...que é uma pessoa para ajudar a cuidar do laboratório.

Acho que as meninas falaram dela...professora Oliva né?

Olívia! Isso mesmo, e o mestrado da Olívia que ela faz em Portugal, que tá se estendendo a uns cinco anos já. Agora não sei, nem como que ela vai defender com esse Corona vírus né? Era para defender agora, esses dias ela... fala sobre o teatro também. Como é.... o Encontro de Teatro Científico na cidade de Caxias. Então ela está descrevendo esses encontros, que ela tá coordenando em Caxias, aí eu sou a orientadora dela.

Então esses encontros eles... Eu lembro que o pessoal contou para a gente lá no Ciência em Cena, que todo ano eles acontecem, todos vocês se movimenta para ... estar junto né? são um trabalho que é desenvolvido na região, para todo mundo.

Exatamente.

Quem... São vocês que são organizadores...?

É, a ideia foi minha. Aí eu chamei a Olivia, que a Olivia foi minha aluna na graduação, para ser orientadora dela no Mestrado. Aí eu peguei, e falei para ela "Olha Olivia, um tema bom, que é novo, que a gente vê que, é próspero e que pode seguir... servir, para você continuar sua vida de professora é o teatro científico." Aí eu convidei ela para participar lá das atividades do Ciência em Cena, que aconteceu em Caxias. Ela gostou, aí a gente fez um projeto para FAPEMA conseguimos um financiamento e foi uma atividade da Semana Nacional em 2013, foi a Pré-Semana Nacional aconteceu na semana anterior... Esse primeiro aconteceu na Semana Nacional. Como é um evento muito grande, e demanda muito tempo e atenção da gente, a gente achou que era melhor ele anteceder a Semana, Pré-Semana então, de 2014 em diante ele sempre foi, antecedente a semana.

Sim... então e o público ao público-alvo do evento qual que é?

Estudantes da Educação Básica.

É tudo Educação Básica?

Tudo Educação Básica, Aí como é que a gente consegue as peças? A gente vai na escola e pergunta se tem alguém que gosta de trabalhar com teatro... Aí sempre tem. Aí a gente faz o convite direto pra professora, e aí a professora se interessa em formar uma peça e fazer apresentação. Aí a gente pede para pessoa tanto apresentar, como assistir apresentação das outras peças. Então tem gente... tem gente que não consegue ir em todas, tem gente que não dá valor assistir à peça do outro, quer mostrar sua peça. Aí a gente também vai convidando outras escolas.

"Olha, hoje tem tal apresentação vai com seu pai sua mãe" ... e vai conseguindo a plateia. Aí assim.... um maior problema, que a gente tem em teatro científico é a plateia. Apesar, assim de ter trabalhos muito bons, muito elogiados, a plateia é difícil. A gente tem que conversar com os professores, com diretor de escola, com coordenador. Por exemplo, a UEMA tem um auditório 300 de (trezentas) pessoas, e próximo ao UEMA, tinha duas escolas que os alunos podiam ir a pé, então a gente combinava com a coordenação da escola... "Você pode mandar? quantos alunos você pode mandar em tal horário?" Aí ela mandava, aí a outra escola se fosse uma escola mais distante... Aí, às vezes, a coordenadora falava assim: "Olha, Fátima eu posso mandar, mas você tem que arranjar um ônibus para vir pegar os alunos, assistir à peça e você devolver para a escola, que eles só podem ir embora da escola." Então eu não posso levar os alunos para o UEMA e soltar eles de lá. A gente... Às vezes, a gente pagava ônibus com dinheiro da gente para ir buscar sabe? Aí era garantia da plateia... Então a gente vai conhecendo a... realidade local e vai trabalhando de acordo com o que a realidade oferece.

E tem professor que às vezes, ele não quer estar lá no teatro sabe? Ele quer que os alunos vão e não fica lá. Aí às vezes, os alunos acham que se o professor foi embora, o que que vão fazer aqui? Agora, normalmente, quando o professor vai junto, fala para o aluno que aquilo ali é importante, que quer um relatório depois, que quer conhecer a vida daquela pessoa, quer saber o que que foi de importante que apareceu, porque que tá sendo feita essa atividade. A clientela fica mais, fica mesmo... E também outra coisa, é importante cumprir o horário sabe. Às vezes dá um problema assim de som, dá um problema de qualquer coisa, e não cumpre o horário, o pessoal fica cansado de ficar lá esperando, então isso aí é outra coisa que a gente tentou ser bem pontual.

E vocês... começaram a ter esse contato com as escolas logo no começo da apresentações de vocês... no começo de...O grupo de vocês tem 10 anos né? que eu vi lá que a senhora tinha colocado que o grupo de vocês tem 10 anos.

Exatamente! Ele começou em 2009, a gente se submeteu a edital em novembro. Aí o resultado saiu em 2010. Mais ou menos, maio...em agosto nós já fomos, eu e dois bolsistas... Já fomos para Fortaleza, para o Ciência em Cena, que aconteceu lá... que foi o 4º (quarto). Aí... daí para cá todo ano, a gente vai, a gente nunca faltou. Então foi 2010 que começou, então 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, em 2019 ele fez 10 anos exatamente.

E já logo nesse começo vocês já iam para escola, apresentar ou as escolas iam até vocês... Como era esse movimento?

Pois é, era isso que eu *tava* comentando com você... a gente, a primeira peça que a gente fez, chama "A Dança do Universo", foi baseado no livro né? "A Dança do Universo" de Marcelo Gleizer, que aconteceu? A gente arranjou dois bolsistas e esses dois bolsistas, foram numa escola, fizeram a reunião e trouxeram e convidaram os alunos para participar. Aí vieram 20 alunos, de lá para cá, para as escolas a gente se reunia um dia de sábado e na verdade nem eu e nem o Eliseu tínhamos experiência em teatro, né? Porque eu fiz uma peça, e ele... faz assim, ele escreve uma peça, e apresentava duas pessoas três, sabe? Não era uma coisa grande. Aí todo sábado de manhã... a gente passava a manhã ensaiando, escrevendo a peça com os meninos. Aí a gente ia lendo o livro junto, fazendo oficina e dali iam surgindo as ideias. A gente ia escrevendo, usava... A peça ficou enorme... Acho que eram seis atos aí... a gente apanhou demais. A gente recebe crítica, porque, é só nós dois na universidade trabalhando no dia de sábado, sem ganhar nada...[...] bobo demais... Então assim, mas a gente sabia que *tava* fazendo, de tinha certeza que queria fazer aquilo né? Então a gente foi administrando os problemas.

Em agosto eu fui no Ceará... nós participamos do Ciência em Cena, aprendemos algumas coisas, fizemos algumas oficinas. Aí eu aprendi a oficina de boneco, fazer boneco. Aí então, quando eu cheguei em Caxias eu já fui fazer uma oficina no evento que teve, de boneco e fazer teatro de boneco. Então, tudo que a gente aprendia, a gente ia aplicando logo. Por exemplo, a Semana Nacional nessa época foi da água. Aí a gente já ganhou os kits, aí nós já falamos sobre a água e já arranjamos um carro e fomos como escola coleta água e fazer o teste da água. Então tudo que a gente tinha uma *oportunidadezinha*, a gente já ia aplicando na escolas logo.

Então vocês escolhiam uma escola para trabalhar junto, mas não trabalhava tipo apresentando na escola, a escola trabalhava junto com vocês?

Não, a gente a gente fazia um monte de coisa. A gente na hora que conseguia escrever uma cena, a gente fazia a apresentação no auditório da UEMA. Aí a gente ia, convidava as escolas. Então a gente observou que a gente fazia convite em rádio... por alto, não vinha clientela. Então a gente falou assim: "vamos começar a convidar escolas específicas? A gente fala com coordenador, fala com o professor e pergunta se ele vem e vamos ver quantos alunos. Eles

marcam presença, nós temos auditório para trezentas pessoas Então... vamos ver se vem trezentas? Ou vamos começar à apresentar no auditório menor”. Aí nós começamos a procurar, saber em que escola em Caxias tem auditório, que a gente pudesse apresentar lá. Normalmente é uma sala de aula maior, que cabe assim umas cem carteiras, e que é chamado de auditório, né?

Então a gente ia, se apresentava lá. Então, aí a gente tanto trouxe os estudantes das escolas para UEMA, como nós fomos apresentar nas escolas.

[...] lá na escola fazia pesquisa, questionário sobre... por exemplo, a gente vai escrever uma peça sobre... a água ou então... sustentabilidade... o planeta sustentável. O que quer dizer isso? ... Então procurava a professora de ciências, se ela tinha trabalhado, [...] aí mostrava para ela as questões. Aí ela falava assim: “Ah você pode vir tal dia em tal horário?” Aí a gente ia ficando conhecido... às vezes a gente *tava* numa apresentação que tinha uma pessoa que falava “Sou de tal escola. Eu gostei muito. Você vai lá?” Aí, outra pessoa falava: “Ah, minha escola da zona rural. Eu queria fazer um evento lá, eu queria que você desce uma palestra, apresentasse o teatro, você pode ir lá?” Aí os convites também ia crescendo... aí, a gente acaba ficando famoso conhecido na cidade.

Nossa muito legal! É bem parecido com a forma que a gente trabalha aqui. É.... tem algumas coisas que a gente não faz, mas nosso modelo especificadamente, a gente... sempre a gente... os alunos das escolas, eles não eram protagonistas, no sentido de estar nas peças. A gente é um grupo também, bem novo. A gente tem agora... que começou, a trabalhar com o teatro científico em 2015, vai fazer cinco anos de grupo agora e as nossas peças... a gente montava as peças e apresentava dentro do auditório lá da universidade e a gente andava em todas as cidades do litoral. [...] é mostrando. E o nosso meio de subsídio maior, era... a gente também tinha essa questão de bolsista, a gente tinha... dentro do... porque o LabMóvel, ele é um programa dentro da Universidade. Ele não é um Projeto de Extensão, ele é um programa que tem os Projetos de Extensão dentro, e o teatro científico era um Projeto de Extensão, daí tinha... tem Feira de Ciências, tem.... tem na área da pesquisa de qualidade do ar... então assim, são várias ações que o programa faz e dentro dela estava o teatro científico. Então quando o LabMóvel se inscrevia, lá para a Semana Nacional, eles se inscreviam para fazer... se inscreviam naquele valor maior, que 100.000 (cem mil reais) né?

Ultimamente, agora tá com esse de 100.000 (cem mil reais) né? Mas antes, não era não.

Não era bem pouquinho [...] quando o teatro começou... quando o teatro científico começou no LabMóvel. Foi com esse com esse edital de 100.000 (cem mil reais), porque daí eram várias atividades que a gente fazia. Então, a gente ia lá na escola apresentava o teatro, daí tinha um outro projeto do LabMóvel, que ia fazer outra coisa, que levava todo uma estrutura, montava cenário... era bem *itinerância* assim mesmo, assim.... a gente começava a fazer aí... no mês da Semana Nacional né? Então a gente ficava um mês geralmente... é, no mês de outubro ou novembro, andando pelas cidades do Litoral do Paraná, com o transporte da universidade, montava o cenário e a gente passava o dia, então fazia apresentação de manhã e uma apresentação à noite. Então eu vejo, quando eu escutei a história de vocês nos Ciência em Cena, eu falei assim: “Eu preciso falar com a professora.” Porque é muito parecido, essa forma sabe? De desenvolver e esse entendimento de... de ter, que a gente tá fazendo um benefício para aquela região, que a gente tá trabalhando né?

Vocês não tinham meio de transporte pró LabMóvel não, o LabMóvel eram só grupos dentro da Universidade, que assim é o grupo do teatro, grupo de experimento, de feira de ciências que trabalhava na extensão, cês não tinha assim um *caminhão* não?

Então hoje o LabMóvel... Hoje ele tem um ônibus que é do ônibus, que é do projeto, que o Professor Rodrigo Reis ganhou em edital, que ele está transformando esse ônibus.... ele adaptou esse ônibus para ser um... para fazer Exposições itinerantes. Ele tá montando [...] Então o LabMóvel, a ideia do LabMóvel, era para ser tipo... na ideia de museus móveis, de Museu Móvel, né? Só que, o que aconteceu? ... Ele não... A mobilidade dele era diferente, porque ele tinha um... ele não tinham um ônibus. Então a gente fazia essa *itinerância*... o LabMóvel só consegui um ônibus agora, recentemente, faz um ano e meio que tem um ônibus. Mas antes, é antes era com o transporte da Universidade. A gente, ia fazer ação era do Móvel, mas o transporte [...] Isso, não... não tinha um carro que [...] representava esse nome, hoje nós temos um carro que pode se apresentar, com esse nome mas, demorou assim....

Ah sim.... Entendi. Pois é, teve um outro edital que eu comprei, que chama assim “Caravana Fisiquês”, não é porque são muitos editais, muitos projetos, a gente vai conversando, ainda tem um Pibid, que eu não comentei nada com você dele. Então quando eu comecei, a gente *tava* fazendo essas coisas e que às vezes, a gente pediu o carro da UEMA, que tinha uma S10 lá, a fila era tão grande... que a gente não conseguia fazer apresentação, aí eu tenho uma Livina. Ela é bem espaçosa, eu carregava essas coisas tudo para Livina, e às vezes tinha época que eu tinha que alugar carro, pagar... eu sempre colocava nos projetos dinheiro para transporte. Aí eu peguei e falei assim: “Gente! mas tá muito difícil transportar esses experimentos!” Aí eu vi um triciclo em algum lugar, eu falei assim: “Gente... eu vou comprar!” Era R\$ 10.000,00 (dez mil reais). Aí eu tinha ganhado R\$ 70.000,00 (setenta mil reais) na Semana Nacional de 2012. Aí eu falei: “Eu comprei o triciclo.” Aí eu tinha o meu triciclo de “Caravana Fisiquês”. Aí eu mandei fazer uma caixa de som. Aí essa caixa de som colocava lá no triciclo. E aí eu peguei mala velha. De uma amiga, tinha uma mala... a pessoa fala assim: “Essa mala tá tão boa, mas, eu tô achando ela tão feia...” Daquela mala de 32kg. Então aí, eu fui pegando [...] a gente enfeitou a mala toda. Nós pegamos quatro malas, e cada mala tinha experimento, de uma área da Física: mecânica, termodinâmica, eletricidade e ótica. E aí, a gente arranjava umas mesinhas. Então a gente chegava na praça, na verdade a gente saía puxando essa mala, colocava as quatro malas na Caravana. Aí na hora que chegava perto da praça da bolsista, pegava uma mala se espalhava na praça assim, ia colocando os experimentos... e as pessoas vinham, curiosos, querendo saber o que que era. E aí a gente chamou esse de “Caravana Fisiques” [...] Então, a gente também fez projeto com a “Caravana Fisiques” e nós fomos para Cidade Codó é.. Aldeia Salto, São João do [...] e Caxias, e percorremos a cidade de Caxias *todo*inho, com esses experimentos. A partir de agosto, convidando para as atividades da Semana Nacional. Aí a gente divulgou a Semana Nacional, tanto na cidade de Caxias, quanto nas cidades vizinhas. E aí chamava “Caravana Fisiques”, ai... essa Caravana começou a fazer muito sucesso. Ai eu comecei a ter problema em quem dirigia, porque... tinham alguns bolsistas que não aguentavam nem olha para a Caravana, e tinha outros que gostavam de dirigir e tinha outros que queriam dirigir em benefício próprio, sabe? Aí eu consegui achar um motorista, que dirigia essa esse triciclo. Ele ia na cidade vizinha a 60 km (sessenta quilômetros). Aí o pessoal ia... Então teve dia, começou a ter dia que eu tinha que ir em duas cidades diferentes. Aí eu ia com a Livina numa cidade, e a caravana ia na outra. [...] Aí a gente tentou, marcar todos os eventos para ir no mesmo dia, então se tinha dia que eu não podia ir, eu tinha bolsista, ele dirigia a Livina. Então ia a Caravana e a Livina. A Caravana da Ciência... Então, a gente não conseguiu ter um carro assim, aí...mas a caravana fez sucesso. O pessoal ligava para gente, pedia para a gente fazer a apresentação. Às vezes, eles iam fazer um evento o pessoal falava: “Ah! Você pode vir apresentar aqui?” A gente ia, e demonstrar o experimentos, que física também tem bastante experimento, né? Aí demonstrava o experimento e fazia sucesso.

Esse é o reflexo de um trabalho de anos de vocês... é um trabalho de formiguinha, né?

É exatamente!

Igual a gente! A gente, no nosso segundo ano de projeto, dava tipo setembro, as escolas ligavam pra gente: “Gente! Vocês não vão vir essa ano, pra apresentar aqui não, pra gente?” Então é muito legal isso, então por que vocês conseguem ter esse entendimento de que vocês fazem um trabalho de desenvolvimento regional, desenvolvimento territorial da cidade de vocês... [...] conhece esse termo desenvolvimento territorial sustentável ou já falaram alguma coisa sobre?

Eu acho que nessa escola da zona rural que eu fui eles falaram sobre isso, né? Eu não sei, se é a mesma coisa... Porque lá, eles plantam horta, né... as crianças em Codó... tinha Meu Deus, como é que é o nome mesmo? ... Fugiu da minha cabeça agora.... Grupos de... Vou lembrar daqui a pouco... Nós fomos fazer apresentação também mas, moram tudo assim em ocas, rodeando o espaço lá... que seria o espaço de apresentação. Aí uma pessoa que trabalha nessa escola, ele falou assim que: “Você não pode fazer uma apresentação? Ia ficar muito bom lá, é uma aula diferente.” *Chamado* essa aula diferente, ela fez muito sucesso e gente tinha dado ela para tudo quanto é [...]

E aí, se a pessoa queira que a gente falasse de Meio Ambiente, a gente pesquisava um pouquinho, adaptava ali. Fazia as mesmas brincadeiras, mais puxado para o meio ambiente?

Entendi. Mas, o termo de desenvolvimento territorial sustentável vocês nunca trabalhar e nem a senhora conhece

O termo não, não. Mas, como é que chama Meu Deus é.... quilombola, né? a gente foi nessa comunidade quilombola.

Entendi. Só para inteirar né? A gente tem dentro da nossa... dentro da minha pesquisa, eu tenho alguns autores/pesquisadores que discutem sobre isso, Sax, Saxe, que discutem sobre as ações da Divulgação Científica, dentro duma determinada região é.... que são, elas estão desenvolvendo aquela região de alguma maneira, é.... que é o que que é levando a ciência, que é discutindo ciência. Então isso é um meio também de você desenvolver aquela região, é por isso que eu que eu fiz essa pergunta, essa pergunta para a senhora.

O nosso foco mais era escola mesmo, e a gente fez muita apresentação em praça e mercado. Uma vez aconteceu assim, o grupo foi fazer uma apresentação numa cidade, Aldeias Altas e eu não sei o que que aconteceu lá, que quando eu cheguei era feriado. Eles não contrataram com escola, não combinaram com a Escola nada, aí na hora que eles descobriram que era feriado... Ou a diretora, ou a coordenadora convidou e não sabia que era feriado... alguma coisa assim aconteceu, aí o bolsista, que sempre teve muita iniciativa, ele virou e falou assim “Eu não vou perder minha viagem aqui não.” Era 30 km (trinta quilômetros) de distância – “eu vou para o mercado tá cheio de gente.” A gente chegou no mercado, começou a fazer os experimentos ficou lotado de gente, ao redor. Então nós... Aí a gente começou a entender que podia ir para as Praças. Aí a gente foi para bastante praça pública e mas, não que a gente foi para um lugar assim, que era um território brasileiro que a gente quisesse se desenvolver. [...]

Com essa fala de desenvolvimento do território brasileiro, teve esse projeto do Babaçu, que a gente foi na cidade no povoado do interior.

Eu ia perguntar sobre ele agora. Eu ia perguntar sobre esse projeto, que é essa peça lindíssima, muito bacana. Então vocês apresentaram esse projeto no Ciência em Cena. Então vocês pesquisaram tudo, como que foi esse processo, desse espetáculo em si?

Esse espetáculo foi o seguinte. Eu vim para Malásia, fazer um pós-doc. Aqui na Malásia tem uma plantação e o Instituto de Pesquisa, de um negócio que chama PalmOil, que é o azeite

de Dendê, que é o Dendê. Então... o Dendê, que aí no Brasil é nativo, aqui na Malásia é plantação. Existem empresas fazendo a quilômetros e quilômetros, vendo só o pé de coco, que é o Dendê. E o coco de Dendê ele tem uma certa semelhança com Babaçu, né? Tem a casca do... Tem a amêndoa que tira o óleo... Então, eu fiz esse Pós-Doc. e aí eu falei: “Lá no Brasil tem Babaçu, o Maranhão é o maior produtor de Babaçu do Brasil. Então, aqui *céis faz* carvão ativado, aqui com a casca do coco de dendê, então eu vou aprender fazer carvão ativado com a casca do coco babaçu no microondas”. Então, eu peguei e estudei vastamente o Babaçu, né? Li muito sobre as quebradeiras de coco. Aí quando eu retornei para Caxias eu... *tava* conversando com uma professora um dia e ela pegou e me contou que a família dela, era do interior, e que ela foi quebradeira de coco, hoje ela é professora tá fazendo doutorado, deve estar perto de terminar. E que ela foi quebradeira de coco, e que ela... Ai ela começou me contar que ela sempre foi uma menina muito animada [...], e que o avô dela e que juntava quebradeiras de coco tudinho, para dar um dia de serviço que era o trocar dia, e aí ela falou assim: “Mas esse costume já tá em extinção, porque muita gente já não quebra mais coco... e já acha outra forma de viver, e tal.” Eu falei assim.... ai, a.... próximo, a essa conversa com ela, apareceu o edital COMUNI, Comunidades, né? Desenvolvimento Científico nas Comunidades, edital da FAPEMA. Aí eu peguei... e falei para ela assim: “Ô Fátima, vamos fazer uma peça teatral mostrando o trocar dia? Fazer um projeto...?” Aí ela falou assim: “E você acha que dá certo?” Aí ela [...] queria conversar comigo, porque ela tinha mestrado e já tinha feito vários projetos para fazer doutorado e nunca tinha conseguido passar e teve um último que ela se submeteu, ela foi até bem avaliada. Mas, a professora falou que não tinha, ela não ficou bem classificada, para ser aproveitada, que o projeto dela era interessante. Aí eu peguei e falei para ela: “Então vamos fazer um projeto de coco de babaçu e da outra vez que aparece um edital de doutorado você faz e coloca esse projeto dentro, coloca o Babaçu. Você tem que colocar o Babaçu, o Babaçu é forte! Então você faz alguma coisa com Babaçu.” Ao ela falou: “Você sabe como que eu vou, eu vou alfabetiza com as quebradeiras de coco.” Aí então ela pegou e me conto essa história, aí quando saiu o edital eu chamei ela, falei assim: “Vem cá Fátima, vamos colocar seu nome. Vamos fazer esse edital, assim, assim, assim, assim....” aí ela pegou e concordou. Então eu submeti o projeto no COMUNE e ganhei. Aí ela participava da peça...

Então ela, a ideia dela, do projeto dela, era alfabetizar as quebradeiras?

Aí sabe o que que aconteceu? Ela começou a fazer a peça com a gente... aí ela teve uma seleção acho que na UNESP, e ela foi apresentou... as quebradeiras de coco, apresentou a história, apresentou o projeto que tinha no currículo Lattes dela, né? E o projeto estava em execução, aí ela foi aprovada. Eu acho que ela já deve ter terminado doutorado dela, e.... o professor dela falou que pegou o projeto dela e orientou ela, só por causa do Babaçu. E o projeto que ela submeteu anterior, era o mesmo. Aí ela telefonou agradecendo, a minha ajuda, minha ideia, e que ela conseguiu entrar no doutorado, porque ela colocou o Babaçu no projeto dela.

E aí no final das contas ela não participou da peça, ela ia pro Ciência e Cena. Ela não participou da peça, porque... ela teve que se afastar pra ir pro doutorado. Então é essa ideia... e eu *tava* em Caxias quando a FAPEMA foi monta o edital. A FAPEMA tem o costume de viaja pros interiores, e monta os editais nos interiores. Então eles, montaram o edital em Caxias. Eu participei da montagem do edital... todos os pesquisadores, foram convidados, alguns foram, outros não, eu fui. Aí eu fiquei tão encantada com o edital, aí eu falei para ela: “Nossa esse edital é perfeito.” Aí que eu coloquei é.... Fazendo Teatro, “Fazendo Carvão Ativado e Teatro com Coco de Babaçu”. Aí a gente propôs, se fazer carvão ativado nas comunidades rurais, para eles filtrar a água, e fazer a peça de teatro mostrando a cultura do trocar dia. Aí foi desse jeito, aí a gente tem quatro bolsistas, dois do bolsa cultura da UEMA, dois do COMUNE e os outros bolsistas lá, que a gente teve do PIBID e foram 4 anos, eu tinha 10 bolsistas a gente fez teatro demais. Fez lançamento de foguete, um monte de atividade. E aí a gente fez peça de teatro, com estudante da Educação Básica, cada bolsista lá, cada dupla de bolsista montava uma peça com a Educação Básica... a gente fez Festival de Teatro e....

a gente até escreveu numa matéria num livro, ela vai sair agora em maio se não me engano ou abril. Tem um capítulo lá que a gente conta essa história, sobre... como é que é....? Festival Científico... Festival de Talentos! Era apresentação de peças teatrais de estudante da Educação Básica.

É isso é história pra muito livro né professora? [risos]

É.... a gente escreveu livro... “Trazendo a Física pra boca de cena”, tem um monte de peça lá também. Se quiser eu posso até mandar ele por e-mail pra você. Eu não sei se eu te enviei, se ele te servir.

É, não... eu ia até comentar com a senhora sobre isso agora, sobre o que que tem de material, se quiser me mandar para eu dar uma olhada... Assim como eu tô fazendo esse mapeamento dos grupos, entendendo os grupos, é sempre legal, e até a gente ver isso, assim.... até formas diferentes de fazer teatro, que eu e mais os dois professores, do projeto, a gente tem um capítulo do livro dos Novos Talentos, que a gente contou um pouco sobre a história do nosso projeto também. a gente tá começando agora a escrever um pouco mais sobre isso, eu tô começando a apropriar, na minha qualificação do mestrado, na minha banca de qualificação as professoras falaram que se eu quiser eu tenho material para escrever muito, porque dentro do Paraná, aqui a gente... a gente é meio que inovadoras, nesse sentido... dessa forma... dessa maneira, dessa vivência com a [...] científica, assim a gente... então a gente tem que aproveitar essa oportunidade, que a gente tem para produzir mais material científico, nesse sentido.

Eu entendi, esse trabalho do Babaçu, nessa peça teatral, ela foi nessa vertente... aí de desenvolvimento de uma região, né? ... Quando a peça foi apresentada por ocasião da Semana Nacional lá em Codó. Eu não eu não fui, eu não pude ir, os bolsistas que foram me relataram, assim ficaram emocionado. Porque como a população lá, de Codó é uma população mais Rural e eles disseram assim, que na hora que terminou a peça o pessoal fez tanta pergunta... e lá tem Associação de Quebradeiras de Coco, sabe? Que tem umas cinco associações lá e essas quebradeira de coco foram, e foi assim, o pessoal ficou entusiasmadíssimo, então eles sentiram realmente desenvolvimento regional com essa peça nessa cidade.

é o papel importante do trabalho de vocês, né?

Eu queria comentar com você, é que lá em Caxias a gente não tem assim um mestrado né? Só tem a graduação e eu era a única professora do curso de física, aí tinha algumas pessoas, tive muito apoio, muito apoio, muito apoio mesmo da Universidade. A Universidade reconhecia o trabalho, elogiava, sempre comentava e, mas eu tive também a oposição... teve pessoas que achavam que eu... Essas políticas, pensa assim que a gente quer brilhar mais do que eles, a gente teve isso também, né? Mas... não atrapalhou o nosso serviço. Cada vez que eles que vinha uma situação dessa... parece que o serviço era mais agraciado por Deus. Então que eu cheguei é que o grupo de teatro ele tem coordenador, ele não tem uma equipe o permanente. Porque a gente tem os graduandos... quando, termina a graduação, eles vão trabalhar, eles vão fazer teatro lá onde eles estão. Mas, eles saem da Universidade. Aí, então.... Com essa quantidade de bolsistas, chega uma hora que você tinha 20 bolsistas, nessa época do... Babaçu Então quando você tá trabalhando com essa quantidade de bolsistas, você tem bolsista do segundo período e do último período também. Então os mais novos, vão ensinando os mais velho, né? Então você sempre tem um número variável de... membros do grupo teatral.

É... a gente teve a sorte de ser um pouco diferente. Eu comecei na graduação... tô na minha... no meu mestrado, né? Na minha pós-graduação.... E assim, eu me formei em 2017, né? Em 2018, que eu ingressei no mestrado, eu fiquei aí uns... 6/8 meses, é digamos... que desvincula da Universidade. Mas, eu não fiquei, porque o laboratório móvel, o LabMóvel me contratou. Eles me contrataram como bolsista... e, enfim eles conseguiram algumas maneiras de manter. Isso! De me pagar desvinculada, no tanto que eu fiquei no projeto...no programa LabMóvel de 2014 a 2019, eu decidi em 2019 sair, enquanto colaboradora, enquanto bolsista/estagiária. Eu ainda continuo vinculada com o LabMóvel, porque eu tenho a minha pesquisa de teatro científico.... Me mudei para Curitiba, vou continuar... a ideia, assim, com os professores do LabMóvel, a ideia é de a gente de continuar.... Com esse projeto, mas o vínculo... vou usar esse nome, mas é bem esse, o “vínculo empregatício” que eu tinha com projeto. Eu encerrei em dezembro de 2009, entendeu? Mas, o Projeto de Teatro Científico ainda ele é nosso, do projeto do LabMóvel. Eu só... deixei de ser.... ser bolsista. Eu *tava* numa bolsa lá, uma bolsa de... recém-formada. Que inclusive era uma bolsa para gente... Porque assim, eu não só dentro do LabMóvel, eu não só trabalhava com o teatro científico, entendeu? Eu *fazia de um tudo lá*, organizava a Feira de Ciências, trabalhava no setor de administração. Enfim, a gente *fazia de um tudo*. É que o coordenador do projeto e quem assinava [...] Quem toca...quem faz, quem... Sou eu, entendeu? Então, eu sou uma das coordenadoras do teatro científico. Mas, dentro da Universidade a gente precisava de uma assinatura, né? Que, que é assim que funciona, né? Dentro da Universidade, a gente precisava de uma assinatura... Então, era os professores que assinavam, é.... E a ideia deles, a nossa ideia, há um tempo, era que tipo, eu até... pensei, na possibilidade de entrar no quadro de docentes.... Abriu uns concursos e tal... Mas aí eu, resolvi esperar um pouco mais e tentar outras coisas... Eu tenho, tenho, sim vontade de fazer um doutorado, não sei não sei se eu vou fazer com.... aqui na UFPR... não sei assim mas eu... eu tenho vontade de fazer um doutorado. Minha vontade mesmo era de fazer um doutorado na Fiocruz, né? Mas, é só um sonho.

Lá tem uma especialização em Divulgação Científica, né?

Exatamente, esse daí é o sonho de qualquer pessoa que trabalha com divulgação Científica, né? Mas eu tenho, eu tenho vontade assim de desbravar, outros lugares do teatro científico sabe professora... não ir para outros lugares [...] eu me mudaria para o Nordeste, tranquilamente... para, porque... aí é muito, é muito produtivo o teatro científico aí, entendeu? Aí a maioria das Universidades, aí fazem... trabalham com teatro científico, né? A gente vê que aqui para aqui para baixo, aqui no aqui no sul, no sudoeste tem que a gente, tem que? tem a Carina, tem o.... lá em Macaé, o Leonardo e daí tem a gente aqui no Paraná... agora aí tinha bastante gente, ali dá... ali com a.... Como que é o nome dela? Ali em São Paulo São Paulo... Maria Cristina não... [...] é que ela teve uma época que ela *tava* bem forte.... é Cristina! Ela é da Unicamp... isso, pessoal da Unicamp também, eles estiveram.... Eles foram.... Eles tinham bastante tempo, né? Também, agora que nos últimos (Festival Ciência e Cena) que eles não vieram, né?

Exatamente, e inclusive a Cristina trabalha como funcionária da Unicamp em Projeto de Extensão, ela é contratada pra isso. Ela é uma funcionária da Unicamp, que trabalha com projetos.

É, ela é uma pessoa bem bacana assim, eu conversei bastante com ela na época do Ciência em Cena, assim.... ela falou várias coisas para mim.... Eu até pensei na possibilidade, sei lá, mais para frente, não sei... tentar na Unicamp... sabe? essas coisas assim....

Ela é.... sabe ela é Divulgação Científica como é, que é.... a.... Ciência da Informação lá... É muito interessante.

É eu trabalhei muitos anos com extensão e pesquisa no LabMóvel, né? Foram 5 anos e.... eu aprendi de tudo lá, né? Eu aprendi desde de administrar, até desenvolver projetos dentro e fora da Universidade. Então, é um grande aprendizado que fica, né?

É.... eu acho muito interessante você entrar em contato com ela, e ir lá e fazer uma visita e ver o que eles têm pra oferecer. Por que você está terminando seu mestrado, você pode encaminhar seu doutorado, que tem uma área que é Ciência da Informação, que acho que ela é bem interessante. É ela trabalha bem com divulgação científica, inclusive tainara, tem um encontro que acontece de dois em dois anos, é.... em cada parte do... do mundo, eu fui em Salvador uma vez.... Apresentei um trabalho lá, foi muito bom. Aí... depois, eu não consegui ir mais, mas é... Teve um na Nova Zelândia, que eu queria ir, mas eu me desorganizei, a Karina foi...

eu lembro, eu lembro disso... eu lembro que a Karina foi.

Exatamente... Então, eu acho que tem esse curso de doutorado lá na Unicamp e eu... talvez a Cristina tenha contato com isso aí, é uma coisa interessante pra você.

Sim...consigo... Eu vou terminar... o meu mestrado, que eu acho que, vai dar... Era pra eu defender agora em abril/maio, só que... vai atrasar, né? Não vou conseguir, eu acho que até junho, começo de julho eu consigo, eu vou agora... Eu entrevistei, a senhora... Vou entrevistar a Karina e vou entrevistar a... a Gabi e talvez, se eu consegui [...] então, também, talvez se eu conseguir, vou ver a agenda com ele, se eu conseguir é... entrevistar o Marcos Valle também... E, são essas quatro pessoas, que eu pensei entrevistar, sabe? Porque também, se não vai dar muita coisa, daí... eu posso me *embananar*, eu pensei...

É.... o Marcos Vale, ele é nosso padrinho mesmo. Assim, ele deu apoio demais para gente, ele ajudou demais, assim.... Para o sucesso do “Letra Físique”, tem um nome Marcos Valle.

Sim...ele... não, ele quando eu comecei lá, em 2015. Que eu digitei no Google: teatro... que assim, primeiro a gente não conhece, né? Digitei no Google: teatro científico... foi o que eu fiz assim, quando o professor Rodrigo Reis... Na verdade, o teatro científico no LabMóvel começou, com o professor trazendo uma peça da Fiocruz “Sangue Ruim” ... É.. o professor Reis tinha uma verba, aí... acho que foi em 2013 isso. e aí Ele trouxe uma peça lá da Fiocruz, para apresentar lá, em Matinhos. E aí ele viu... aí ele viu as pessoas indo, o conteúdo... E aí ele, deu uns estalo nele assim: “Nossa! tem uma coisa que a gente não trabalhou ainda... teatro científico” o professor Rodrigo Reis, pensou com ele. Daí passou um ano e meio, eu... não, passou um ano, em 2014 eu entrei no LabMóvel, para trabalhar na área de eventos, para ajudar a organizar eventos, porque o LabMóvel faz feira de ciências, faz formação pra professor... Eu entrei no LabMóvel p para trabalhar com evento, para ajudar a organizar evento... Evento para mais de 200, 300, 400 pessoas ele aí.... o professor ficou sabendo que eu era atriz, que eu trabalhava com teatro também, e ele falou para mim assim: “Ah se um dia você quiser começar a estudar sobre teatro científico, fazer teatro científico...” E isso, sabe assim, conversa de... descontraída. Daí, um dia eu digitei lá no Google “teatro científico” ... e aí eu comecei pesquisar, começou a olhar, e falei “Nossa a gente, tem até um Festival de teatro científico!” aí eu comecei a me interessar, assim.... me interessar aí eu fui... eu... um grupo de amigos e eu a gente, passou num edital do Ministério da cultura, para a gente fazer um intercâmbio de... porque, eu fazer minha graduação, mas eu tinha paralelamente a minha vida com a arte, né? [...] Aí eu tinha... a

gente passou no edital para ir estudar... para fazer um intercâmbio de Teatro Musical em Buenos Aires. A gente ficou morando em Buenos Aires, cinco meses, estudando numa escola de teatro musical. A gente precisou canta, dançar, enfim... Aí eu voltei... eu voltei no segundo semestre de 2015 assim: eu não tava perto de teatro científico, que eu tava, né? Vou montar uma peça de teatro científico, não sei muito como vai ser, o que que vai acontecer... mas cheguei, já falei para o professor vamos montar uma peça, esse ano é o ano da, da semana nacional era... o tema era a luz, em 2015. E daí o professor falou assim: “Ah! Então porque a gente não monta um espetáculo sobre luz?” Aí a gente encheu o Professor Emerson, porque ele era físico, porque ele podia ajudar a gente o conteúdo... Aí o professor Reis falou assim “Olha... a gente escreveu o edital da Semana Nacional, é bem provável que a gente passe.” Ele falou, porque todos eles conseguiam, aquele tanto de verba, pela Semana Nacional, né? – “Você tem tanto de dinheiro aí para, você conseguir montar o espetáculo.” E era o primeiro espetáculo ia montar, eu sozinha, assim, né? Tipo, sozinha claro, com a ajuda de outras pessoas, mas assim eu tinha uma pequena experiência, mas nada muito grande. Aí eu falei “vamos embora”. Chamei um amigo meu para ajudar a escrever o texto, aí o professor Emerson vinha com os conteúdos. Ele vinha revisando, vendo se a gente não tava falando nenhuma bobagem... e saiu, e daí foi aí onde tudo começou. E a gente só foi melhorando, só foi melhorando... hoje a gente tem, a gente tem três espetáculos montados, é.... Que a gente apresentou em vários lugares, a gente já foi para o norte do estado, já apresentamos em Curitiba, já participamos de festival... então assim, a gente tem um trabalho bem bacana, também. E aí, a ideia é continuar com ele, agora eu morando aqui em Curitiba o professor Rodrigo Reis, quer fazer não sei se você conhece ela, a Camila. Ela já foi para o Ciência em cena, ela é daqui da UFPR... deixa eu ver, Camila...

Ah ela foi antes de mim! eu até convidei ela para ir para Caxias, no final das contas ela não pode... ir na última hora, então ela foi, deve ter ido no terceiro ou quarto...

Camila Silveira. Então aí a ideia agora, que eu... dei eu... Matinhos não tava, mais dando para mim assim....eu falei: “não preciso de cidade grande, eu preciso crescer...” aí agora...

Qual que é a população de Matinhos?

Matinhos deve ter.... 40 mil habitantes. é uma cidade pequena, é litoral... entendeu? É um outro ritmo, lá os campus de lá é muito assim: os estudantes vão estudam, passam 4/5 anos lá e voltam para suas... voltam para suas casas, né? Voltam para suas cidades ou vão fazer outras coisas, é pouca gente que permanece em Matinhos. Daí a gente... eu vim para Curitiba. Estou agora na fase final, então não tinha mais... não tenho mais... e Curitiba-Matinhos, dá uma hora e meia de carro. É bem pertinho, é bem tranquilo, assim.... então, eu não cortei meu vínculo total, eu só quero fazer algo novo.

Da pra ir de manhã e voltar de tarde né?

Dá! Dá tranquilamente.

E... eu quase não te falei do Pibid, mas no Pibid nós temos muitas peças também. E o Pibid é bom, porque é com o curso de licenciatura, né? Aí, o estudante já está treinando dar aula. Então eles foram treinando fazer peça com os estudantes, e eles tinham um trabalho dentro da escola de Educação Básica. Então, a gente tinha várias peças escritas com estudantes, escritas, ensaiadas e apresentadas com estudantes da Educação Básica.

Sim... nossa, Pibid é muito legal, né? Pena que o governo cortou.

Não cortou não... Ele até estendeu pra residência pedagógica também. Tinha até um edital aberto esse ano.

Por um tempo... É, acho que só diminuiu, né? na verdade...

Eu acho que ele diminuiu o número de bolsas.

Que tinha uma época que tinha eu lembro que tinha muito, assim. cada curso tinha tipo, umas 20 bolsas, né?

Era o máximo de 20 bolsas.

Eu lembro dessa época do pibid. Mas é isso professora, eu agora eu vou... Estou vendo de falar com essas outras... A senhora foi a primeira que eu entrevistei, foi a pioneira aí, a piloto, a projeto-piloto. Mas, eu gostei bastante achei... eu fiquei só com um pouco de medo da internet, né? Mas deu tudo certo.

deu uma chuva tão forte de 6 até 7 horas, que eu até pensei assim: "Nossa! Se 8:00 tiver chovendo desse jeito, pode até interferir na internet." Mas graças a Deus, deu tudo certinho... **Aí depois professora eu só vou te mandar um termo de consentimento, [...] para daí eu poder usar tudo que a gente conversou aqui no meu no meu projeto de... na minha dissertação e a gente vai se falando...**

Tá lá nós estamos por aí, no pedaço...

A gente aí dessa semana a gente tem reunião do Ciência em Cena, né? Aí temos que ver um horário que fica bom até para você, era para a senhora participar também né?

Vai ser essa semana?

Eu acho não tenho certeza

É a outra reunião eu perdi o horário... Pensei que eu ia conseguir acordar assim 6 horas, na hora que eu liguei já tinha acabado. Achei que foi bem rapidinho né?

Foi, foi bem rápido, não, mas... assim, a gente a gente combinou... foi marcada para as cinco da tarde. Cinco da tarde seria quatro da manhã né? É muito cedo...

É.. Exatamente.

Tem que ser num horário mais, ou... deixa eu ver pra que dia que ficou marcada a próxima reunião, aqui deixa... o que eles falaram no grupo... Aqui a ata da reunião, vamos ver quando ficou a próxima reunião... 29 de abril

29 de abril? Então tá chegando.

É amanhã! [risos]

É... Qual que é horário?

Aqui está marcado para as cinco da tarde. Eu vou postar lá no grupo, falar depois pra gente lembrar essa questão da senhora, que ver.... a Gabi tinha falado em ver um horário pra mudar né?

É... exatamente. Porque ai são nove, aqui é 20h30 né? Então as cinco era quatro horas aqui, por isso que eu errei, eu olhei as seis horas... eu confundi... exatamente. Aí eu olhei seis horas, já tinha acabado.

APRÊNDICE VI – ENTREVISTA COORDENADORA II

Pronto! começou a gravar já...

Tá bom. Gabi desde já, obrigada pela paciência aí, com as nossas *internets* e a colaboração, vocês, enfim... a participação de vocês, na minha pesquisa é muito importante para mim e para o meu trabalho, né? Eu não sei se aquele dia a gente conseguiu conversar um pouco sobre o meu trabalho, que que eu tô fazendo...

Eu acho que sim. Você chegou a explicar.... Explicou, a sua pós-graduação e explicou a questão da territorialidade... Chegou a explicar isso...

Sim... E eu tô, eu tô fazendo essa entrevista porque, o objetivo é mapear, né? os grupos que trabalham com teatro científico no Brasil. como eles trabalham, qual o modelo, como eles trabalham, como que funciona essa gestão, né? Essa metodologia, e como esses feito... esse trabalho tem dentro da discussão territorial se, se os grupos, eles têm... se eles têm esse entendimento de desenvolvimento né dentro da sua região...

Tá, então você quer começar com uma pergunta específica, ou quer eu respondesse, tipo uma questão geral?

Eu tenho aqui umas, eu tenho aqui um, [...] sim, eu queria saber um pouquinho antes, assim um pouquinho, sobre... sobre você assim, porque é bem importante, quando a gente, quando a gente começa a trabalhar com divulgação científica né? Chega uma hora... não sei muito da sua trajetória, né? por isso que eu tô perguntando... Mas chega uma hora que você se entende enquanto divulgador científico, né? e quando foi que você se entendeu como divulgadora científica dentro da... do que você faz?

Bem, logo no início quando eu comecei, eu comecei a trabalhar com os... Fanáticos da Química, assim que eu ingressei, na universidade como professora. Então na época o Luiz de Souza e o professor Gaultier, eles estavam à frente do grupo e eu entrei mais na perspectiva de dar... essa visão mas teórica da coisa. porque eles trabalhavam. Luiz ele tinha uma formação em teatro e trabalhando bastante com teatro, e ele era do que a gente chama da ciência dura, né? eles não tinham muito as leituras teóricas, para uma pesquisa nessa linha... uma coisa mais aprofundada... então eu entrei mais nesse viés... nesse dia e assim que eu entrei, eu já... entrei com essa visão de que aquele grupo, ele tinha essa função de popularizar a informação e fazer a divulgação Científica, de contribuir com alfabetização científica. Porque é um grupo que iria levar isso aí, dos muros da universidade, para a população, né? não somente as escolas, mas os diversos públicos. Então desde esse momento, desde quando eu estava na graduação. Eu já me via, né? com essa obrigação de divulgar a ciência, que eu estava fazendo ali. É evidente que a gente começa pelos meios mais formais, é mais pelos artigos científicos, por livros e.... eu estava percebendo... que aquela forma de divulgar não, não era de acesso de todos e todas, né? então é.... um grupo, que tem esse enfoque de popularizar a ciência e de trabalhar com alfabetização científica. Ele torna esse acesso a ciência mais acessível. Então desde quando eu ingressei na universidade como uma aluna, eu já tinha essa preocupação, de que as coisas não podem ficar só no muro da Universidade. Então eu sempre me preocupei em publicar as coisas que eu estou fazendo... é publicar pelos meios oficiais, científicos. Porque eu acho que você faz nem, só ficando, só dentro do seu laboratório, não tem nenhuma validade. E, também, tem essa preocupação de que isso não ficasse só no meio científico. E aí essa forma... Eu me encontrei, encontrei os Fanáticos, né? como um meio de fazer essa popularização. Então é, algo que sempre foi... eu sempre me preocupei.

Faz quanto tempo que você tá no Fanáticos?

Agora em agosto vão fazer 10 anos que eu ingressei como professora da UERN, entrei muito nova lá. Então fazem... vai fazer, 10 anos que eu estou nos Fanáticos.

Então... então os Fanáticos tem tipo, mais de 10 anos os Fanáticos?

Os Fanáticos tem 19 anos.

Misericórdia

Só que ele começou, com outros objetivos. Eu costumo dizer, que os Fanáticos ele foi crescendo e evoluindo com a divulgação Científica no Brasil, a gente foi crescendo junto. Porque quando ele começou, o objetivo...ele era mais de divulgar o curso de química. Então ele era mais... Algo do tipo experimental, era um show. Era só para fazer experimentos, não tinha muito contexto, não tinha muito... então tinha eles vestidos de alguma coisa, fazendo experimentos, um ano depois disso Luiz chegou. o Luiz tinha é... a formação teatral, que ele sempre trabalhou na sua adolescência, sua juventude então ele foi inserido. Não era mais só show, ele foi inserido o teatro... está aí, com o tempo, aí ficou... um tempo assim. então depois, que foi que eu começando o Ciência em Cena, os grupos, quando... a gente participa desde do primeiro Ciência em Cena. Então a gente foi crescendo, né? foi crescendo até entender que esse grupo, ele não é só para divulgar o curso de química, ele tem uma responsabilidade muito maior. Tem responsabilidade na alfabetização científica, tem responsabilidade na popularização da ciência, na divulgação científica, na... tem responsabilidade em despertar o interesse pela ciência de outras pessoas. Então assim, tem responsabilidade na formação Inicial, daqueles alunos que participam do curso, são todos os alunos de graduação. Então as responsabilidades são muito maiores, do que o objetivo inicial da criação do grupo. Mas, isso foi crescendo com o decorrer dos anos.

Que bonito! dá para ver o brilho do seu olho falando sobre, assim, o começo...

É.... eu não participei do grupo como aluna. Porque o grupo teve um tempo que ficou desativado... Uns dois anos, eu acho. Justamente foi antes de Luiz chegar, porque não... os professores que tinha fundado, saíram da instituição. Aí foi justamente, pegou esse tempo que eu *tava* na graduação. Então o grupo ele foi reativado, quando eu *tava* já perto de sair. Então eu não participei como aluna, eu já vim participar dele como professora.

Ah então... que você fez a graduação, aí... e entrou como professora. que legal!

Foi... eu fiz minha graduação aqui. Aí quando eu fiz sair para fazer o mestrado, quando sai para fazer o mestrado, eles abriram concursos para mestre, que é difícil abrir concurso para mestre. Mas, ele já tinha aberto duas vezes para Doutor, e não tinha passado ninguém. Aí eles baixaram para mestre, eu vim... vim fazer o concurso e passei. Então eu voltei para Universidade dois anos depois que eu sai. Mas, aí voltei como professora.

é esse era o meu objetivo também, mas aí eu entendi... Já entendi que são tempos difíceis para ter novos professores dentro de uma universidade

É.... eu peguei exatamente, o início do “bum” dos concursos. Né? porque teve isso. Teve, a gente passou uns quatro anos que tinha muito concurso.

Tinha foi... foi a época quando eu entrei na graduação em 2011... eu sei que de 2011 até 2015, assim.... em 2014, tinha muito concurso. Eu lembro das amigas, que eu fazia na... minha... aqui na UFPR. Até Professor Substituto conseguia, só com a graduação entrar, entendeu? Tipo substituto, 2 anos. Mas, entrava.

Justamente... eu fui no início. Porque eu passei no concurso em 2010 e 2011 começou a chover concurso, e passou uns três anos assim.

Saudades...

Ah é.... A gente tá passando por tempos difíceis, mas a gente há de retornar... a outros tempos, não tem cabimento de passar muito tempo, nessa treva viu?

Então você entrou em 2010... em 2010. E logo você já, já começou a pesquisar sobre teatro científico? ou ainda vocês não tinham esse entendimento?

Luiz ele já tinha um interesse, mas ele não tinha os fundamentos teóricos necessários para isso. Então é quando eu comecei... entre, a gente começou a pesquisar e foi na mesma época em que Solto, era aluno de doutorado e era co-orientando de Luiz. Então, como Luiz também já tinha esse interesse, o incentivou a pesquisar nessa área. Então foi em conjunto isso, né? já veio essa parte do Solto na tese dele, nós já começamos a fazer, isso a gente escreveu um livro comemorativo dos 10 anos dos Fanáticos. Pra mostrar um pouquinho o trabalho dele, e depois começamos com trabalhos de orientação de monografia. O que a gente queria saber inicialmente... Era se a participação naquele grupo, tinha alguma influência na formação Inicial daqueles alunos. Porque nós somos um curso de licenciatura. Então por mais que a gente vá formar, é.... são químicos, mas nós estamos formando professores de química. Então a gente se preocupa muito, com a formação pedagógica de professores. Para a gente tirar aquela dicotomia de que... a química é algo difícil, é algo que ninguém gosta. Então a gente trabalha muito, com isso. Então a gente tinha o primeiro objetivo, era tá? A participação desses alunos no grupo “Fanáticos da Química” [...] A participação dos alunos no grupo “Fanáticos da Química”, tem alguma influência na formação inicial deles? então nosso primeiro questionamento foi esse. O nosso primeiro foco de estudo e de pesquisa foi esse. Depois, nós enveredamos para as outras linhas, né? Nós, tínhamos alunos que faziam parte dos Fanáticos, que começaram a montar grupos em escolas de ensino médio. Então a gente já ia analisar essa outra vertente. Então foi desde 2010 que nós já começamos a trabalhar com pesquisa mesmo.

E vocês tem um público-alvo... como que é assim, vocês... ou no começo vocês tiveram... Ou, tipo esse público alvo mudou...?

Esse público alvo no início, era majoritariamente alunos secundaristas, alunos de Ensino Fundamental e Médio, mais especificamente médio. Só que isso mudou também. A gente teve já faz dois anos, que a gente vem trabalhando com o público infantil. Através de um projeto que tem na UERN, que chama “Meu Melhor Natal”. Que é um projeto que distribui presentes no Natal para creches. E aí já fazem dois anos, que nós vamos nessa entrega e a gente apresenta um espetáculo. Então o primeiro ano foi um espetáculo adaptado, mas o ano passado a gente escreveu um espetáculo específico para criança. Então foi bem legal e também a gente tem atingido bem mais o público de uma forma geral, né? a gente tem feito algumas coisas de teatro... em companhias de teatro, daqui para atingir também o público de uma forma geral.

Eles vão para outras cidades também?

Vamos. Para várias cidades... a gente principalmente, em cidades circunvizinhas aqui, né? a gente apresenta em escolas, apresenta em praças. Então tem muito, por meio de convites, né? como o grupo ele já tá tendo uma maior visibilidade. Então, manda-se um ofício para o departamento, a gente se organiza e vai. Mas, a gente faz essa territorialidade, sim. Várias cidades adjacentes de Mossoró, nós já fomos.

E aí... É a universidade que custeia essas idas Gabi, ou vocês, ou é as pessoas que convidam? porque o maior problema dentro da dessas saídas é grana, né?

É. quando é um... não é a escola, a gente pede que mande um transporte e que tenha a comida. É só isso. Não tem cache, não tem nada disso. Mas, quando é uma escola, que a gente sabe que não vai ter como mandar o transporte. Aí a gente tenta pela Universidade, né? A gente solicita o transporte pela Universidade. Porque como nós somos um projeto de extensão, então a gente entende que a universidade também, tem que dar algum suporte né? Mas aí a gente sabe que não é possível para todos, quando é uma empresa, quando é uma Prefeitura ou algo do tipo, "tá. Só precisa mandar o transporte e alimentação." Mas quando é uma escola, eles se responsabilizam, só pelo lanche, só pela alimentação.

É bem parecido aqui

É, o transporte vai pela Universidade.

É, o último ano nosso de apresentação também... foi assim. a gente ia nas escolas com transporte da Universidade. Mas, aí a gente almoçava lá na escola, por exemplo, porque aí gente passava o dia, né? Daí você passa o dia, apresenta de manhã e apresenta a tarde.

Isso. Aqui a gente tem apresentado muito, nas aberturas das feiras de ciências. Então quando vai, é a época de ter a feira de ciência, a gente recebe muitos convites. Então, assim, tanto para Mossoró, como para fora de Mossoró. E aí... aí como é uma abertura, uma coisa, um horário só. aí a gente vai se organiza, e come naquele turno, faz apresentação e depois retorna.

Você já falou né? que vocês apresentam geralmente em praças, escola, não tem um lugar certo, né? Vocês apresentam em...

É.... em auditório de escola, e já até em sala de aula a gente já apresentou... no meio de pátio. Então, assim claro, que se perde um pouco com cenário, se perde. Mas, você também não pode, a gente pensa, que a gente também não pode se prender muito a isso. Porque se a gente começa a se prender muito a isso... a gente também não vai dar acesso, a quantidade de pessoas que nós gostaríamos que tivesse. Então a gente vai. A gente só pergunta antes, para saber se vai precisar levar microfone, se não vai precisar, essas coisas... e como nós vamos poder organizar esse cenário. Mas, a gente não nega uma apresentação, por causa de um lugar não?

E vocês tem estrutura para apresentar em qualquer lugar ou...?

a gente tem caixa de som, a gente tem microfone, né? aí então a gente se o lugar não tiver a gente já leva.

É do projeto mesmo? A estrutura do projeto mesmo?

A estrutura é do projeto. Exatamente. A gente tem uma caixa de som, tem os microfones, tem uma mesinha de som, aí o computador leva... leva os nossos mesmos, e a gente tem esse...É bem recente, a gente ainda nem chegou a apresentar. Uma estrutura para poder botar fundos brancos ou pretos. Mas, a gente recebeu ela a pouco tempo, não deu nem tempo ainda de usar e leva o cenário da peça, e adapta da forma que for possível, né? para o local...

Que legal... eu quando você tava, você tava falando... no Ciência em Cena, muito do que vocês falaram, lembra-se o que a gente trabalha. Assim, também a mesma coisa viaja, pano preto para levar a estrutura... já apresentamos até dentro de salão paroquial de igreja... [risos]

É... a gente apresenta em todo, todo o canto... porque, se não perde o sentido. Claro, que quanto mais estrutura, quanto mais é.... melhor fica. Mas, aí a gente faz uma ou duas apresentações dessa ao ano, no teatro daqui. É diferente.... Então no teatro, a gente vai poder usar tudo..., Mas... e as pessoas vão poder ir. Mas, aí não é todo mundo que pode ir pro teatro né? Não é todo mundo que mora aqui. Então a gente não...

O teatro de Mossoró é grande?

É. É lindo! Aqui a gente tem... tem, dois bons teatros e outro teatro menor. Mas o teatro principal é enorme...enorme, enorme, enorme. Estrutura fantástica! Mais de 1500 pessoas cabe...

E o retorno do público... Vocês fazem algum tipo de pesquisa...? Vocês já fizeram?

Já fizemos. Já fizemos, sim. A gente já fez pesquisas de uma forma mais geral, de passar pequenos questionários, de forma... só pra marcar, mesmo, no final. Pra ter uma percepção geral do que ele tiveram. A gente já fez pesquisa mais específicas com as escolas... por exemplo, de ter uma pessoa que faz parte dos Fanáticos, que se apresentaram lá naquela escola e aí depois ela vai lá e faz uma pesquisa com aquele corpo que assistiu. então a gente já fez algumas coisas assim do tipo. já apresentou peças que antes a gente distribuía e sinopse e que não distribuía... aí fazia esse comparativo do que era melhor, né? Então a gente já trabalhou com essas coisas.

então hoje vocês têm uma boa relação contudo... Vocês acham que a região toda aí, tanto da cidade, como as cidades envolta já conhecem bem o trabalho de vocês?

Conhecem. Conhecem, eu acho que aqui várias escolas aqui já conhecem. e a gente tem outra coisa também, que é bem interessante... Mossoró ela é uma cidade, que ela fica no meio entre duas capitais. Ela fica no meio de Natal e Fortaleza. Então nosso alunado da Universidade, ele é muito amplo. Porque não é só... não são só alunos de Mossoró, existem muitas cidades de interior circunvizinhas a Mossoró, em que nossos alunos residem. Então vem e voltam todos os dias, por exemplo, Areia Branca aqui é uma cidade do Rio Grande do Norte. Icapuí, já é uma cidade do Ceará e aí tem os ônibus que as prefeituras disponibilizam para eles virem e voltarem todo dia. Mas, onde é que eu quero chegar com isso, aí Açu fica a 80 km daqui é a mesma coisa... e várias outras cidades. O que eu quero chegar com isso é o seguinte, a gente forma os alunos e eles normalmente retornam às suas cidades, e se tornam professores daquela cidade. Como eles se tornam professores daquela cidade e eles conhecem o projeto, então eles querem divulgar para cidade deles, aquele projeto. Então eles contatam o grupo, para o grupo ir apresentar lá na sua cidade. Então tem muito isso, sabe? muito mesmo. Então a gente vê, que o grupo ele já é bem conhecido.

Ah legal então! eu vi que você falou um pouco nas suas falas... Você já ouviu falar desse termo desenvolvimento territorial sustentável? se isso em algum momento já veio em discussão com vocês ou com o grupo Fanáticos

Com o Grupo Fanáticos não, mas eu tenho essa noção... porque eu faço.... Eu sou... Faço parte de um programa de mestrado que é em ciências naturais, e tem... tenho colegas que trabalham com essa temática. Os colegas da área de gestão e de geografia. Então a gente, acaba conhecendo um pouco trabalho deles também. Mas, a gente nunca discutiu isso em

relação à questão dos Fanáticos, discutimos no ano passado para... teve um projeto né? que era para mandar do Estado. E que a gente mandou para concorrer e nós tivemos como esse objetivo de apresentar em cidades, que não tem... não tem, a gente não tem lembrança dos Fanáticos terem ido apresentar, então nós tivemos essa preocupação. Mas não foi, algo... “Ah vamos ver essa territorialidade”. Não foi essa a lógica, foi mais de dar acesso também, a essas pessoas que nunca tiveram oportunidade de ver. então foi mais nessa lógica. Infelizmente o projeto não foi aprovado, mas *tava* incluído 10 cidades.

Então você que tem esse conhecimento. Você particularmente dentro do grupo tem esse atendimento que vocês fazem isso né? Fazem esse trabalho de formiguinha, de desenvolver uma região, de levar o conhecimento...

Com certeza! Inclusive a gente já foi várias vezes para cidades, por exemplo, tem a, aqui tem muito a implantação de energia eólica, e da energia solar. Então nós já fomos convidados duas vezes por essas empresas, que estão implantando essa energia eólica pra que a gente vá apresentar algo com a temática ambiental. Então isso vem acontecendo também, né? E também por meio dos próprios alunos que são egressos, daqui do curso. A gente faz muito isso, a gente apresenta bastante. Ocorreram anos, muito complicados para fazer isso, porque foram anos que a gente... pegou um governo do estado. Que a universidade aqui é estadual. Então o último governo do estado, ele foi péssimo para Universidade. Basta eu lhe ele dizer que, a gente passou quatro meses sem receber salário. [...] Então se ele mexeu, até no nosso salário, você imagina... Então a gente não tinha transporte, a gente não tinha como conseguir esse transporte, então durante uns dois anos foi bem prejudicado, essa territorialidade. A gente teve muito prejuízo, isso porque a gente só tinha o transporte se eles mandassem. E aí então, houve esse prejuízo, mas o normal é sempre a gente ir.

Vocês estão em quantos hoje no grupo?

O grupo hoje, eu já perdi até a conta, mas é cerca de vinte. [Risos]
Porque tem... todo ano, entra e sai. Ele tem uns que se formam, e os que estão ingressando no curso, e que já se identificam

É, essa característica do... eu reparo, assim, com exceção no projeto da Karina né? Que é um outro um público. a maioria... a maioria dos projetos de teatro científico, né? Que estão ali dentro do instituto, tem essa característica de rodar os... os integrantes e os participantes por conta disso mesmo, por conta do... que eles vão se formando e eles vão saindo né? E os, os professores continuam sempre ali, né? que na verdade os protagonistas são eles. Mas, por intermédio de vocês, né?

Exatamente. A gente que vive sempre em constante formação desses alunos, porque há essa rotatividade. O que a gente tem ganhado mais tempo, em relação a isso é que vários alunos quando terminou o curso, ingresso no mestrado e seguem nos Fanáticos. Então a gente tem conseguido isso, já tem passado essa experiência... sai na graduação entrou no mestrado na UERN e continua nos Fanáticos. Mas, quando sai, né? Vão... cada um vai para sua cidade, ou passa em algum concurso, ou vai trabalhar e sai do grupo. Então essa rotatividade é bem constante.

Tem programa de doutorado aí ou só mestrado?

Tem programa de doutorado, mas ainda não tem no que eu oriento, né? a gente vai tentar submeter agora essa próxima avaliação do [...] mestrado já tem.

Mas é na área de química também? ou é na área da educação?

Não, a gente tem de educação e tem que ser de ciências ambientais, ciências naturais. Eu oriento nas ciências naturais. Mas a gente tem um mestrado de educação, que é o Pós-EDUC e o de ensino que é o Pós-ensino. Tem esses dois também.

Aquela né? Perguntando já do doutorado, nem terminou o mestrado. [risos]

Mas é.... Aí o Pós-EDUC, que o de educação, ele já tem o doutorado.

É, eu não sei ainda, mas eu.... Eu acho, que eu não... eu não faço outra, eu não faço uma outra pós-graduação sem bolsa. Porque esse meu mestrado foi sem bolsa, né? As bolsas que eu tive foi vinculada com o programa LabMóvel, né? um projeto onde eu, onde eu atuo... Hoje eu não tô. Hoje eu saí da bolsa do LabMóvel, porque eu me mudei para Curitiba. Aí eu decidi sair e ficar só com meu projeto de mestrado, vinculado ao projeto, enfim. Minhas ações enquanto teatro científico dentro do projeto ainda continua, sabe? Mas, eu não tenho uma bolsa hoje, eu não sou bolsista de nada assim....

É muito complicado

Não, eu, eu... eu já deixei claro meu orientador que eu não vou entregar meu, meu mestrado no prazo, porque não tem como. Tô trabalhando... como é que eu vou trabalhar, fazer... fazer entrevista, fazer, fazer tudo, no tempo, não tem assim.... daí é uma coisa que eu tenho para minha vida. Se eu for fazer um mestrado...um doutorado, vai ser com bolsa, assim.... sem bolsa, eu não me arrisco fazer mais.

É muito complicado, muito complicado. Porque é um trabalho árduo e a pessoa não tem, não tem como se sustentar. Porque a pessoa precisa sustentar.

Foi parte da minha, da minha, do meu mestrado... esse pedaço do meu mestrado, isso assim, e mas.... Tá sendo legal, assim.... eu tô descobrindo.... E essas, esses encontros com, com vocês do Ciência em Cena também, do Instituto, tá me fazendo pensar em algumas coisas, conhecer também, né? São várias formas de fazer, de se fazer... Fazer divulgação científica, do fazer teatro, porque é....que é um teatro também, né? É um fazer teatro diferente sim, e.... quando vocês, você falou um pouquinho ali, que antes era mais um Show. Quando foi que realmente assim, o ano, né? Que vocês entenderam: “Não o que nós fazemos aqui é teatro, é divulgação científica ou teatro científico”?

O ano eu não sei lhe dizer, porque eu não *tava* nem universidade quando isso aconteceu. Eu sei um pouco do histórico, né? Mas, eu acredito que isso começou junto com o Ciência em Cena. Porque como Os Fanáticos, eles participaram já desde a primeira edição, e Karina convidou grupos. Os Fanáticos, já foram convidados. Então, a partir dali, já começou a fazer o teatro. Mas aí eu não *tava* na universidade, nem como aluna. Isso foi em 2003... 2003/2004 por aí... eu não lembro bem. eu não *tava* no grupo não...

no grupo antes do Luiz falecer, era você, o Luiz e Kelrison, isso que queria saber... era só vocês três?

É, o grupo quando eu cheguei, em 2010 era só era Luiz e Gaultier, o professor Gaultier. Aí eu ingressei, aí Gaultier depois saiu, ele foi saindo, assim....se desvinculando aos poucos e aí ficou por um bom tempo só Luiz e eu. Quando há dois anos atrás, Kelrison assumiu o concurso, né? Da UERN. Aí ele se interessou e ele já ingressou. Então ficou Luiz, Kelrison e eu. Aí agora né? Luís faleceu. Tá só Kelrison e eu mesmo.

Que legal! é muito legal assim, porque vai passando, né? Só que sempre precisa de ajuda né? Mais um professor ajudaria, né? Vocês têm uma boa aceitação dos professores de química, e da universidade em geral, ou têm curso assim.... o professor fala: “não isso aí é uma perda de tempo, só uma bobagem.”

Ah... isso... Isso aí foi um processo lento, porque agora nesse momento a gente tem bastante apoio, mas por muito tempo... é até mesmo quando eu cheguei, tudo era visto por muitos colegas, como uma bobagem, como uma perda de tempo, como algo que era besteira. Então foi um longo tempo de trabalho, para que eles reconhecessem a importância disso. Mas, não foi uma tarefa fácil não.

Vocês não têm curso nas áreas das Artes aí né?

Não.... A, gente só tem música. É, mas artes cênicas, a gente não tem. Mais ele tá em processo de construção, ele tá para.... Para ser aprovado.

É, no nosso caso aqui, quando a gente montou o grupo de teatro científico... era *chapuletada* atrás de *chapuletada* dos professores de licenciatura em artes. a gente tinha licenciatura em artes, a gente não tinha artes cênica. Mas, eu sei lá por qual motivo, eles achavam que eles entendiam muito, sobre. Porque tinha dentro do curso licenciatura em arte, tem as quatro linguagens que os alunos trabalham é, música, teatro, dança e visuais. E eles tinham um preconceito enorme... assim, foi...eu ...isso acabou. Vou ser bem sincera... isso acabou quando o Ciência em Cena, veio para Matinhos, quando a gente conseguiu desmistificar tudo assim. Eles deixaram de ter marra por causa do, desse, desse projeto de teatro científico, dentro do nosso setor ali. Foi quando veio o Ciência em Cena que eles viram, sabe? Eles precisavam ver com os olhos... Não achar que a gente era incompetente, porque tem que toda questão de: “Ah não. Eles não sabem, não sabem o que estão fazendo.”

a gente era mais, a gente não... não tinha isso, porque não tem esse curso aqui, né? mas a gente era mais dentro, do próprio departamento mesmo. Né? porque a gente é bom com ciências exatas, né? Então aquele pessoal com uma cabeça bem... complicada, né? Então, é... Foi, foram vários desafios. Dentro da Universidade, acho que tem relatos assim, com a época também, que algum pró-reitor de extensão, também não valorizava muito porque ele era da... ele era da do teatro, aqui em Mossoró tem muito teatro de rua. Inclusive o.... existem espetáculos grande, gigantesco de rua né? A gente *tava* até vendo que, vai mandar o projeto... do Ciência em Cena e ele... ele só pode ocorrer até junho e a gente *tava* vendo que ele não poderia ser no mês de junho, na época que estivesse ocorrendo o São João aqui... que a gente não ia conseguir espaço para nada. Mas, é nessa época, desse São João que tem o “Chuva de Balas” que é um espetáculo a céu aberto... é uma coisa assim, bem bacana, musical... Mas... então esse pró-reitor participava desse espetáculo. Se achava o ator, né? Então ele tinha esse mesmo pensamento que você tá dizendo ali, que aquilo ali era besteira e que não sabia que *tava* sendo feito. Mas aí ele se aposentou e vieram pessoas com uma outra mentalidade. Então hoje a gente, é.... sofre menos com isso.

Legal era isso [...] queria já tinha respondido aquele questionário lá né? que eu mandei. E aí ficou essas coisas em aberto para.... Eu para eu encaixar na minha pesquisa. Muito legal.

Você me manda o e-mail que você quer que eu envie, para mandar a gravação pelo WhatsApp mesmo

Mando sim

Pois, tá joia. Pois, um abraço grande e um abraço [...].

Mando sim ela acabou de sair aqui “da [...] é aquela que fez oficina? Nossa ela é muito legal!” Ah mas, que legal tomara que a gente consiga aí, o ano que vem, se a gente conseguir um grupo, eu consiga, ou eu ir sozinha

Já, já, já é uma já é bom demais vai dar certo sim

Obrigada viu [...] Bom trabalho aí

De nada um abraço

Abraço tchau

tchau

APÊNDICE VII – ENTREVISTA COORDENADORA III

A gente parou na metade da entrevista que ele dia...

Eu lembro alguma coisa, você tinha falado de três perguntas... alguma coisa assim.

[...] olha pelo meu script aqui... a gente parou na pergunta de quanto tempo os Olhares estavam.... que você tava no Olhares, que você estava com teatro científico... parou nessa...[...] é... já tá gravando já né? [...] Então Karina, na verdade eu vou dar, vou dar mais uma resumida assim, para a gente não ficar muito[...] você contou, você já contou bastante da história, como você foi parar aí, inclusive... eu não sabia [risos] eu achei, eu jurava que você era professora da UFSCAR. Eu queria saber um pouco da questão de vocês, e o público-alvo de vocês, como é que vocês fazem... como é que vocês fazem isso assim... o público de vocês tem um público alvo, ou se é para todo mundo que quiser assistir... vocês... como como funciona?

Os espetáculos eles são montados pensando na faixa de idade... é... escolaridade. Então geralmente os espetáculos eles têm um tema, né? Eles são, encomendados assim! Então, se você vai, por exemplo, então a gente preparou o “Ciência que Ri” dos vidros, né? Então a gente falou sobre os vidros, pensando em crianças... de terceiro ano, quarto ano, então a gente adequou né? A peça, dos palhaços, com a linguagem, para. trabalhar com esse público... Eu acho que todas as peças elas acabam sendo nesse formato né? Então, justamente por a gente trabalhar com Divulgação Científica e... e pensar muito essa questão da linguagem. Como você se comunica com o público... a gente, acho que... primeiro pensar no público e depois pensar no espetáculo, né? acaba aqui, a gente tem um roteiro base esse roteiro barra sempre vai se modificando de acordo com o público, né? E isso é uma preparação geral, tanto da gente né?... minha enquanto diretora e aí, todas as pessoas que vão atuar... então tipo, não ter palavra de baixo calão, né? em algumas situações por causa dessa parte mais didática, educacional, então... isso o Ouroboros né? O Olhares, ele tem uma certa independência, assim. Mas, acaba que eles vão... né? na mesma, tocada. Mas, eles têm mais... agora em particular, na peça nova que a gente tá criando. tem mais outras... questões. a gente tá pensando no público mais adulto, enfim.

e... vocês... você falou né? Que é a UFSCAR que [...] que hoje, subsidia os projetos, né?

Sim, a UFSCAR ela sempre, né?... Como eu falei pra você, surgiu como um projeto de extensão né? E... um programa de extensão depois, uma coisa maior, porque você tem que tá.. Né? Aportado lá na UFSCAR enquanto programa e... no nome do André, né? Que é o... ele é o professor efetivo [...] então, todos os projetos estão no nome dele. Alguns projetos estão no meu nome, também. Eu tô com, como professora voluntária, já faz um tempo, né? Então com professora voluntária eu consigo também, colocar alguns projetos [...] neste edital de extensão. [...] aí a gente sempre solicita recurso, né? Então na UFSCAR, ou se não, órgão de fomento, né? então, tem a FAPESP aqui em São Paulo, né? E... enfim, são parcerias né? dependendo do espetáculo, dependendo do projeto... a gente vai firmando. então ou... ou são parcerias com relação a espaço, por exemplo, né? então, precisamos ensaiar, precisamos de um espaço... então, é aonde que a gente vai ensaiar... e aí sempre tem uma permuta, né? então tá! Ensaio aqui, aí apresenta ali... sabe? então tem essas permutas, que não necessariamente é dinheiro, né? Cash assim... então, todo mundo acaba sendo voluntário, no projeto. Então não tem...Pessoal do Olhares, em particular tradução, tem um o BPC, ou senão tem uma aposentadoria, né? então... formalmente eles não podem receber pelo trabalho. E na verdade, a troca com ele outra, né? Acho que... E, o pessoal da UFSCAR é via projeto de extensão, existem os bolsistas, né? A possibilidade de terem bolsistas, às vezes, nessa... [...] nesses projetos né? então... que mais?

Então, vocês se apresentam na.... vocês não apresentam só em São Carlos? Até porque eu acompanho vocês, vocês já viajaram o mundo! [risos]

sim a gente apresenta... é, então de novo né? a gente ou é convite.... [...] então... aí, ou a gente vai, a convite ou é porque uma, uma demanda nossa, de querer ir e participar, né. Nato, particularmente são eventos, de educação científica ou de divulgação [...] aí quando é um a convite né? alguma secretaria, alguma escola... então, o pessoal sempre faz o suporte, de transporte, de alimentação para o grupo né? Às vezes, a gente faz umas parcerias que são mais assim: precisamos levantar recurso para... um outro projeto. Por exemplo, né? Então, aí particularmente, escolas privadas assim ne? Então a gente faz lá, as parcerias que monetizam assim, né? Então tem, pessoal faz uma... uma vaquinha, alguma coisa assim, para... e esse dinheiro vem, para outro projeto. Então é assim que[...] né? o recurso circula, dentro do projeto.

As próprias apresentações fazem com que... isso aconteça né?

Isso. É uma maneira de você, se auto sustentar, vamos dizer assim.

E vocês são bem conhecidos aí na região? Tipo, por exemplo, é só em São Carlos ou as cidades vizinhas também conhecem vocês? Vocês têm esse contato com as cidades vizinhas?

Ah eu acho que é bem variado assim, tem gente que... E é muito engraçado, que eu escuto desde "Nunca ouvi falar" até "Nossa! [...] O Ouroboros!". Então é difícil saber assim, é que tem muito tempo já. Então, dentro das instâncias de São Carlos assim, governamentais, da própria universidade, o projeto é bem conhecido. Então ele abre portas, para alunos, enfim... "ah há participei..." então o pessoal já sabe. Mas, dentro da parte acadêmica mesmo, da química e tal. Então o Ouroboros acaba sendo bastante conhecido. Mas...

Nas cidades... vizinhas?

Mas... não. Aí eu acho que, de repente tem a ver com esses projetos né? Que quando a gente vai via Secretaria de... aí a gente acaba levando, o teatro, enfim... mais o teatro, né? Ou o pessoal vem pro Circo da Ciência, então acaba conhecendo. Mas é muito... acho que são ciclos, né? Então, os ciclos de ano, de semestre, às vezes, que aí muda tudo. Então, muda tudo tanto na parte de formação do grupo, como a da própria comunidade mesmo. Tem que ficar sempre renovando essa história de "o grupo existe, ó!", como que é...

É essa a relação que você tem que criar com a própria região né? Não só com a cidade em si mas com as cidades em volta né? é uma relação que você sempre tem que estar renovando

Sim, acho que é. Porque senão, fica esquecido assim, mesmo. Eu acho que esse ano em particular [...] vai ter um esquecimento mesmo. Porque [...] a gente vai estar distante, então realmente não sei como é que vai voltar depois, né? Justamente por causa do formato, né? É um formato que é único, essa coisa da interação com o público, enfim. Então, o teatro ele tem muito isso. Então realmente, a gente pensa né? Tenta aqui o formato a distância, né? Mas, nossa, é bem complexo assim. Não sei... fazer com uma pessoa já é complexo, porque né? A internet pode não colaborar, dessa uma pessoa. Fazer com um grupo de dez é bem, assim ao vivo, é bem difícil.

Eu imagino que deve ser... A gente aqui, também se bate, em algumas coisas com relação a internet. Eu pergunto isso com relação a região e as outras cidades, porque

a gente sempre pensa né? Quando a gente tem um grupo de teatro científico, a gente sempre pensa em apresentar na cidade vizinha né?

Sim, é! No formato de você né? Eu acho que é bem isso mesmo, e é o foco né? Da sua pesquisa, acho que tem muito [...] pensar nessa questão da região. Mas o nosso acaba que a gente atende uma demanda nacional assim [...] E ela tá muito vinculada, realmente [...] ao conteúdo científico. Então não está realmente dentro da região. A gente oferece, quando [...] acho que foi ano passado, ano retrasado, não sei. Que foi isso: a gente estava apresentando mais fora da UFSCAR e de São Carlos, do que na cidade. Então, a gente era mais conhecido fora, por causa disso. A gente tinha muita demanda, quase era uma vez por semana e, se a gente contabilizar tudo que foi... todos os projetos, apresentações e tal. Aí, eu falei “não, vamos fazer alguma coisa aqui na cidade”, então foi por isso que apareceu o “Ciência que Ri: Mundo dos Vidros”. Porque eu falei “não, a gente precisa atender aqui também né? As escolas, e vamos fazer um projeto voltado pra cá”. Então daí a gente percorreu todas as escolas públicas da rede municipal, estadual daqui. E de algumas regiões. Então todas assim, todas que foram sugeridas pela diretoria, porque todas também não dava. A gente não tinha folego para tantas. Mas, as municipais deram pra atender [...] E aí foi, mas nesse, terceiro, quarto ano... Mas, é vasto assim, só nessa rodada a gente atendeu [...] umas três mil crianças.

Quanto mil habitantes tem em São Carlos?

Aqui, deve estar com... duzentos, mil.

É tipo Rio Claro... é maior ainda? São Carlos dá... da toda população do litoral. Então, digamos que a gente... se a gente fosse fazer um comparativo, a gente atende, quase a mesma quantidade de pessoas, né? Porque São Carlos é grande. O litoral se juntar todas as cidades, deve dar isso, deve dar duzentos mil habitantes. Apesar de que Paranaguá é muito grande né? Mas a gente conta Paranaguá de uma forma diferente né? Porque é quase uma região metropolitana assim. Eu pergunto isso por causa dessa questão mesmo do desenvolvimento de uma região. Eu acho que a gente até já conversou sobre isso sobre esse entendimento. mais você, do que até os próprios participantes tem esse entendimento de desenvolvimento da região de vocês de desenvolvimento da que vocês. O que vocês estão fazendo além da divulgação Científica se estão desenvolvendo uma localidade uma região se né através da divulgação Científica

É que São Carlos é uma capital de tecnologia, de universidades e de repente, a gente tem dois, quando a gente fez essa tournezinha e pronto né? A tournezinha era eu e o Thiago né? Então tinha duas pessoas, porque era bem complexo, essa situação de muita gente rodando, não dá. não bate, a agenda... é muito difícil mesmo, rodar com muitas pessoas [...] ao longo prazo, assim. Então, a gente tinha escolas, que o pessoal nem sabia, dentro de São Carlos né? nem sabia que existia uma universidade pública, tem né?... essa situação. Que poderia estudar lá, enfim. Então, acaba que a gente faz essa promoção também né? na região, por que da própria universidade. Então nesse ponto a gente promove, essa situação, mais na educação mesmo. Porque eu escutei desde “Ai gostaria de ser... quero ser cientista...” e tal, “estudar...”, aí materiais que era o caso do tema da peça. Então eu acho que a gente acaba promovendo, estimulando esse tipo de pensamento, nas crianças assim... E eu assim, ao longo de todo esse tempo todo de Ouroboros, então eu já presenciei pessoas assim, dentro da universidade que assistiram os projetos, que assistiram as peças na comunidade né? Então, sei lá quanto tempo atrás, e depois vieram estudar na própria universidade. Então... e não esqueceram, né? São peças que eles vieram fazer questão de me contar. Alguns vieram participar do Ouroboros, dentro da universidade. Então nessa questão, acho que tem isso mesmo, não só do regional. Eu acho que é tão forte que, eu lembro de um grupo que veio de Minas para conhecer o Ouroboros e passar um dia conhecendo o projeto. E tem isso né? A

UFSCAR ela acaba sendo uma referência pra muita gente, tanto em termos de educação, tecnologia, divulgação...

Eu, se eu pudesse escolher um lugar para trabalhar com teatro científico, fazendo um doutorado e tudo o mais. Eu queria ver a possibilidade de escolher a UFSCAR, assim, por várias questões. Eu entendo perfeitamente isso, assim. Eu acho que se fosse para escolher, eu escolheria por isso mesmo, por esse desenvolvimento que vocês fazem, que é acadêmico, é científico, mas também ele é um pouco regional. Ele desperta vontade nas pessoas que veem o projeto. Então quando você descobre, quando você é conhecido numa região, você desperta algo numa pessoa, você tá desenvolvendo a sua região.

Sim, bastante. Só que é um trabalho constante né? Eu já falei assim, você tem que estar sempre renovando, porque são pessoas novas, alunos novos, todo ano. Então a gente... Numa temporada[...] aconteceu muito no "Ciência que Ri", das crianças terem uma mobilidade de escolas. Então, pessoas que mudaram de escola de um semestre para o outro, ou que [...] Eu lembro dessa questão de ir do municipal para o estadual, ou vice e versa, e aí como a gente rodou o ano, aí quando chegou na vez daquela escola "Aí já assisti essa peça, na outra escola" ... e ela lembrava né? De tudo que tinha acontecido e tal. aí foi interessante assim. Então, você tem dentro da própria cidade essa mobilidade também. [...] e por outro lado crianças que foram para outra escola e que a gente já tinha passado, aí ficaram, não assistiram né? Então, tem essa situação também. então isso teria que ser uma coisa de política pública mesmo, né? para ter efetivo, assim acho que uma parceria universidade-secretarias né? para que isso acontecesse... Aí sim, aí acho que fica interessante em termos de formação, porque tá lá né? Acho que a arte né? a gente foi numa outra temporada, com oficinas de história em quadrinhos né? não como teatro, mas também com quadrinho científico. E aí, está lá no currículo das crianças, das habilidades da escrita, do que é o quadrinho, e tal. Então, puxa! podia ter o teatro também né? porque é muito forte assim, a gente foi com a temática dos quadrinhos de vidro e elas lembravam de tudo que aconteceu no espetáculo né? então isso, sei lá, seis meses depois, um ano depois. então é forte, poderia.... Não sei, é difícil né? Porque o governo muda também. E agora vai mudar e, tem que ser realmente uma política pública que não dependa de um governo assim, tem que ser instituída. aí eu já não sei, é uma outra conversa. Mais aí políticas públicas, entraria muito no assunto né?

mas acho que a gente já conversou sobre isso se você já tinha esse entendimento de desenvolvimento territorial. Ou isso, se você já conhecia esse termo.... Tinha esse entendimento no grupo, ou é novo pra você, vocês no caso?

Eu acho que o grupo, não. o grupo.... Acho que a gente já tinha conversado realmente, dessa questão do desenvolvimento, quando você falou pra mim lá atrás da sua dissertação. Mas, e eu fiquei pensando né? O que que era esse desenvolvimento. Mais, em termos de formação mesmo, né? De educação, que é o que pertence a nossa interface ciência, despertar a curiosidade. Mas enfim, ele é limitado, porque você tem lá uma atividade não formal, ela é quase informal se a gente for pensar. Então às vezes ela está lá dentro da escola, mas é uma pincelada lá dentro. Então, às vezes a pincelada mexe com a estrutura da escolheu lembro quando eu fiz Pedagogia, eu fui fazer esses estágios assim, na escola e aí lá na escola, justamente por causa do pessoal conhecer o trabalho do Ouroboros e tal. A professora falou "Aí Karina, então vamos fazer uma peça de teatro aqui né? Com a turma e tal...." pra falar do, acho que era ambiental o tema, falar sobre lixo e tal. Então aí fica bem presente, porque está com lá turminha, e está sendo trabalhado durante um semestre, e tempo é importante. Esse trabalho que ele é mais, a longo prazo ele fica mais significativo, eu acredito. Então seja ele na comunidade, seja ele dentro ou fora da universidade, eu acho

